Líderes Sindicais Estudam Novas Bases Para o Salário Mínimo

Texto na 2ª página

NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA A GUANABARA

ANO III — Rio de Janeiro, semana de 14 a 20 de julho de 1961 — Nº 123

Vedete no desfile aéreo

IMPONENTE e audacioso nas suas linhas, provocando admiração e espanto em todos que viam a sua passagem sôbre os céus de Moscou, o bombardeiro a jacto que vemos na foto foi uma das vedetes da parada aérea realizada dia 9, na capital soviética, para comemorar o Dia da Aviação na URSS. A demonstração realizada êste ano deixou estupefatos os observadores militares ocidentais, que afirmaram serem alguns dos aparelhos mostrados superiores em tudo aos mais aperfeiçoados existentes nos seus países. Foram particularmente notados, caças dotados de foguetes de tipo desconhecidos, helicópteros gigantescos e aparelhos capazes de atingir ràpidamente a grandes altitudes.

A grave situação da economia calceira

Art. de Manoel Paiva na 4ª pág.

Atrevido e Indesejável Cabot Deve Ser Expulso

Carlos Marighella

RETORNANDO há pouco dos Estados Unidos, o embaixador norte-americano John Moors Cabot, a propósito da eventualidade da participação do Brasil numa conferência de países neutros, declarou à imprensa que somos um país "comprometido". Com isso quis significar que lá não deveremos ir. A declaração do embaixador norte-americano é atrevida. Sua fala ressoa como a de um senhor ditando ordens a seus escravos. O tom é de advertência e ameaça.

ESTAMOS, assim, diante de mais uma intervenção da embaixada dos Estados Unidos nos negócios internos de nosso país. E isto constitui um insulto à nossa soberania. O embaixador norte-americano arroga-se o direito de criticar, reprovar e vetar assuntos de única e exclusiva competência do Brasil. Segue o exemplo de um dos seus antecessores, o ex-embaixador Adolfo Berle, cuja atitude insultuosa de intrometimento em nossa vida interna levou nosso povo a exigir seu afastamento do país.

A AFRONTOSA maneira de agir do embaixador Cabot não constitui novidade nas relações entre os Estados Unidos e o Brasil. A interferência nos assuntos internos dos países latino-americanos continua sendo uma constante no modo de proceder dos Estados Unidos. O presidente Kennedy já havia [illegible] os governantes do centro e do sul do Continente, sobretudo Brasil, México e Argentina, por não terem participado com os Estados Unidos da fracassada invasão de Cuba. Ainda há pouco, o embaixador Adlai Stevenson veiu ao nosso país com o objetivo de impor ao govêrno brasileiro a mudança de sua posição de respeito à autodeterminação do povo cubano. Por último, regressa o embaixador Cabot de suas férias, após receber as mais recentes instruções do presidente Kennedy, e nos agride com suas desaforadas afirmativas.

TUDO ISTO faz parte da política posta em prática pelos dirigentes dos Estados Unidos, visando a fazer pressão sôbre os governos latino-americanos e dêles arrancar novas e maiores concessões. Quando o embaixador Cabot assinala que o Brasil é um país "comprometido", o que êle quer é lembrar a existência dos tratados e acôrdos lesivos aos nossos interêsses, tais como o Tratado do Rio de Janeiro, a Carta de Bogotá, o Acôrdo Militar Brasil-Estados Unidos, o Ajuste sôbre Fernando de Noronha e outros. O que êle pretende é atemorizar-nos e assim levar-nos diretamente à participação nas aventuras intervencionistas dos círculos dirigentes dos Estados Unidos. Êstes documentos constituem, porém, obrigações humilhantes, aceitas por governantes desonrados e subservientes, mas jamais admitidas pelo nosso povo.

SOB O IMPACTO da gritante intromissão norte-americana em nossos assuntos e pronunciando [illegible] palavras de tráfego embaixador, o presidente da República declara que o Brasil não tolera ingerências de quem quer que seja. Reafirma, entretanto, todos os compromissos do govêrno brasileiro com os Estados Unidos e não deixa dúvidas quanto à sua intenção de cumprir aquêles tratados e acôrdos, traiçoeiramente impostos ao nosso povo. O govêrno do sr. Jânio Quadros não pode eximir-se de culpa pelo atrevimento do embaixador Cabot de intrometer-se em assuntos que só a nós dizem respeito. É êste o preço que pagamos pelo fato de o atual govêrno continuar mantendo uma posição de compromisso com os acôrdos caducos impostos pelos Estados Unidos, e porque, no terreno econômico-financeiro, está inteiramente submisso às exigências do Fundo Monetário Internacional.

NO MOMENTO em que nossa soberania e os brios nacionais são atingidos, a unidade dos patriotas e democratas deve afirmar-se para o repúdio à afronta. Os protestos das organizações dos trabalhadores, das organizações estudantis e demais organizações influentes, bem como dos parlamentares brasileiros soarão como o eco da indignação do nosso povo, que não quer receber lições dos Estados Unidos e apenas reclamam o direito de dirigir os seus próprios destinos.

O embaixador Cabot colocou-se na situação difícil de um indesejável em nosso país, e o que se impõe é a sua volta imediata para os Estados Unidos, a sua expulsão do solo brasileiro. Reunamos esforços nessa direção. Avolumar os protestos contra a atitude insolente do embaixador Cabot significa intensificar a luta pela denúncia dos tratados e acôrdos lesivos aos interêsses nacionais e prosseguir combatendo por uma política externa independente, de defesa da soberania nacional, de solidariedade a Cuba, pelo restabelecimento de relações diplomáticas com a União Soviética e a República Popular da China, pela paz mundial.

26 DE JULHO: GLÓRIA À REVOLUÇÃO CUBANA

UMA FESTA dos povos americanos será o próximo 26 de julho, marco da revolução que derrubou a tirania de Batista e libertou Cuba da dominação imperialista norte-americana. Nesse dia, não só em Havana e outras cidades da ilha gloriosa, mas em todo o mundo, em especial na América Latina, os povos festejam a vitória dos legendários barbudos de Fidel Castro, que assinala o começo ao fim da [illegible]ção dos trustes ianques em nosso Continente.

NOVOS RUMOS oferece aos seus leitores, nesta edição, um suplemento dedicado ao 26 de Julho e ao triunfo da revolução cubana. É uma contribuição ao amplo movimento de solidariedade a Cuba, que empolga todo o nosso povo.

A Família «Continental»

Art. de Almir Matos na 4ª página

Barnabés: Enquadramento e Horário Corrido

REPRESENTANTES de servidores públicos federais, autárquicos, estaduais e municipais de todo o país viram coroados de êxito os esforços que vêm realizando há muitos anos para estruturar tôdas as suas entidades representativas em uma organização central, capaz de coordenar a luta pelos seus direitos e reivindicações junto aos podêres públicos. O fato ocorreu na I Convenção Nacional dos Servidores, realizada de 7 a 10 do corrente, no Estado da Guanabara, quando mais de 100 associações de servidores federais, autárquicos, estaduais e municipais resolveram reconhecer a Confederação Nacional dos Servidores como representativa de tôda a classe. Agora, a luta pela aplicação do Plano de Classificação, pelo restabelecimento do expediente de seis horas e pelo direito de sindicalização tomará nôvo impulso. Na foto, aspecto de uma das reuniões plenárias da Convenção. Reportagem na 6.ª página.

Do Silêncio ao Barulho Jornalistas Protestam Contra a Rôlha de Jânio

SÃO PAULO, (da sucursal) — O salão onde o governador Carvalho Pinto costuma dar suas entrevistas à imprensa estava literalmente cheio, como acontece sempre quando Sua Excelência manda anunciar às redações o desejo de fornecer novidades aos jornais. Mas, logo ao entrar e sentar-se o sr. Carvalho Pinto notou que havia qualquer coisa diferente: nem "flashes", nem os refletores da televisão se acenderam. E depois de gentilmente entregues aos jornalistas as declarações escritas o que se seguiu foi um silêncio embaraçoso: não havia perguntas dos rapazes dos jornais e rádio. Logo tudo se esclareceu: aquela era uma das formas de protesto dos jornalistas paulistanos contra o decreto sôbre o rádio e televisão que o sr. Jânio Quadros baixara recentemente.

ESTAÇÕES de televisão e rádio suspenderam programas de debates, enquanto nas redações dos jornais, nos círculos intelectuais, nos sindicatos e nas organizações estudantis crescia a onda de protestos. O Sindicato dos Radialistas tomou imediatamente posição firme na defesa dos interêsses dos seus associados. E no sábado último realizou-se grande assembléia no Sindicato dos Jornalistas Profissionais, que tomou medidas ainda mais decisivas.

REALMENTE, à assembléia compareceram não apenas profissionais de imprensa, rádio e televisão em grande número, mas também os representantes de cêrca de trinta organizações operárias — federações e sindicatos — que foram levar a seus colegas a solidariedade do proletariado. Uma das resoluções aprovadas foi a da realização, em data próxima, de reunião específica de dirigentes sindicais para a programação de ação conjunta em defesa das liberdades democráticas.

A assembléia dos profissionais de imprensa, rádio e televisão decidiu ainda decretar greve de solidariedade de 10 minutos diàriamente em tôdas as redações, deliberação esta que começou a ser posta em prática com pleno êxito desde têrça-feira. Um manifesto será dado a público esclarecendo o povo sôbre o assunto, ao mesmo tempo em que será intensificada a batalha para levar o Congresso a aprovar uma emenda ao Projeto de Lei sôbre atividades da imprensa, estabelecendo claramente que a parte especificamente jornalística do rádio e da televisão ficam sujeitos à lei de Imprensa. Os jornalistas resolveram ainda manter-se em assembléia permanente e aprovar a ação que a diretoria do Sindicato vem desenvolvendo em defesa dos interêsses da categoria.

Gagarin em Londres: consagração popular e almôço com a Rainha

MULTIDÃO delirante, postada ao longo do trajeto de 24 quilômetros do aeroporto ao local onde se acha instalada a Exposição Comercial Soviética, aclamou entusiàsticamente o cosmonauta Iuri Gagárin. Milhares de londrinos, homens, mulheres e crianças, deixaram o fleugmatismo em casa e foram às ruas proporcionar ao pilôto soviético de 27 anos uma manifestação que, segundo os próprios encarregados do policiamento, ultrapassou em muito tudo que já se viu em Londres no que se refere à recepção a personalidades estrangeiras.

GAGARIN, que se encontra na capital britânica, como hóspede dos organizadores da Exposição Soviética, foi convidado para almoçar com a rainha Elizabeth e deverá ser recebido também, na Câmara dos Comuns, pelo primeiro-ministro MacMillan. Foi entrevistado, logo após a sua chegada a Londres, por 600 jornalistas e radialistas, e pela televisão.

A RECEPÇÃO calorosa dos londrinos ao astronauta soviético rompeu a indiferença protocolar com que o govêrno inglês pretendeu marcar a sua presença na capital, e constituiu a melhor resposta àqueles que pretendiam tirar o brilho das manifestações ao herói do espaço. Os jornais inglêses, os mais autorizados, criticaram veementemente o govêrno, acentuando que a indiferença oficial contrastada com o júbilo popular e, em seguida, com o convite da rainha, constituiram o "maior fiasco do govêrno nos últimos anos".

GAGARIN, após sua visita à capital britânica, deverá viajar para Cuba, onde participará dos festejos do 26 de Julho. Na página 8 desta edição, NR continua publicando *Minha Vida e Meu Vôo ao Cosmo*, escrito por Gagárin

Metalúrgicos Brasileiros Preparam-se Para o Seu III Congresso

Texto na 8ª página

Camponeses de São Paulo Preparam-se Para o Congresso Nacional de B. Horizonte

Realizou-se dia 30 último, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos em São Paulo, uma reunião preparatória da I Conferência Estadual dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, que deverá realizar-se nos dias 2 e 3 de setembro próximo, na capital paulista. Nesse conclave, as organizações camponesas discutirão teses sôbre a situação do campo, a fim de formarem um ponto-de-vista a ser apresentado por ocasião do I Congresso dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, do país, a efetuar-se em Belo Horizonte nos dias 1 a 3 de outubro do corrente.

Além das organizações camponesas de várias cidades, a reunião contou com a presença de grande número de dirigentes sindicais, que ali estiveram para hipotecar solidariedade e oferecer apoio aos homens do campo em suas lutas. Participaram da mesa que dirigiu os trabalhos o sr. Lindolfo Silva, presidente da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil; Geraldo da Silva Prado, prefeito de Santa Fé do Sul; deputado Luciano Lepera; Artur Avalone, presidente da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem do Estado de São Paulo; Luís Tenório de Lima, presidente da Federação dos Trabalhadores de Fiação e Tecelagem do Estado de São Paulo; José Eduardo Freire, presidente da União Paulista dos Estudantes Secundários. Os municípios de Dracena, Marília, Araçatuba, Pompéia, Vera Cruz, Espigão, São Miguel Paulista, Ribeirão Prêto, Garça e Barrinho foram representados por diretores das respectivas associações de lavradores daqueles municípios.

Ao término dos trabalhos foi eleita a Comissão Executiva da Conferência, composta pelos srs. deputados José Magalhães de Almeida Prado, Luciano Lepera e Jorge Nicolau; dirigentes sindicais Romildo Schiaparin, Gentil Neves Correia, José Brasil Castro Alves e Flores Navarro; José Eduardo Freire, pela União Paulista dos Estudantes Secundários.

MANIFESTO

Assinado por dezenas de entidades camponesas e de operários de todo o Estado, foi lançado um manifesto aos lavradores e trabalhadores agrícolas, e no qual afirmam:

«Essa importante reunião que será o I Congresso Camponês pela Reforma Agrária é do interêsse dos trabalhadores da Roça do Estado de São Paulo onde existem mais de um milhão e duzentos mil pessoas que não possuem nem um só pedaço de terra, além dos que possuem terra insuficiente.

Em virtude da importância dessa reunião nacional, consideramos que nosso Estado deve contribuir para a vitória dêsse Congresso. Por isso, as organizações abaixo-assinadas convocam a I Conferência Estadual de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas para os dias 2 e 3 de setembro próximo, em São Paulo, para tratar do seguinte: 1 — a situação da agricultura e dos trabalhadores do campo no Estado e sua solução; 2 — organização dos lavradores e trabalhadores agrícolas; 3 — resoluções e eleição dos delegados ao I Congresso.

Nesta Conferência será discutida, entre outros assuntos, a reforma agrária, uma das principais medidas para ampliar o mercado interno, criar as novas condições para o desenvolvimento da economia nacional, e em conseqüência, a melhoria do nível de vida dos milhões de trabalhadores da cidade e do campo.

Nesse sentido apelamos a tôdas as organizações sindicais, estudantis e populares, aos vereadores e deputados, aos poderes executivo e legislativo, aos industriais e comerciantes e a todos os cidadãos progressistas, para que prestem sua indispensável ajuda.

Lavradores, trabalhadores da roça!

Realizai reuniões e assembléias nas fazendas, nas usinas, nos bairros rurais e em vossas associações e sindicatos. Discuti seus problemas e elegei seus legítimos representantes a esta conferência.

Reforcemos as nossas organizações e nossa união!

Viva a Reforma Agrária!

Viva o I Congresso Nacional!

Viva a I Conferência Estadual de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas!»

TEMÁRIO

O temário da conferência é o seguinte:

I) — **A propriedade e o uso da terra no Estado de São Paulo:**

A Reforma Agrária e a Constituição Estadual e Federal; terras públicas, terras devolutas, terras de propriedade privada; propriedade dos posseiros; preço da terra, condições de venda, prazos, juros, etc.; limites da propriedade da terra; formas de propriedade da terra; empréstimos, financiamento e assistência técnica.

II) — **Medidas imediatas em defesa dos lavradores:** regulamentação legal dos contratos de arrendamento e parceria (preço do arrendamento e seu limite máximo, prazos contratuais, etc.); garantia de preços mínimos na fonte de produção; crédito, ajuda técnica e financeira; adubos, inseticidas, sementes, sacarias e armazenamento; cooperativismo e fomento da produção agrícola; medidas contra a ação dos monopólios assambarcadores e intermediários;

III) — **Assalariados Agrícolas e Colonos:** o salário atual e o salário mínimo; férias e os contratos de trabalho; aviso, descanso semanal remunerado, e demais direitos garantidos pela C.L.T., Estatuto da Lavoura Canavieira, pelas Constituições Federal e Estadual e pelos convênios internacionais subscritos pelo govêrno brasileiro; caderneta agrícola e contratos; melhores contratos e melhor pagamento nas colheitas; desconto do aluguel de casa; extensão da legislação trabalhista ao campo; Previdência Social; aplicação do artigo 166 da Lei orgânica de Previdência Social.

IV) — **Reivindicações democráticas e sociais:** liberdade de palavra, reunião e organização; direito de voto ao analfabeto e direito de greve; liberdade de plantio, compra e venda; garantia contra os despejos; direito a escola e assistência médico-hospitalar.

Assinam êsse manifesto as seguintes pessoas: Lindolfo Silva, presidente da União dos Lav. e Trab. Agric. do Brasil; Eduardo de Oliveira, presidente da União dos Lav. e Trab. agrícolas de Pindorama; Dário Ferreira Lessa, presidente da Associação dos Trab. Rurais de Pompéia; Calixto José Gomes, presidente da Associação dos Trabalhadores Rurais de Vera Cruz; Jovino de Souza, presidente da Associação dos rais de Garça; José Ribeiro, pres. da Associação dos Trab. Rurais de Marília; Alexandre Lombarde, diretor da União dos Lav. e Trab. Agr. Dracena; Eliseo Carlos Silva, diretor da União dos Lav. e Trab. Agr. Dracena; José Garcia Alves, presidente da Associação dos Lav. de Tupã. Eugênio Antonio Tizeu, diretor da União dos Lav. e Tarb. Agr. de F. Paulista; Francisco Sanches Nunes, presid. da Assoc. dos Lav. e Trab. Agrícolas de Mangaratu; João Peixoto Rodrigues, presid. da Assoc. dos Trab. Agric. de Ituverava; Antônio Paula Dias, presid. da Assoc. dos Trab. em Usina de Açúcar, Lavoura Canavieira em Geral de Pontal; Jorceiino de Souza, presid. da Assoc. dos Lav. de Barrinha (ALB); João Bistafa, presid. da Associação de Lav. de Araçatuba; Olímpio Pereira Machado, diretor da Assoc. dos Lav. de Sta. Fé do Sul; Artur Avalone, presid. da Fed. dos Trab. na Ind. Fiação e Tecelagem; Dante Pelacani, presidente da Federação Nacional de Trab. na Ind. Gráfica; Antônio Chamorro, diretor da Fed. Trab. na Ind. Fiação e Tecel. de São Paulo; Floriano Francisco, da Fed. Trab. nas Ind. Químicas Farmac. de S. Paulo; Luís Tenório de Lima, da Fed. dos Trab. na Ind. de Alim. de São Paulo; Milano Neto, diretor da Fed. dos Trab. em Emprêsas de Difusão Cultural e Artística do Estado de São Paulo; Rubens Vasconcelos, da Fed. dos Empr. em Estab. Bancários do Est. de S. Paulo; Manoel Lourenço, diretor da Fed. Trab. Ind. Fiação e Tecelagem de S. Paulo; Alceu Rodrigues da Cruz, diretor do Sind. Bancários de Araçatuba; M. F. Pompeu, diretor do Sind. Bancários de Taubaté; João Carroscoso, diretor do Sind. Condutores Autônomos de S. Paulo; José da Silva, presidente do Sindicato de Indústria de Brinquedos do Est. de São Paulo; Gentil Neves Correia, diretor Sind. Trab. Ind. Panif. e Conf. de S. Paulo; Pedro Daniele de Souza, Sindicato dos Trab. Ind. Constr. Civil e Mob. São Caetano Sul; José Araújo Plácido, diretor do Sind. Trab. Metal. Est. São Paulo; Luiz Firmino de Lima, diretor do Sind. Trab. Têxteis de São Paulo; José Bustos, secr.-geral do Sind. Trab. Met. de São Paulo; Aimbere Guimarães, diretor do Sind. Trab. Quím. Farm. de Suzano; Antônio Capello, sind. Trab. Quím. e Farm. de Cubatão; Luiz Delega, diretor do Sind. Trab. Ind. Alimentação de Araras; Ramildo Chiaparin, diretor do Sind. Trab. Ind. Carnes e Derivados de São Paulo; Paulo Sérgio Araújo, diretor do Sind. de Trab. na Ind. de Trigo, Milho e Mandioca de Santos; Jesus Ferreira Lima, diretor do Sind. Trab. Ind. Alim. de Barretos; Evaristo Lironi, diretor do Sind. Trab. Ind. de Açúcar de Capivari; Osvaldo Carezzato, diretor do Sind. Bancários de São Paulo; Silvio Cillos, diretor do Sind. Trab. Ind. Alimentícia de Piracicaba; Domingos Savino, diretor do Sind. Trab. Ind. de Massas e Biscoitos de São Paulo; João Caetano de Castro, diretor do Sind. Trab. Ind. Oleira de Guarata; José da Rocha Mendes Filho, presid. do Sind. Trab. Ind. Gráficas de São Paulo; Sebastião Lopes, diretor do Sind. Assalariados Agric. e Colonos de Rib. Prêto; João Louzada, secretário do Sind. da Constr. Civil de São Paulo; Pedro Segundo Semionato, diretor do Sind. Constr. Mob. de Campinas; Esiquiel Jorge, diretor do Sind. Const. Civil Amparo; Pedro Daniel de Souza, diretor do Sind. Const. Civil de São Caetano; Cândido José da Silva, diretor do Sind. Const. Civil de S. José dos Campos; Pedro Dias Mata, diretor do Sind. Const. Civil de S. José dos Campos; Angelo Salles, Sind. Const. Civil de Guaratinguetá; Plácido Mazzoni, diretor do Sind. de Const. Civil de Sorocaba; Egídio Russo, Sind. Const. Civil de São Bernardo; Lourival Sita, diretor do Sind. Const. Civil de Campinas; Gervásio Pavan, diretor do Sind. da Const. Civil de São Bernardo; Almino Gonçalves da Silva, diretor do Sind. Const. Civil de Guarulhos; Artibano Guarizo, diretor do Sind. Const. Civil de São Caetano; Benoni da Mata Coelho, diretor do Sind. Const. Civil de Cruzeiro; Pedro Lyra Lima, diretor do Sind. Const. Civil de Presidente Prudente; José Antônio Alves dos Santos, Sind. Const. Civil de Jacareí; Walter Ramos Oliveira, Sind. Marceneiro de São Paulo; Mariano V. Lopes, diretor do Sind. de Marceneiros de São Paulo; José Luiz de Azevedo, Sind. Const. Civil de Araçatuba; Júlio Ane, diretor do Sind. Const. Civil de São Carlos; Felipe Roque, diretor do Sind. Const. Civil de São Carlos; Sibronio de Aguiar, diretor Sind. Const. Civil de Santos; Rui Pontes, diretor do Sind. Const. Civil de Sto. André; Luiz Menossi, diretor do Sind. Const. Civil de São Paulo; Carlos Alberto Cavallaro, diretor do Sind. Const. Civil de Limeira; José Girotto, diretor do Sind. Const. Civil de Limeira; João Bolarenno Morgan, diretor do Sind. Const. Civil de Pres. Prudente; Aerísio Delaruver, diretor do Sind. Const. Civil de São Bernardo; Nelson da Silva, diretor do Sind. Const. Civil de Marília; Alfredo Pistori, diretor do Sind. Const. Civil de São Paulo; João Nicolau, diretor do Sind. Const. Civil de Piracicaba; Luís Antônio Sampaio, diretor do Sind. Const. Civil de Piracicaba; Henrique Zaparolli, diretor do Sind. Const. Civil de Marília; Arnaldo Ronitto, diretor do Sind. Construção Civil de Jaú; Benedito Eugênio de Oliveira, diretor do Sind. Const. Civil de C. de Jordão; Henrique Victor, diretor do Sind. de Const. Civil de Jaú; Caetano Amaro, diretor do Sind. Const. Civil de Jacareí; Antônio dos Santos, diretor do Sind. Const. Civil de Itu; Antônio Pereira Lima, diretor do Sind. Const. Civil de Perus; Guilherme Ciro, diretor do Sind. Const. Civil de Ribeirão Prêto; Henrique Mathias, diretor do Sind. Const. Civil de Santos; Salvador Rodrigues, diretor do Sind. Marceneiros de São Paulo; Roque D. Dolo, diretor do Sindicato de Escôvas e Pincéis de São Paulo; Alfredo Egreyas, diretor do Sind. dos Trab. Ind. Const. Mob. de Santos; Alberto Povoas, diretor do Sind. Const. Civil de Mogi das Cruzes; Silvestre Bozo, diretor do Sind. Trab. Ind. de Papel e Papelão de São Paulo; Cláudio J. Ribeiro, diretor do Sind. Trab. Ind. Quím. Farm. Cubatão; e Irineu de Morais, diretor da U. G. T. de Ribeirão Prêto.

PRESIDENTE DA ULTAB

Aspecto do plenário e da mesa que dirigiu os trabalhos, vendo-se quando falava o sr. Lindolfo Silva, presidente da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil.

DIRIGENTES PRESENTES

Inúmeras entidades representativas dos camponeses estiveram presentes ao conclave. A foto nos mostra um grupo de dirigentes dessas associações, atentos aos trabalhos.

Defende Teu Direito

B. Calheiros Bonfim

ACIDENTE DE TRABALHO — Na teoria objetiva, adotada pela nossa legislação de trabalho, o empregador arca com todos os riscos da emprêsa, inclusive o de cumprir, integralmente, os contratos de trabalho dos empregados acidentados no serviço, quer quanto às férias, quer no concernente à antigüidade quer no respeitante ao salário, cujas diárias paga diretamente ou por intermédio da companhia de seguro. O acidente, por isso, não suspende a execução do contrato de trabalho, continuando o empregado acidentado à disposição do empregador. Corolário disso é o art. 134, a, da Consolidação, que diz que «não serão descontados do período aquisitivo do direito a férias a ausência do empregado por motivo de acidente do trabalho». Se o acidente, risco cujo ônus é todo do empregador, não afeta o direito às férias, como admitir-se que a ausência por tal motivo possa reduzi-las. A ausência por tal motivo não constitui falta, com a conceituação do art. 132, a, mas sim interrupção legal do serviço do empregado. Ac. TST — Pleno (Proc. 3.241/59), Relator Ministro Amaro Barreto.

CONTRATO DE TRABALHO — No direito pátrio, o período de experiência está previsto, expressamente, no art. 478, § 1º, da C.L.T. A lei assegura ao empregador o prazo de doze meses para a observação das aptidões do empregado, que pode ser demitido sem ônus para o primeiro. Apenas se impõe que, no contrato por prazo indeterminado, mesmo no primeiro ano de vigência, a dispensa se processe com o aviso prévio (Consol., art. 487), o que corresponde a obrigação de comunicação prévia de dispensa, sem nenhum ônus para o empregador. Mas, se o empregado não cumprir suas obrigações contratuais, dando justa causa à dispensa, nem àquele aviso está obrigado o empregador. Na espécie, a cláusula do contrato que limitou o período de experiência a 90 dias e restringiu o direito ao aviso prévio a 2 dias, é atentatória a normas expressas de proteção ao trabalhador. Em conseqüência, é nula. E nem se argumente com o disposto no art. 444 da C.L.T., porque o que ali se diz é que as partes são livres para contratar em tudo quanto não contravenha as disposições de proteção ao trabalho. Ac. TST, 1a. Turma (Proc. RR 3.626/60), Relator Ministro Bezerra de Menezes.

DIRIGENTE SINDICAL — Prevaleceu no Tribunal Superior do Trabalho a tese de que «o associado, eleito para a direção de seu órgão de classe, goza de uma «estabilidade condicional» e não poderá ser dispensado sem justa causa». — Recurso extraordinário a que se nega provimento. Durante o exercício de cargo de administração sindical ou representação profissional, é vedada a despedida do empregado que caracteriza o impedimento previsto no art. 543, § 1º da Consolidação das Leis do Trabalho. A razão do dispositivo legal em causa é a necessidade de proteger o desempenho do cargo de direção sindical. Não é, portanto, a mesma razão de estabilidade por tempo de serviço, e só é dada tal garantia àquele que exercem função de direção em sindicato e durante o exercício do cargo. Ac. STF, 2a. Turma (Rec. ext. 46.835), Relator Ministro Victor Nunes, publicado em audiência de 30.1.61.

FÉRIAS — Não é possível ao empregador que não concedeu férias ao empregado no devido tempo, ao pagá-las em dôbro, obrigar o empregado a se afastar do serviço com percepção dos salários. Tal prática frustaria a aplicação do disposto no art. 143, § 3º, da Consolidação. Ac. TST, 3a. Turma (Proc. RR 160/60), Relator Ministro Jonas de Carvalho.

Para que o empregado tenha direito a férias proporcionais, a única exigência legal é que a rescisão ocorra «sem culpa do empregado». Não há porque distinguir entre rescisão de iniciativa do empregado ou do empregador. Ac. TST, 2a. Turma (Proc. 3.621/60), Relator Ministro [illegible] lio Maranhão, publicado em audiência de 5.4.61.

III Congresso Dos Metalúrgicos: 26 de Julho em Belo Horizonte

A Comissão Organizadora do III Congresso dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Brasil, que se realizará em Belo Horizonte, de 26 a 29 de julho do corrente, lançou o seguinte manifesto aos metalúrgicos brasileiros, acompanhado do TEMÁRIO e do PROGRAMA do Congresso:

«Companheiros!

A Comissão Organizadora, pelo presente, vem convocar o III Congresso Nacional de nossa gloriosa corporação para se reunir em Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, nos dias 26, 27, 28 e 29 de julho de 1961.

Dêle participarão as Federações, os Sindicatos e as Associações Profissionais da nossa categoria de todo o país. Como convidados estarão presentes autoridades municipais, estaduais e federais, assim como dirigentes sindicais nacionais e estrangeiros.

A exemplo da 1a. Conferência realizada em Volta Redonda em 1956, e dos 1º e 2º Congressos realizados em Pôrto Alegre (1957) e Itanhaen, São Paulo (1959), os metalúrgicos brasileiros irão debater importantes problemas de interêsse da corporação, do movimento sindical e de nossa Pátria

A Comissão Nacional dêste II Congresso até esta data realizou 15 reuniões em 8 Estados da Federação, promoveu a I Conferência Latino-Americana dos Metalúrgicos e tomou posição em defesa da unidade sindical, do direito de greve, das liberdades sindicais e democráticas, da indústria nacional, da previdência social, da soberania e progresso nacionais, e discutiu os assuntos de interêsse dos metalúrgicos em particular e dos trabalhadores em geral.

Os metalúrgicos brasileiros através de suas entidades promoveram centenas de reuniões e de assembléias, dezenas de encontros municipais e estaduais, e participaram ativamente de todos os conclaves realizados no território brasileiro, comparecendo ainda a reuniões internacionais, como observadores.

A Comissão Organizadora solicita às Entidades metalúrgicas que divulguem o III Congresso e convidem as autoridades e organizações de suas respectivas regiões a participarem e prestigiarem esta iniciativa.

Finalmente, conclama aos metalúrgicos brasileiros para meditarem sôbre a responsabilidade que lhes cabem como corporação de vanguarda da classe operária, e se organizarem unidos em defesa das liberdades públicas e sindicais. Viva o III Congresso! Viva o Trabalhador! Viva o Brasil!»

TEMÁRIO

a) Estrutura Sindical no âmbito municipal, estadual, nacional e internacional;

b) Justiça do Trabalho e Legislação do Trabalho;

c) Situação econômica e seus reflexos na vida do trabalhador;

d) Aplicação da Lei Orgânica da Previdência Social;

e) Proposições e mensagens.

PROGRAMA

Dia 26: de 9 às 12 horas — Recepção aos Delegados e entrega de credenciais. De 12 às 14 horas — intervalo para almôço. De 14 às 17 horas — 1a. reunião plenária de instalação para discutir o seguinte: a) Regimento Interno; b) Eleição da Comissão Executiva; c) Constituição das Comissões. Das 17 às 19 horas — jantar. Noite livre;

Dia 27: De 9 às 12 horas reunião das Comissões. De 12 às 14 horas — intervalo para o almôço. De 14 às 17 horas — encerramento dos trabalhos das Comissões. De 17 às 19 horas — intervalo para o jantar. De 19 às 22 horas — 2a. reunião plenária para discutir: a) Expediente; b) relatório das Comissões;

Dia 28: De 9 às 12 horas — 3a. reunião plenária para discutir: a) expediente; b) relatório das Comissões. De 12 às 14 horas — intervalo para o almôço. De 14 às 17 horas — 4a. reunião plenária para discutir: a) expediente; b) encerramento das discussões e votação dos relatórios das Comissões de Teses. De 17 às 19 horas — intervalo para jantar. De 19 às 22 horas — 5a. e última reunião plenária para discutir: a) expediente; b) relatório da Comissão de Proposições e Mensagens; c) escolha de oradores para a sessão solene de encerramento; d) eleição dos órgãos dirigentes dos metalúrgicos do Brasil; e) escolha do local para a realização do IV Congresso a realizar-se em 1963.

Dia 29: Parte da manhã visitas. De 12 às 14 horas — almôço. Parte da tarde — visitas. De 17 às 19 horas — intervalo para jantar. Às 20 horas — sessão solene de encerramento, com o seguinte programa: a) abertura ao som do Hino Nacional Brasileiro; b) apresentação das resoluções; c) palavra aos oradores pràviamente designados; d) encerramento com o Hino do Metalúrgico.

Informações na Secretaria do Congresso, instalada na Federação dos Metalúrgicos de Minas Gerais, rua da Bahia, 570, 5º andar, telefones 2.8873 e 2.8390. Belo Horizonte, 23 de junho de 1961.

A COMISSÃO ORGANIZADORA: PRESIDENTE — Humberto Canhoni, presidente da Federação dos Metalúrgicos de Minas; VICE-PRESIDENTE — Benedito Cerqueira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da Guanabara; Domingos Alvarez, presidente da Federação dos Metalúrgicos de São Paulo; Galdino Vargas Câmara, presidente da Federação dos Metalúrgicos do Rio Grande do Sul; Euripedes Ayres de Castro, presidente da Federação dos Metalúrgicos do Estado do Rio e Guanabara; Luiz Bernardo da Silva, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da Paraíba; João Ferreira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Joinville, Santa Catarina. SECRETÁRIOS: — Geraldo Oscar Menezes, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Monlevade, Minas Gerais; Remo Forli, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo; José Lellis da Costa secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos da Guanabara; Othon Reis Fernandes do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda; Miguel Krug, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Paraná; Mário Gonçalves Ferreira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Pará; Bruno Segala, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. TESOUREIRO: — Benigno José Silveira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte; José Viana da Silva, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Pernambuco; Argeu Egidio dos Santos, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Ribeirão Prêto, São Paulo; José Cesar de Mesquita, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Pôrto Alegre; Daniel Augusto de Alcântara, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Alagôas; Pedro Barbosa Filho, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Ceará; João Ribeiro dos Passos, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Salvador, Bahia.

Líderes Sindicais Estudam as Bases Para a Campanha Pelo Salário Mínimo

Funcionará, provisòriamente, no Sindicato dos Metalúrgicos do Estado da Guanabara (rua Ana Neri, 152, São Cristóvão), a sede da CNEPS (Comissão Nacional de Estudos e Planejamento Sindical). A CNEPS foi criada por decisão dos representantes de entidades sindicais de vários Estados, que se reuniram no dia 8 último, no Sindicato dos Metalúrgicos, neste Estado, para organizar a comissão coordenadora da luta pela aplicação das resoluções do II Encontro Nacional dos Dirigentes Sindicais, recentemente realizado em Belo Horizonte.

RESOLUÇÕES

Os dirigentes sindicais reunidos no Palácio do Metalúrgico, após longo debate, resolveram adotar as seguintes medidas:

1) Criar a Comissão Nacional de Estudos e Planejamento, composta de representantes de tôdas as entidades intersindicais dos Estados;

2) Iniciar os estudos para o estabelecimento das normas gerais da campanha nacional pela revisão do salário mínimo, pela execução do rezoneamento, pela instituição do salário família, em conformidade com o que preceitua o Constituição do Brasil, e pela instituição do salário móvel;

3) Promover o exame da Previdência Social e da execução da Lei Orgânica.

NOVA REUNIÃO

No dia 9 de [illegible] vindouro haverá uma reunião do plenário da CNEPS, que se compõe de representantes de tôdas as organizações intersindicais dos Estados, e de representantes das organizações das regiões onde não existem comissões intersindicais. Na reunião do dia 9 serão apresentados a debate os trabalhos sôbre salário e previdência social, que foram objeto de decisão do encontro do dia 8 último.

Da reunião realizada no Palácio do Metalúrgico participaram os líderes Floriano Dezem, representante do Conselho Sindical de São Paulo; Euripedes Ayres de Castro, Gabriel Alves de Oliveira e Pedro Mayrink Filho, pelo Conselho Sindical dos Estado do Rio; João Luzia e mais dois companheiros pela Comissão do Congresso dos Trabalhadores de Minas; além dos representantes do Conselho Sindical de Santa Catarina, do Ceará, do Maranhão, de Brasília e da Guanabara.

Foi criado o secretariado provisório da CNEPS, composto dos dirigentes sindicais Benedito Cerqueira, Roberto Morena e Irio Lima, da Guanabara; e de Euripedes Ayres de Castro, e Gabriel Alves de Oliveira, do Estado do Rio.

Bailarinos soviéticos visitam Instituto Brasil-URSS

Foram iniciadas, nos dias 3 e 4, as aulas de língua russa para nove turmas de universitários, num total de 180 alunos, do Curso de Férias do Instituto Cultural Brasil-URSS (rua México, 119, s/1506). No dia 6, após o encerramento das aulas, foi o Instituto visitado por [illegible] elementos do Corpo de Baile do Teatro Stannislavski, de Moscou. Na foto, sentadas em companhia da professôra, vêem-se as bailarinas Natacha Pavlova e Nina Dorenskaia, e, em pé, entre alunos e diretores do Instituto, os bailarinos Kiril Suksimitch e Lev [illegible]. O [illegible] homenageou o Corpo de Baile [illegible] uma placa de prata [illegible] de suas brilhantes atuações no Brasil.

Dólares Que Trazem Mais Dólares de Volta Aos Estados Unidos

Quando os investidores norte-americanos enviam dinheiro para o estrangeiro, a corrente não se estabelece apenas em uma direção.

Bilhões de dólares sob a forma de lucros estão voltando para os Estados Unidos provenientes de investimentos estrangeiros feitos nos anos anteriores.

Um recente estudo fornece-nos os fatos.

Em tôda a discussão que se estabeleceu ultimamente sôbre o crescente fluxo de capital privado dos Estados Unidos para os países estrangeiros, êste importante aspecto é muitas vêzes subestimado:

Está voltando mais dinheiro para os EUA, cada ano, como renda de investimentos feitos no exterior, do que está sendo mandado para fora do país para novas inversões no estrangeiro.

A envergadura desta afluência de dinheiro é indicada em um recente estudo realizado pela Seção de Economia do *U.S. News and World Report*. No quadro desta página estão os dados fundamentais.

O estudo revela que durante a década passada — 1951 a 1961 — um total de 12,2 bilhões de dólares foi enviado para o estrangeiro pelas emprêsas norte-americanas, a fim de serem investidos em fábricas, equipamentos e outras propriedades rentáveis.

No mesmo período de 10 anos, um total de 21,3 bilhões de dólares retornou aos Estados Unidos, sob a forma de dividendos, juros e lucros de investimentos estrangeiros.

Dessa forma, o movimento líquido de dólares para êste país, durante os últimos dez anos, alcançou quase 9,1 bilhões de dólares a mais do que os EUA enviaram para o estrangeiro.

DÓLARES E OURO

A questão dos investimentos americanos no exterior chama agora atenção devido ao interêsse oficial em relação ao "problema do dólar" e aos esforços do govêrno no sentido de refrear o declínio nas reservas de ouro do país.

Os dólares que as emprêsas domésticas enviam para fora dos Estados Unidos, para serem investidos no Canadá, Europa, América Latina e outras partes do mundo, não representam, naturalmente, tôda a quantia em dinheiro que essas firmas colocaram em atividade no exterior.

Na maioria dos casos, uma parte ou o total dos lucros produzidos pelas operações no estrangeiro pode ser reinvestido em novos bens ou usado como capital atuante. Êste reinvestimento, por sua vez, produz lucros ainda mais altos. Quando isso acontece, o retôrno à emprêsa matriz nos Estados Unidos, a longo prazo, pode muitas vêzes alcançar mais do que foi inicialmente enviado ao estrangeiro.

Uma observação sôbre alguns dados do estudo da Seção de Economia demonstra o que tem acontecido nos últimos anos.

As remessas para as companhias norte-americanas de sua subsidiárias estrangeiras e de outras fontes têm andado em tôrno de uma média de mais de 2 bilhões de dólares por ano, durante os últimos cinco anos.

A maioria disso representa renda de dividendos. O retôrno anual de 2 bilhões de dólares foi consideràvelmente maior do que o fluxo de novos capitais dos Estados Unidos para investimento no exterior, em cada um dêsses anos, exceto em 1957, quando novos investimentos no estrangeiro foram excepcionalmente elevados.

Os últimos dados do govêrno fixam o valor de todos os investimentos de propriedade norte-americana fora do país em cêrca de 29,7 bilhões de dólares em 1959. As estimativas da Seção de Economia desta revista indicam que o total subiu a cêrca de 32 bilhões em 1960.

Muitas autoridades crêem que o verdadeiro valor dos investimentos norte-americanos no estrangeiro seja superior a êste cálculo de 32 bilhões. Isso se deve ao fato de que o valor de mercado do capital de propriedade americana nas subsidiárias estrangeiras é freqüentemente muito superior à soma em que o capital está escriturado, e a reavaliação do ativo fixo existente normalmente excederia o valor demonstrado pela escituração.

QUANDO OS LUCROS FICAM

Sob as atuais leis fiscais existentes nos Estados Unidos, os lucros de subsidiárias estrangeiras só são oneráveis quando êles retornam ao seu país de origem sob a forma de dividendos. Isso tem levado a estimular algumas companhias a investirem os seus lucros e assim realizarem suas operações estrangeiras.

De qualquer forma, o interêsse dos investidores americanos no estrangeiro tem aumentado de maneira crescente, em decorrência dos investimentos com dólares novinhos vindos dos EUA e o reinvestimento de lucros retidos em países estrangeiros.

Se as lições do passado servem de guia, os lucros dêsses investimentos em países estrangeiros resultarão em renda mais do que suficiente nos anos futuros para compensar o fluxo de novos capitais de investimento para fora do país.

Investimentos Norte-Americanos no Estrangeiro — Uma Rua Com Duas Mãos

Nos últimos dez anos:

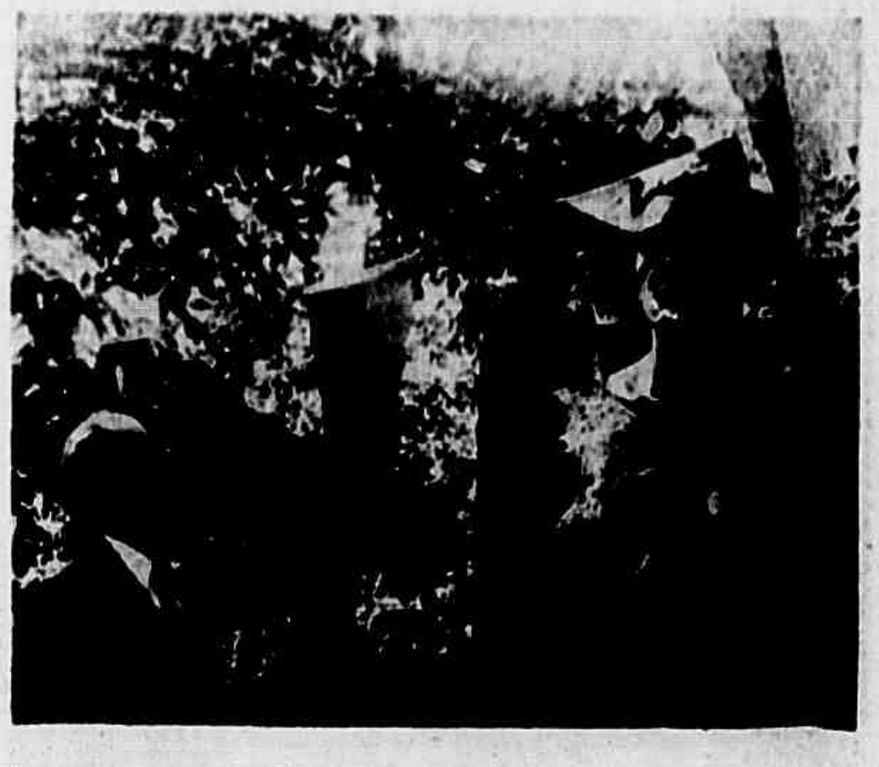
$12,2 BILHÕES foram enviados para o estrangeiro para investimentos por emprêsas norte-americanas

$21,3 BILHÕES retornaram aos Estados Unidos como dividendos, juros e lucros de investimentos estrangeiros

Entrada líquida de capital nos Estados Unidos proveniente de seus investimentos estrangeiros: mais de 9 bilhões de dólares na última década. Em cada um dêsses dez anos, exceto 1957, os investidores americanos ganharam mais dinheiro, no total, do que o que foi enviado para o estrangeiro como investimento.

Fonte: Para 1959, U.S. Department of Commerce: estimativas para 1960, pela Seção de Economia de USN & WR.

United States News and World Report, March 20, 1961, p. 112/114.



Homenagem a Siqueira Campos

Como nos anos anteriores, a 5 de julho foram prestadas diversas homenagens no Rio aos bravos do Forte de Copacabana de 1922 e do levante de São Paulo de 1924 que deu origem à Coluna Prestes. Além de uma palestra na ABI, do general Henrique Cunha, teve lugar uma homenagem à memória de Siqueira Campos. Este homem, entre os revolucionários desaparecidos, simboliza os anseios mais puros do povo brasileiro por uma mudança de rumos no País naquela época. Junto ao busto de Siqueira Campos, no Forte de Copacabana, Luiz Carlos Prestes compareceu a 5 de julho, acompanhado de sua filha Anita Leocádia, depositando uma coroa de flôres em honra ao amigo sempre lembrado.

"OS POVOS AMERICANOS DESPERTAM PARA A LIBERDADE"

O deputado federal Adão Pereira Nunes (PSP, Estado do Rio) pronunciou na última semana, na Câmara Federal, um discurso a propósito da recente viagem do embaixador de Kennedy, Adlai Stevenson, ao Brasil e outros países da América Latina.

Depois de referir-se ao relatório apresentado por Stevenson ao presidente norte-americano e em que são apontados, segundo o embaixador ianque, os motivos da crescente inquietação na América Latina, disse o deputado Adão Pereira Nunes:

"O embaixador ianque disse ao seu presidente que as causas da pobreza e atraso da América Latina se originavam também dos baixos preços pagos pelo nosso produto. Pergunto aos povos da América Latina: quem é que adquire por preços ínfimos nosso cobre, nosso chumbo, nosso zinco, nosso café, nosso ferro, nosso açúcar, nossas bananas, nosso cacau, nossos bovinos, nossas fibras? Não são os imperialistas ianques, que dominam as nossas exportações e se enriquecem com o suor das nações latino-americanas? Não são êles que escravizam o comércio de tôda a América, impondo preços e condições, transformando em três dólares cada dólar que nos emprestam? Não são êles os responsáveis pelo atraso material de nossos povos, atirados na miséria, sem saúde, sem instrução, desgraçados produtores de matérias-primas que nada valem quando vendidas, mas que custam milhões quando retornam beneficiadas pela indústria?

Stevenson tem razão: há visivelmente uma crescente demanda de melhorias sociais. Os povos latino-americanos despertam para a liberdade, na Bolívia, na Argentina, em tôda parte, tanto nas cálidas terras do bravo Nordeste brasileiro como em Cuba.

Não precisamos dos 600 milhões de dólares com que Tio Sam procurou aquietar a revolta latente das nações latino-americanas. Não é com dinheiro estrangeiro que destruiremos os desníveis sociais".

Por fim, insistiu o representante fluminense na necessidade de serem aprovadas pela Câmara Federal medidas urgentes como a reforma agrária e a limitação da remessa de lucros para o estrangeiro.

Comunistas Levam a Debate a Reivindicações do Povo de Barra do Piraí

BARRA DO PIRAÍ, julho (Do Correspondente) — Os comunistas desta cidade fluminense, em conclamação ao povo, apresentaram um projeto de programa mínimo de reivindicações e de realizações a ser debatido pelos fôrças patrióticas e democráticas do município, tendo em vista a organização de uma ampla frente única para as próximas eleições para o Legislativo e o Executivo.

O programa apresentado pelos comunistas é o seguinte:

1 — Solução imediata e definitiva para os seguintes problemas: a) Saneamento do Rio Piraí; b) Construção do Ginásio Municipal; c) Término das obras do edifício dos Correios e Telégrafos; d) Instalação do Pôsto Médico SAMDU.

2 — Pagamento do salário-mínimo a todos os trabalhadores do Município.

3 — Pagamento de passagens intermediárias nos ônibus que fazem a linha Barra do Piraí-Barra Mansa para beneficiar os moradores da Ponte Prêta, Jardim Horizonte, Dorândia e Vargem Alegre.

4 — Maior assistência aos bairros e aos distritos de Ipiabas, São José do Turvo, Dorândia e Vargem Alegre; pagamento de melhores salários aos servidores da municipalidade e condução em caminhão da Prefeitura dos lavradores que vêm fazer a feira na cidade.

5 — Intercessão junto à Central do Brasil, no sentido de serem criadas 2 paradas de trens Expressos e Mistos, sendo uma na Vargem Grande e outra no Bairro da Química.

6 — Reaparelhamento do Centro de Saúde, instalação de Lactário Infantil e Postos Médicos nos Distritos.

7 — Construção de casas para operários pela Fundação da Casa Popular.

8 — Pagamento dos benefícios adquiridos por lei pelos aposentados e pensionistas e entrega imediata das contribuições devidas aos Institutos pelas emprêsas, para melhor assistência aos beneficiários.

9 — Cobrança das quotas devidas pelo Estado à Prefeitura.

10 — Atendimento das reivindicações dos servidores da Rêde Ferroviária Federal, constantes do programa aprovado em reunião realizada a 4 de abril do corrente ano, com a presença do Dr. Herminio Amorim Júnior, presidente da citada Rêde.

11 — Ação contra a carestia de vida, impedindo a remessa de lucros para o estrangeiro.

12 — Amparo aos trabalhadores do campo com a extensão dos benefícios das Leis Trabalhistas e dos Institutos de Previdência.

13 — Defesa do Monopólio Estatal do Petróleo.

14 — Reforma Agrária Democrática.

15 — Execução da Política Estatal da Eletrobrás.

16 — Defesa e ampliação das Liberdades Democráticas.

17 — Legalidade para o Partido Comunista do Brasil.

18 — Encampação da Rio Light, Cia. Telefônica Brasileira e Frigoríficos estrangeiros.

19 — Reatamento imediato das relações diplomáticas com a União Soviética e a China Popular.

20 — Respeito pela autodeterminação dos povos de Cuba, Angola, Argélia e Congo.

O "CORREIO DA MANHÃ" OCULTA E DETURPA

De há muito, o público carioca que lê jornais, se quer conhecer o que se passa no mundo tem que ouvir rádio diretamente do estrangeiro ou recorrer à imprensa de São Paulo. Os «grandes» jornais do Rio atingiram um grau de reacionarismo tão agudo que muitas vêzes chegam ao cúmulo de deturpar as próprias agências telegráficas norte-americanas, cujo noticiário já é «filtrado» aqui.

Assim age, por exemplo, o **Correio da Manhã**. Agora mesmo, a propósito da chegada do cosmonauta soviético Iuri Gagárin a Londres, informou-se em tôda parte da apoteose que foi sua recepção. O **Correio**, não só «podou» o noticiário a respeito (ocultando que cêr a de 600 jornalistas o entrevistaram, que foi êle aplaudido num percurso de 24 quilômetros, que mulheres desmaiavam, tal a multidão. «A polícia informou que jamais tinha visto um espetáculo semelhante, nem sequer no caso das mais entusiásticas recepções às estrêlas de cinema», divulgou uma agência estrangeira, num dos próprios jornais burgueses do Rio). Pois o **Correio da Manhã** teve o cinismo de até mesmo deturpar as agências americanas. Quando estas diziam que «os jornais londrinos criticaram o govêrno» por não haver recebido oficialmente o primeiro cosmonauta do mundo, o **Correio da Manhã** escreve: «Os principais jornais londrinos criticaram violentamente o govêrno pela recepção oficial à chegada do cosmonauta russo». Não houve recepção oficial à chegada de Gagárin a Londres e foi isto o que a imprensa inglêsa, não tão provinciana como o **Correio da Manhã**, criticou.

Assim, o **Correio** conseguiu a perfeição de mentir mais e ser mais retrógrado do que as próprias agências telegráficas americanas que desinformam o público brasileiro.

ANTONIO NOVAIS NÃO É COMUNISTA

Recebemos, com pedido de publicação, a seguinte nota: «Os comunistas do Pôrto do Rio de Janeiro tornam público que Antônio Novais de Araújo não mais pertence as fileiras do movimento comunista por praticar atos incompatíveis com os interêsses da classe operária.»

Lacerda, algoz dos servidores da Guanabara

De uma só cajadada — mais exatamente, em um só despacho, aliás de péssima redação — o sr. Carlos Lacerda matou dois coelhos: deu vasão ao seu velho e incontido ódio ao funcionalismo público e prestou mais um serviço ao policialismo anticomunista.

Trata-se do despacho dado pelo governador ao pedido feito por funcionários da Guanabara para que lhes fôsse dispensado o ponto durante os dias de reuniões do Congresso Nacional dos Servidores Públicos, realizado há pouco, com enorme êxito, por iniciativa da UNSP. A mesma coisa fôra feita em relação ao govêrno federal, e a pretensão dos funcionários se viu atendida pelo sr. Jânio Quadros.

Lacerda, porém, não quis perder a oportunidade. Agrediu solertemente os servidores do Estado, que vêm sendo, aliás, sistemàticamente perseguidos pelo governador udenista, e armou contra êles uma grosseira provocação policial. Para Lacerda são "perigosos comunistas" todos os servidores públicos que debatem os seus problemas e lutam para resolvê-los.

Não se limitou, porém, o ex-"eterno vigilante" à acusação gratuita. Velho delator, foi naturalmente além e pediu a relação de todos os servidores guanabarinos que participariam do Congresso, a fim de serem "fichados" em sua lista negra.

Mesquinho, vingativo e perseguidor, são essas as questões que interessam a Lacerda. Não move uma palha para resolver os angustiantes problemas do Rio: água, transporte, carestia, lixo. O que êle quer, sempre cheio de ódio e cada vez mais cego em seu reacionarismo, é perseguir, castigar os que defendem os seus interêsses e oprimir. Tudo em nome da "eterna vigilância".

Nota Econômica

Josué Almeida

Exportação de café para as duas Alemanhas

Ativamente engajado na campanha contra a ampliação do comércio com os países socialistas, o «Correio da Manhã», em recente comentário, acusou a Missão Dantas de haver causado prejuízos ao Brasil em conseqüência da visita realizada pelo embaixador João Dantas à República Democrática Alemã. Segundo o referido matutino, em represália à assinatura de um protocolo de conversações entre o representante brasileiro e o ministro do Comércio da RDA, o Parlamento da República Federal Alemã ter-se-ia recusado a reduzir os impostos sôbre o café — diminuindo ipso facto as possibilidades de maiores exportações brasileiras do produto. Além disso, ainda como réplica à iniciativa do govêrno brasileiro, o govêrno de Bonn riscara o nome do nosso país dentre os «beneficiários» do chamado Fundo Alemão de Desenvolvimento.

Vejamos a coisa mais de perto. A redução de impostos sôbre o café interessa tanto à Alemanha como ao Brasil, mais até a Alemanha. Em primeiro lugar, a redução dos impostos deverá significar preços mais baixos para o consumidor alemão e, portanto, aumento do consumo do café na RFA. Sòmente em 1958 o consumo de café na Alemanha ocidental alcançou o nível de antes da guerra, que não era, aliás, excepcionalmente elevado. No momento em que a emulação econômica entre os sistemas socialista e capitalista entra numa fase acirrada, o govêrno germano-ocidental só pode ter o máximo interêsse em apresentar índices vantajosos, relativamente à RDA, tanto mais quanto, ao contrário do que apregoa a propaganda imperialista a República Democrática Alemã vai levando vantagem em uma série de outros gêneros, como carne, peixe, gorduras, manteiga, açúcar, cujo consumo por habitante é maior do que na Alemanha ocidental.

Em segundo lugar, a Alemanha ocidental tem interêsses em aumentar as importações de café brasileiro para poder aumentar, também, suas exportações para o Brasil. Sendo o café o nosso principal produto exportável, é sobretudo com êle que pagamos as nossas importações; se não nos comprarem mais, ou teremos que acumular dívidas (como é o caso no momento, também, com a Alemanha ocidental), ou teremos que importar menos. Não há outra solução.

Quanto à exclusão do Brasil dos países a serem contemplados com a «ajuda» alemã, o fato mesmo de que isto tenha acontecido pela razão apresentada deve servir de sério alerta para os brasileiros ciosos da soberania nacional. Então, por que o Brasil pratica um ato de soberania, por que quer ampliar sua área de comércio, simplesmente por isso sofre uma represália? Que espécie de «ajuda» é essa, condicionada, desde logo, à aceitação de uma tutela sôbre os nossos direitos de nação soberana? Tal tipo de «ajuda», evidentemente, não nos faz falta; antes, se sofremos as atuais dificuldades, é precisamente porque só temos tido até aqui «ajudas» assim. De fato, trata-se de uma chantagem grosseira, da qual o «Correio da Manhã», vergonhosamente se faz porta-voz. No mundo de hoje, por felicidade, qualquer país pode voltar as costas a quem quer que faça propostas de ajuda acompanhadas de semelhantes condições.

* * *

O problema da exportação de café brasileiro para as duas Alemanhas precisa ser melhor examinado. A verdade é que, em apenas três anos de comércio, em condições que estão longe de poderem ser consideradas normais, a República Democrática Alemã mais do que triplicou as importações de café do Brasil. No ano passado, cêrca de 250 mil sacas de café brasileiro foram exportadas para a RDA. Comparando o volume de café brasileiro importado por habitante pelas duas Alemanhas, verificamos que não é grande a vantagem que leva a RFA. Em 1960, para cada habitante, a Alemanha ocidental importou 925 gramas de café brasileiro; e também para cada habitante a RDA comprou-nos 860 gramas. Ora, se isto acontece quando não há correntes normais de comércio entre o nosso país e a RDA, quando êste comércio teve início pràticamente em 1958, com o ajuste entre o Brasil e o Deutsche Notenbank-Berlim, é evidente que o volume de café exportado para a RDA poderá ser consideràvelmente aumentado, como afirma a Missão Dantas.

Do ponto-de-vista do Brasil, o que interessa é comerciar com ambas as Alemanhas. Mas, comerciar e não aceitar imposições políticas, como implicitamente prega o «Correio da Manhã», que em palavras se diz favorável a uma política externa independente, mas na prática mostra que não pode viver sem a canga.

INTERNATIONAL FINANCI

Vol. XIII, No. 10 • INTERNATIONAL MONETAR

Brazilian Exchange

The Government of Brazil has consulted the International Monetary Fund with regard to changes in its foreign exchange system which become effective on March 14, and which are designed to simplify the system and to introduce more realistic rates of exchange. The Government has notified the Fund that it intends to proceed to simplify the system further.

The Fund has agreed to these changes, on the understanding that the new system is to be a temporary one and that it represents a step toward further simplification of the country's exchange system.

A depreciation from Cr$100 = US$1 to Cr$200 = US$1 has been effected in the rate for certain preferential imports, including specified government imports, wheat, newsprint, oil and oil products, and equipment for the oil and printing industries, and for amortization

and inter market is system of imports auctioned ports wil 100 per Coffee the rate rate and ment's Cr$100 export pr each US the Bank Source.

new ship

FMI continua mandando

Quando os nacionalistas brasileiros denunciaram a reforma cambial iniciada com a Instrução 204 como uma imposição do Fundo Monetário Internacional, o govêrno do sr. Jânio Quadros (através de declarações do ministro Mariani, por exemplo) procurou rebater a acusação. Afirmou que o govêrno não fizera consultas prévias ao organismo dos grandes banqueiros internacionais. Entretanto, o boletim oficial do FMI (cujo fac-simile reproduzimos acima) afirmava exatamente o contrário: "O Govêrno Brasileiro consultou o Fundo Monetário Internacional relativamente a modificações no seu sistema de câmbio"...

E mais adiante: "O Fundo concordou com estas modificações, desde que o novo sistema seja temporário e represente um passo no sentido de uma maior simplificação no sistema cambial do país". Apesar do boletim, o govêrno continuou negando sua submissão ao FMI, chegando o sr. Mariani a falar em equívoco das agências telegráficas. Agora, vem a Instrução 208, confirmando que a 204 era mesmo apenas um passo, uma medida temporária. E novamente o FMI sai em campo, congratulando-se calorosamente com o sr. Jânio Quadros, através de telegrama pessoal do banqueiro Per Jacobson, diretor-executivo do FMI. E, não satisfeito com isso, afirma o sr. Jacobson que o Brasil decidiu, assim, seguir o exemplo da Argentina, em cuja economia a política imposta pelo FMI causou e continua causando sérios estragos. Tão grande é o desmascaramento do govêrno que "O Estado de São Paulo", sempre afinado com o capital financeiro internacional, sentiu-se na obrigação de publicar um editorial tachando de "inábil" o apoio dado pelo FMI ao govêrno brasileiro... e criticando o sr. Per Jacobson por uma "lamentável falta de senso psicológico». Veja-se bem: o «Estadão» não repete, muito ao contrário, a vergonhosa submissão ao FMI; para êle o que merece crítica é que essa submissão chegue ao conhecimento do povo brasileiro..

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Novas propostas de solução pacífica da questão de Berlim acabam de ser formuladas pela União Soviética. Em discurso pronunciado no Kremlin, Kruschiov sugeriu uma reunião de cúpula dos quatro grandes para resolver o problema da capital alemã. Veio a proposta soviética acompanhada de nova advertência a respeito de preparativos militares dos imperialistas americanos, através da OTAN. Sabe-se da importância atribuída aos revanchistas alemães na organização militarista do Atlântico Norte. Indiferentes aos protestos erguidos em vários países do mundo e principalmente na Europa (vítima por duas vêzes, com intervalo de vinte cinco anos, de agressões do militarismo germânico), os imperialistas americanos tiram dos cárceres criminosos de guerra acumpliciados com as atrocidades hitleristas para utilizá-los como instrumentos de seus planos de dominação do mundo.

Aos olhos dos observadores esclarecidos já se evidenciou que os Estados Unidos ajudaram a remilitarização da Alemanha ocidental e que ao mesmo tempo os revanchistas de Bonn se mostram cada vez menos dispostos a tirar castanhas do fogo para Washington. O imperialismo alemão, ressuscitado pelos americanos, dispõe-se a conquistar a supremacia na Europa e posteriormente em todo o mundo, para êle próprio. Dêsse modo, a política anticomunista de Washington e de outros governos imperialistas, desprezando a trágica lição da última guerra, insiste no êrro de armar de nôvo a Alemanha (agora uma parte da Alemanha) para jogá-la contra o mundo socialista.

A atual proposta soviética de solução pacífica do problema de Berlim encontra apoio numa parte da Alemanha, na República Democrática Alemã e em setores do povo da própria República Federal Alemã. Essa proposta dará maior impulso ao movimento dirigido em quase todos os países da Europa contra o rearmamento dos revanchistas da RFA. Em países como a França, a Inglaterra, a Bélgica, a Holanda, a Áustria, as nações escandinavas, a Polônia e a Tchecoslováquia, provocaram protestos as cínicas demarches de Bonn junto ao antigo aliado de Hitler, Francisco Franco, sôbre a instalação de bases militares da RFA na Espanha.

Dotados novamente de tanques, canhões e aviação de combate, os revanchistas recobram a arrogância. Houve uma época, na preparação da agressão nazista, em que ainda seria possível barrar o avanço de Hitler e impedir a guerra. Os imperialistas então negaram-se a atender aos apelos soviético em defesa da paz. As palavras de Kruschiov representam nôvo apêlo a fim de que se evite a repetição da agressão de Hitler.

A Grave Situação da Economia Cafeeira

Manoel Paiva

Há cêrca de um século e meio vem sendo o café o nosso principal produto de exportação e, sem dúvida alguma, um dos fatôres decisivos da economia do país.

Os primeiros dados estatísticos regulares sôbre a exportação brasileira de café (1820-1821) indicam a média anual de 2 a 3 centenas de milhares de sacas exportadas, representando aproximadamente 20 por cento do valor de tôda a exportação do país nessa época. Já no fim do século (1890-1900) a média anual do café exportado passa para 7,4 milhões de sacas, expressando já então 63 por cento do valor da exportação total do país.

No presente século, a exportação média anual de café tem variado de 13 milhões de sacas (1900-1910), representando 50 por cento do valor total da exportação, para a média anual de 15 milhões de sacas, na última década (1950-1960), com um valor que corresponde a 63 por cento do valor de tôda a exportação do país.

Isso significa que nosso comércio exterior tem repousado, até o presente, numa economia agrária de monucultura, de tipo nitidamente colonial, de país subdesenvolvido e dependente.

Constituiu a exportação de café, após a libertação do Brasil do jugo colonial português e durante quase um século, o maior fator de impulso (elemento financiador) da economia brasileira, economia dependente que se voltava essencial e forçosamente para o mercado externo, visando dêsse modo realizar a necessária acumulação e assegurar um desenvolvimento que as limitações do mercado interno não possibilitavam.

A partir, porém, da Primeira Guerra Mundial e, ainda mais, no decurso da Segunda Guerra Mundial, o mercado interno do país ampliou-se de maneira sensível, graças particularmente ao desenvolvimento de suas fôrças produtivas.

Durante essas duas grandes guerras, o país atravessou períodos de sérias dificuldades em sua economia. No entanto, devido principalmente à atenuação momentânea que ocorreu, nesse período, da pressão da concorrência e das imposições imperialistas, desenvolveu-se com bastante impulso um mercado interno de tipo capitalista cujas origens residiram, sobretudo, numa produção de mercadorias que buscava suprir as necessidades determinadas pelo decréscimo da importação e pela crescente procura, conseqüente da existência de um mercado consumidor de certa envergadura e capacidade de consumo.

Como resultado dessa situação, o mercado interno não só se desenvolveu acentuadamente como passou mesmo a predominar sensivelmente sôbre o mercado externo no processo de desenvolvimento do país. Desde então, o principal produto de nosso mercado externo e também principal fator de financiamento e de acumulação de nossa economia, o café, passou a não mais exercer papel tão preponderante. Mesmo porque, com o desenvolvimento no país de um mercado interno de grandeza e ritmo de expansão acentuados, outros produtos, sobretudo os provenientes do ramo industrial, sobrepassaram, em valor e em pêso econômico, a posição que o café ocupara até então.

O fato de o café constituir, ainda hoje, o principal produto de nossa exportação (60 por cento de seu valor total) e se apresentar em nosso comércio externo como o fator de troca predominante, ou seja, como "mercadoria-moeda" por excelência, tem levado muitas pessoas a acreditarem que foi êsse produto que garantiu, fundamentalmente, a aquisição no exterior dos bens de produção e produtos que possibilitaram o desenvolvimento econômico, particularmente industrial, que se verificou no país nos últimos anos.

A verdade é bem outra. O fato de nossa economia externa repousar quase que exclusivamente em tal "mercadoria-moeda" tem constituído não só um sério fator de entrave ao nosso desenvolvimento econômico, como também tem determinado um maior grau de dependência ao imperialismo, particularmente o norte-americano.

A estrutura de nossa economia cafeeira, tanto em sua produção interna, quanto em sua comercialização externa, vem constituindo, cada vez mais, uma séria contradição em nosso processo de desenvolvimento econômico, sobretudo depois que o país ingressou numa fase de desenvolvimento do tipo capitalista nos aspectos essenciais de sua economia. Essa contradição reside principalmente entre o desenvolvimento interno da economia do país, que se processa em ritmo e com características acentuadamente capitalista, e uma economia externa (comércio exterior, particularmente a exportação) de tipo nitidamente colonial, pré-capitalista.

Evidentemente, a correção dessa contradição de importância essencial na economia externa e geral do país só poderá verificar-se na medida em que fôr substituída a atual estrutura de nossa economia cafeeira, voltada exclusivamente para satisfazer os interêsses de uma oligarquia interna de latifundiários e negociantes de café e os monopólios imperialistas do comércio externo dêsse produto, por uma estrutura da produção e da comercialização do café de natureza progressista e liberta da dependência aos trustes imperialistas.

Qualquer solução, portanto, procurada para a atual crise em que se debate êsse produto em nosso país, que não vise enfrentar e resolver o problema da estrutura econômica em que repousa, nada mais poderá determinar que um agravamento geral da situação ou, na melhor das hipóteses, um adiamento das soluções adequadas para a questão, assegurando a continuação dos privilégios dos grupos interessados e que se beneficiam do atual estado de coisas.

Por isso mesmo, consideramos que as recentes medidas tomadas pelo atual govêrno do país em relação à economia cafeeira não só resultarão inócuas para a solução da crise que enfrenta êsse produto, como, principalmente, agravarão ainda mais o grau de dependência de nossa economia ao imperialismo e beneficiarão cada vez mais as poderosas oligarquias internas que se alimentam e se mantêm no poder graças aos benefícios que recolhem da economia cafeeira, em cuja estrutura reside um dos mais sérios obstáculos ao progresso independente do país.

Portanto, para fazer-se uma justa apreciação do que expressam as inúmeras portarias, regulamentos, adendos etc., saídos após a portaria 204, nos quais o govêrno apresenta sua política em relação à situação do café, é necessário partir-se do exame da estrutura da produção e do comércio em que repousa a economia dêsse produto para estabelecer em que medida essa política resolve ou agrava ainda mais a situação da produção de café, de tão imediatos e negativos reflexos na economia geral do país.

Sem dúvida, a grave situação em que se debatem a produção e o comércio do café no Brasil tem razões de ordem interna e de ordem externa.

O comércio mundial de café apresenta o seguinte quadro: Na década de 20, as nações produtoras de café exportaram a média anual de 22 milhões de sacas. Nesse período, a média anual da exportação brasileira de café foi da ordem de 14 milhões de sacas. O que significa que o Brasil concorreu nesse prazo com 60 por cento das necessidades do mercado consumidor mundial de café. Mas, já nos últimos anos, 1959-60, por exemplo, enquanto o mercado mundial absorveu 42,5 milhões de sacas de café, o Brasil concorreu para êsse comércio com 15 milhões de sacas, ou sejam, apenas, 40 por cento. Outro dado importante é o que revela o aumento da participação dos outros países produtores de café no comércio mundial dêsse produto em relação ao acréscimo pouco expressivo, nos últimos anos, da exportação brasileira de café.

Tomando os dados do início da década de 20, ou seja o ano de 1921, vê-se que, enquanto a África apresentava uma exportação de .. 450 mil sacas, 2,2% da exportação mundial de café, a América Latina concorria com 6,2 milhões de sacas, (30,7 por cento). O Brasil participava, então, com .. 12,4 milhões de sacas ou sejam, 61,3 por cento do comércio mundial de café. Mas, já em 1959, enquanto a África exportava 10,2 milhões de sacas, 24 por cento do comércio mundial de café, a América Latina fornecia 14 milhões de sacas, isto é, 32,8 por cento do mercado mundial. O Brasil, com uma exportação de 17,5 milhões de sacas, só contribuía com 41 por cento.

Êstes índices revelam, não só o impetuoso crescimento da concorrência quantitativa dos produtores de café da África e da América Latina, como também o deslocamento progressivo da situação privilegiada que o Brasil há mais de século vinha mantendo no comércio mundial de café.

Há atualmente, no mundo, um mercado comprador cuja capacidade de absorção anual é da ordem de 42 milhões de sacas, sendo que sòmente os Estados Unidos adquirem 22 milhões (dados de 1960). No entanto, o total da produção mundial de café tem se mantido acima de 65 milhões de sacas, nestes últimos anos.

Isto significa que o café é um produto que se encontra em crise de superprodução já há alguns anos e, ainda mais, sofrendo grande influência do pêso preponderante, monopolista, dos compradores norte-americanos.

O comércio mundial de café ressente-se, portanto, cada vez mais dos efeitos nocivos de uma acirrada competição entre os países produtores, efeitos que se agravam na medida em que êsses países aumentam a sua produção, na ilusão de com ela obter maior número de divisas, o que determina, inexoràvelmente, o agravamento da crise que se aprofunda ainda mais com os preços impostos pelos compradores norte-americanos, que constituem o monopólio e o comando do comércio de café no mundo.

Evidentemente, êsse estado de coisas nada mais é que um reflexo, nesse ramo da economia, da crise geral crescente em que se debate o sistema capitalista mundial.

Por isso mesmo, não acreditamos que as resoluções tomadas no recente encontro, realizado na Guanabara, das delegações dos países produtores de café, consigam remover as dificuldades crescentes que enfrentam êsses países em suas economias cafeeiras.

Mesmo porque de pouco valem os acôrdos estabelecidos pelos países produtores de café, todos êles dependentes e em estágios semicoloniais e pré-capitalistas de desenvolvimento, submetidos aos vorazes interêsses econômicos e financeiros dos grandes trustes compradores, monopolizadores do comércio mundial do café, particularmente os trustes norte-americanos. Isto para não citar as imposições políticas do imperialismo e seus agentes internos nos países produtores de café, como é o caso brasileiro, constituídos em poderosas oligarquias que se locupletam e se asseguram no poder graças, principalmente, a uma estrutura interna cujo principal suporte é a economia do café.

De um modo geral, o que ocorre com a economia do Brasil, Colômbia e demais países, cuja economia repousa na produção e exportação do café, é o mesmo que ocorre com a economia de países como Costa Rica, Nicarágua, etc., que repousa na produção de frutas tropicais, ou de Pôrto Rico, Haiti, etc., cuja produção predominante é o açúcar, como ocorria com Cuba, antes de sua libertação.

A solução, portanto, da crise em que se debate a economia cafeeira nacional exige, além de modificações radicais em sua economia interna, efetivas e vigorosas medidas no comércio exterior, dêsse produto. Daí porque não acreditamos possam as atuais iniciativas tomadas pelo govêrno federal modificar em profundidade ou mesmo começar a resolver a crescente deterioração dêsse ramo da produção nacional em que repousa o fundamental de nossa economia externa.

Sôbre os aspectos internos da economia cafeeira, particularmente de sua nociva estrutura, pretendemos voltar em próximo artigo.

Amigos de Cuba

PAULISTAS EM CONVENÇÃO DECIDIRAM: SOLIDARIEDADE A CUBA NÃO PODE PARAR

SÃO PAULO (da sucursal) — Realizou-se com grande êxito, nos dias 1 e 2 do corrente, no salão do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos, o I Encontro Estadual dos Amigos de Cuba. A sessão inaugural sábado à noite, foi presidida pelo magistrado Dácio de Arruda Campos, tendo tomado assento à mesa representantes de organizações sindicais, estudantis, de lavradores e trabalhadores agrícolas, de partidos políticos, etc.

Após o discurso de abertura pronunciado pelo sr. Dácio de Arruda Campos e do relatório apresentado pelo sr. Aldo Lins e Silva, foram eleitas as comissões de assuntos e teve início um longo debate e apresentação, de experiências de organização e de luta pelos delegados de municípios, emprêsas, bairros, escolas, etc. Na manhã de domingo foram aprovadas as teses e, à tarde, sua redação final.

Dos debates ressaltou o grande interêsse de tôdas as comissões de solidariedade a Cuba em aprofundar nas massas a consciência da necessidade da defesa da soberania dêsse país irmão e de atrair para uma campanha ativa nesse sentido tôdas as fôrças populares, democráticas e patrióticas. A programação de vigorosas ações capazes de exprimir êste sentimento e a divulgação das conquistas da revolução cubana entre as [illegible] massas da po[illegible] foram en[illegible] maioria dos d[illegible]

Na noite do dia 2 teve lugar a sessão de encerramento, presidida, a pedido do juiz Dácio de Arruda Campos, pelo secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos, sr. José Bustos. Depois de fazerem uso da palavra, em nome das delegações do Interior, o líder sindical de Jundiaí Antônio Galdino, em nome dos estudantes, os senhores Fábio Ancona Lopez e Camal Schain em nome das delegações da Capital o cientista Mario Schenberg e outros oradores, falou o deputado Francisco Julião, ressaltando a necessidade de ser intensificada a solidariedade à revolução cubana.

Em meio a um grande entusiasmo foi a sessão encerrada pelo sr. Dácio de Arruda Campos.

DELEGAÇÕES

Representantes de dezenas de escolas, municípios, bairros, emprêsas industriais, etc., participaram ativamente do Encontro. Ali estavam representantes, diretores ou membros da Associação dos Trabalhadores Rurais de Vera Cruz, da Sociedade das Mulheres de Santo André, da Sociedade Amigos do Jardim Santo Antônio, do diretório do PSP do Ipiranga, da Frente Nacionalista de Guaraiúnguetá, do PTB de Barueri, da UPES, da UEE, da União dos Trabalhadores Agrícolas de Dracena, do Centro Acadêmico Horácio Lane, do Grêmio da Faculdade de Filosofia, da Federação dos Bancários, do Sindicato dos Gráficos, da Sociedade Amigos de Cuba de Vila Arapuã, da S.A. do Bosque da Saúde, da União dos Ferroviários da Sorocabana, do Sindicato dos Padeiros da ULTAB, dos diretórios estaduais do PTB e [illegible] o Centro Acadêmico [illegible]sil, do Centro Aca[illegible] Presidente Roosevelt, do Conselho Sindical Municipal de Jundiaí, da Associação dos Trabalhadores Agrícolas de Garça, da S.A. do Belém, do Centro dos Estudantes de Santos, do Centro Cultural Coelho Neto, de Santos, do Movimento Nacionalista de Santos, dos trabalhadores da Votorantim, dos trabalhadores da Arno, do Sindicato da Construção Civil, dos Sindicatos e estudantes de Santo André, São Caetano e São Bernardo do Campo, da União dos Servidores Públicos de Sorocaba, da Frente da Juventude de Esquerda, da Sociedade de Melhoramentos de Cubatão, do Sindicato dos Bancários, etc. A secretaria entregou credenciais a cêrca de 400 delegados.

MOÇÕES E CONCLUSÕES

Entre as principais moções e conclusões aprovadas contam-se:

— aprovação da orientação geral seguida pela Comissão Paulista de Solidariedade a Cuba;

— organizar a comemoração do 26 de Julho, devendo as comissões locais estudar e resolver sôbre a forma de fazê-lo;

— sugerir a realização de um Encontro Nacional dos Amigos de Cuba;

— manifestar ao govêrno brasileiro o apoio do Encontro Estadual a sua posição em relação àquele país, especialmente no que se refere à sua autodeterminação, fazendo-lhe sentir a necessidade de medidas mais efetivas no sentido do incremento das relações econômicas, culturais e comerciais com êsse país irmão;

— protestar contra os novos preparativos realizados nos Estados Unidos para a invasão de Cuba;

— protestar contra a prisão de líderes sindicais na Bolívia, contra o massacre do povo paraguaio pela ditadura de Stroessner e contra tôda restrição às liberdades democráticas do povo brasileiro.

Teoria e Prática

Apolônio de Carvalho

A consciência do homem, sua base material e sua história

(Resposta ao leitor Albuquerque de Andrade, do Estado da Guanabara).

— III —

...se processo de formação da consciência não é aceito por todos. E isso é compreensível. Nosso cérebro tem uma estrutura complexa, ainda não inteiramente conhecida em suas minúcias; os processos e fenômenos da vida psíquica não podem ser percebidos diretamente por nossos órgãos dos sentidos; as ciências que os estudam — em particular a fisiologia e a psicologia materialistas — são ciências recentes. Isso facilita as incompreensões, as deformações involuntárias e, também, as deturpações conscientes, preconcebidas.

Assim, há os que atribuem uma consciência a tôdas as formas de matéria, como se ela fôsse um predicado geral; há os que a atribuem apenas aos animais superiores e ao homem, sem verem o que os separa e distingue; os que identificam a consciência e a matéria, vendo no pensamento uma simples secreção do cérebro; os que negam a base material da inteligência, da memória, argumentando com a renovação periódica das células de nosso organismo — mas esquecendo-se de que uma das particularidades das células nervosas é seu lento processo de formação, restauração e crescimento, sua estruturação pràticamente invariável, a partir de certa idade.

O mesmo se observa quanto à evolução da consciência. Cada progresso científico estende e amplia a domínios novos a noção de movimento, de transformação e interdependência. Laplace constatou-a na vida das plantas, Lyell na configuração dos mares e continentes, Darwin na origem das espécies, Pavlov na evolução da inteligência, Marx e Engels na sucessão dos modos de produção e na história da sociedade. Assim, torna-se difícil negar a evolução da atividade nervosa superior e o conseqüente surgimento da consciência. Para os defensores dos dogmas religiosos e das teses idealistas, a saída consiste, pois, em tentar conciliar a religião e a ciência; o mito da criação divina e as etapas e leis do desenvolvimento da natureza e da sociedade; as raízes da consciência humana e a noção de uma alma imaterial e acabada. Há um século e meio, Cuvier tentou explicar as novas espécies e seus novos atributos através da repetição periódica do ato da Criação: para êle, as espécies novas surgiam já feitas e desligadas do passado e do meio ambiente, em seguida a «catástrofes» geológicas. Hoje, a defesa do mito religioso faz-se por outros caminhos: aceita-se a evolução, mas considera-se que ela é dirigida para determinado objetivo, segundo um princípio sobrenatural. A Criação decompõe-se assim em vários atos, prolonga-se por via evolutiva. Nesse sentido, os artifícios são vários: a teoria da preformação — segundo a qual as gerações futuras já estão delineadas nas gerações precedentes — e, portanto, no ato original da Criação; a teoria dos genes — ou partículas hereditárias e imutáveis, capazes de assegurar a evolução através de sua recombinação perpétua e permanente; a reconstituição da velha tese da fôrça vital engastada no organismo e independente dêle — através da «tendência espontânea dos organismos à evolução», independentemente da ação do meio e de outros fatôres materiais.

Tôdas essas teorias levam a um mesmo objetivo: a negação do cérebro, como base material de nossa consciência; a negação da realidade que nos cerca, como fonte material de nossos conhecimentos; a possibilidade de conhecer a natureza e a sociedade — e de transformá-las para bem dos homens; a negação da prioridade da matéria eterna e em movimento, cuja mais alta etapa de evolução e cuja função mais elevada, mais rica e mais complexa estão representadas na consciência do homem.

A fraqueza dessas teorias está, porém, em que, ao tentarem negar as teses do Materialismo Dialético, elas se põem em choque, irreparàvelmente, com os dados elementares das ciências naturais.

SANTA CATARINA: ARBÍTRIO CONTRA LÍDERES SINDICAIS

FLORIANÓPOLIS (da Sucursal) — Dois dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração de Carvão de Criciúma — o seu presidente, Antônio Parente, e o seu advogado, Aldo Ditrich, foram ameaçados de prisão no último dia 3, em Tubarão. A prisão só não se consumou devido à enérgica reação oferecida pelos dois dirigentes do Sindicato e ao apoio popular por êles encontrado. As pessoas que se encontravam à espera de ônibus na agência de Tubarão protestaram indignadas, fazendo os policiais recuarem.

Houve, além disso, protestos de quase todos os Sindicatos. Na Assembléia Estadual protestaram também contra o arbítrio do secretário de Segurança, o integralista Jáder Magalhães, os deputados Rui Hülsen (UDN), Agostinho Mignone (PTB) e Osni Regis (PSD). A Câmara aprovou uma moção de protesto contra a tentativa de prisão dos dois líderes sindicais.

NOVOS RUMOS

Diretor
Mário Alves

Diretor Executivo
Orlando Bomfim Júnior

Redator Chefe
Fragmon Borges

Gerente
Guttemberg Cavalcanti

Redação: Av. Rio Branco 257, 17º andar S/1712 — Tel: 42-7844

Gerência: Av. Rio Branco 257, 9º andar S/905

SUCURSAL DE S. PAULO
Rua 15 de Novembro, 228, 8º andar — S/821
Tel: 37-8266

Endereço telegráfico:
«NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS

Anual	Cr$ 500,00
Semestral	» 250,00
Trimestral	» 180,00
Aérea anual, mais	» 200,00
Aérea semestral, mais	» 100,00
Aérea trimestral, mais	» 50,00
Número avulso	» 10,00
Número atrasado	» 16,00

A Família "Continental"

Almir Matos

"Ambos os países consideram grave perigo para a solidariedade do Hemisfério a infiltração de ideologias extracontinental subversivas" — êste é um trecho da declaração conjunta recentemente assinada pelos ministros do Exterior do Brasil e do Chile, srs. Afonso Arinos e Enrique Ortúzar. A mesma coisa, com ligeiras variações de forma, tem sido dita e insistentemente repetida nos últimos meses pelos porta-vozes do Departamento de Estado ou pelas chancelarias de uma considerável parte dos países latino-americanos. É uma espécie de refrão nos círculos dominantes desta parte do mundo, mesmo entre aquêles que se comprometeram, formalmente, com a defesa do princípio de autodeterminação dos povos, como é o caso do govêrno brasileiro, ao qual o sr. Afonso Arinos de Melo Franco empresta as luzes de sua acadêmica imortalidade.

Embora a declaração não se refira expressamente a Cuba, ninguém tem dúvida de que é êste o objetivo visado pelos dois ministros. O seu comunicado é, pelo menos, uma "advertência" para que Cuba — e, de resto, os demais países da América Latina — não se deixe «infiltrar» por «ideologias extracontinentais".

Mas, o que vem a ser "ideologia extracontinental"? E, em contraposição, qual é e o que significa, se realmente existe, a "ideologia continental"? Está aí um problema que o sociólogo Afonso Arinos precisa explicar, se não quiser aparecer como um simples repetidor dos chavões elaborados no Departamento de Estado por propagandistas de tão pobre imaginação.

É pouco provável, contudo, que o acadêmico-ministro se arrisque a tanto. Porque êle próprio sabe que está assinando uma tolice, quando põe a sua firma sob textos que dão ao conceito de ideologia um conteúdo geográfico — "continental" ou "extracontinental". Não é necessário, sequer, ir aos textos de filosofia ou sociologia. Em qualquer modesto dicionário encontramos para ideologia, definições semelhantes à que é dada pelo "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa", de Aurélio Buarque de Holanda, tão imortal quanto o sr. Arinos. Diz o "Pequeno Dicionário":

"IDEOLOGIA, S. F. (Sociol.) conjunto das convicções e convenções filosóficas, religiosas, jurídicas, sociais e políticas, que estão em relação com a situação social dos seus representantes dentro da sociedade». Veja bem o diplomata: "situação social", e não geográfica; "dentro da sociedade" — de uma sociedade determinada — e não dentro de um continente. A ideologia é, realmente, um conjunto, ou um sistema de idéias, opiniões e convicções características dos agrupamentos sociais (das classes sociais, mais precisamente) e das entidades que as exprimem. São idéias que refletem interêsses definidos, segundo a posição ocupada pelas classes.

Não se pode falar em ideologia de um continente, nem de um país, se nesse continente e nesse país, existem diferentes classes e grupos sociais, com interêsses diversos ou opostos. Em um dado país e, extensivamente, em um dado continente há tantas ideologias quantas sejam as classes que nêle existam. A burguesia monopolista dos países imperialistas, a burguesia nacional dos países dependentes, a pequena burguesia urbana, o campesinato e o proletariado têm, cada qual, a sua própria e inconfundível ideologia. Ou o sr. Arinos admite, pensando sèriamente, uma identidade ideológica entre os magnatas norte-americanos do petróleo e os operários sem emprêgo de Chicago, ou entre o conde Matarazzo e o camponês que o latifundiário mandou ferrar em Pernambuco? A ideologia de Rockfeller — um milionário imperialista DO CONTINENTE — leva-o a acreditar que é um direito seu obter lucros cada vez maiores, sendo natural que, para isso, explore centenas de milhares de operários, saqueie o petróleo da Venezuela e, até mesmo, arraste o mundo à guerra. Já a ideologia do camponês nordestino — um dos milhões de miseráveis DO CONTINENTE — é a certeza do direito que êle tem à terra usurpada pelo latifundiário e à luta pela liberdade e uma vida decente, que no entanto, lhe é negado pelo govêrno dos que o exploram e oprimem.

No caso de um Continente como a América, onde, por motivos históricos, que naturalmente não seria possível indicar nesta nota, todos os países latino-americanos cairam sob a dependência do imperialismo ianque, verifica-se dentro de cada país, simultâneamente com a diversidade de ideologias e a luta entre as classes, a formação de um sentimento e um interêsse comuns à imensa maioria de seus povos: a libertação nacional. E assim, paralelamente com os conflitos internos entre as classes, mas acima dêles e mesmo condicionando-os, ressalta a luta contra a dominação estrangeira imperialista e o entreguismo dos seus agentes. A ideologia do domínio, da rapina e da submissão, propagada pelos trustes e seus serviçais (a "alienação progressiva da soberania nacional", do sr. João Neves da Fontoura), opõem-se os anseios nacionais e progressistas da esmagadora maioria dos povos, a sua luta libertadora.

Os diplomatas sabem de tudo isso. E o sociólogo Afonso Arinos, com todo o seu vetusto fardão acadêmico, não pode ter dúvida de que está pronunciando um disparate ao falar em ideologia "continental" ou "extracontinental". Por que falam, então?

Porque ao imperialismo e à reação convém criar ou manter, entre os nossos povos, o mito de que não existem contradições entre os monopólios dos Estados Unidos e as massas da América Latina e que todos — Kennedy, Morgan, Faubus, Rockefeller, Trujillo, o operário de petróleo venezuelano, o mineiro da Bolívia, o retirante do Ceará, o camponês peruano com uma renda anual de 20 dólares — todos somos irmãos de uma mesma família solidária e feliz, onde as oportunidades são iguais para todos e todos recebem o mesmo quinhão e gozam dos mesmos direitos: a família "continental".

Mas quando os povos descobrem que lhes falta a terra ou o pão porque o que lhes pertence é pilhado pelos milionários norte-americanos, os diplomatas explicam que essa descoberta é uma "infiltração de ideologias extracontinentais". E se o povo cubano se liberta dos seus exploradores e começa a criar uma vida que dá, de fato, oportunidades iguais para todos, os diplomatas denunciam que essa "infiltração" já constitui um "grave perigo". Mas, como não basta a denúncia, os diplomatas cedem a vez aos generais, que preferem defender a ideologia «continental» com os tanques Sherman e os aviões de bombardeio — embora sofram, por isso, uma humilhante derrota.

Nesse embuste ideológico em que o imperialismo procura envolver os nossos povos, há também um aspecto ridículo. Todos sabemos o que entendem os porta-vozes por ideologia "extracontinental": o Poder popular, o socialismo, o comunismo. Essa ideologia, dizem, não é nossa, é de outros continentes. Mas, de que continente? Da Europa, onde nasceram, lutaram e morreram os fundadores do comunismo científico? Da Ásia, onde a maioria da população vive e produz sob o regime socialista? Ou da África, onde cada dia mais um povo se liberta da opressão estrangeira? Segundo a tese encampada pelo sr. Arinos, de que devemos repelir o socialismo por ser uma ideologia "extracontinental" — isto é, DE OUTROS CONTINENTES — conclui-se que essa ideologia deve ser aceita por todos, nos demais continentes. E por que, então os colonialistas franceses não abandonam a Argélia e a entregam ao "comunismo"? Por que os generais ianques dão um golpe na Coréia do Sul e intervêm abertamente no Laos? Por que o govêrno dos Estados Unidos insiste em fomentar uma nova guerra na Europa sob o pretexto de evitar a "expansão do comunismo»? Veja por aí o sr. Afonso Arinos as ciladas em que está caindo ao aceitar as tolices ditadas pelo primarismo do Departamento de Estado.

Os nossos povos é que não podem deixar-se iludir por tais mistificações. Não há nenhuma ideologia "continental" ou "extracontinental", "ocidental" ou "oriental". O que há é a ideologia de cada classe, em cada país, refletindo os interêsses de cada grupo social e servindo, ao mesmo tempo, de arma na luta pelo triunfo dêsses interêsses. E, como inimigo comum e mortal de todos os povos, a ideologia imperialista da espoliação, da opressão, do obscurantismo e da guerra, hoje batida e derrotada em todo o mundo, agora, também, na América.

TRABALHO DE EQUIPE E MUITO DINAMISMO TORNARAM LIANA PRESIDENTA

LIANA

Reportagem de Zuleika Allembert

"Como foi que me tornei presidenta do D.C.E. da U.B.?! Apenas aplicando uma fórmula bastante simples: trabalho, trabalho, trabalho." Com essa frase pequena mas cheia de entusiasmo, Liana Silveira, recentemente empossada naquele cargo, respondeu a primeira pergunta da reportagem de NOVOS RUMOS que foi entrevistá-la na séde do Diretorio Nacional de Belas Artes, do qual ela também é presidenta. E depois foi desfiando a sua história que não é muito grande mas que pode servir de exemplo a muita gente.

A ESTUDANTE DO ANO

Rodeada de quadros e esculturas, atendendo a colegas e amigos que a procuram durante todo o dia, Liana dá ordens, dirige, decide, opina. Entre uma e outra interrupção vai contando o que lhe vem à memória, respondendo o que lhe vamos perguntando.

Nascida na cidade de Santos, cursa atualmente o 5º ano de pinturas na ENBA. Quando no 2º ano participou da primeira exposição de desenho. Em 1960 tomou parte no salão Universitário de Belo Horizonte e no Salão de Cabo Frio. É uma das primeiras alunas do curso de pintura, realiza sempre provas na 1ª época, nunca repetiu. Em síntese, é aluna exemplar. A conclusão é nossa, é claro, mas não apenas nossa. Por seu exemplo como aluna e por sua atividade nos meios estudantis Liana Silveira em concurso promovido no ano passado pelo *Correio da Manhã* foi eleita a "Estudante do Ano".

DIRETÓRIO DINÂMICO

Caso raro numa organização estudantil: Liana neste ano cumpre o seu segundo mandato como Presidenta do Diretório da Escola Nacional de Belas Artes. Foi eleita para os períodos de 59-60 e 60-61. As razões de seu prestígio ela revela falando das múltiplas atividades de seu Diretório. Sob a égide dêste funcionam nada menos que três cursos: francês para 1º, 2º e 3º ano, litografia e silk screen, êste último sob a direção de Maria Tereza Vieira. Publica-se um jornal chamado Macunaíma e funcionam duas galerias de arte: Galeria Macunaíma e o Salão de Exposições. Uma cooperativa para a venda de materiais mais baratos aos alunos, e uma biblioteca são outras realizações do D.A.

INTERCÂMBIO

"Conhecer a arte de todos os povos e tornar conhecida de todos os povos a nossa arte é uma das preocupações constantes de nosso Diretório" diz-nos Liana. Sabemos porém que Liana vai além das preocupações. Ela há muito entrou pelo terreno das realizações práticas também nesse setor. Recentemente o Diretório da Escola Nacional de Belas Artes realizou uma magnífica exposição de gravuras de jovens artistas russos que repercutiu profundamente nos meios artísticos da Guanabara, o que valeu a essa entidade estudantil um voto de louvor do Conselho Departamental. Atualmente, prepara uma exposição de gravuras e desenhos de jovens artistas brasileiros que será apresentada na Universidade de Havana. Da Argentina acaba o Diretório de receber uma série de trabalhos artísticos que serão brevemente expostos em retribuição a uma exposição brasileira que seguirá para Buenos Aires.

ARTE PARA O POVO

Liana porém é ambiciosa em sua atividade. Sonha em fazer arte para o povo e junto com seus colegas de Diretório dedica a essa idéia grande parte de suas energias. Contou-nos que preparam uma exposição volante com trabalhos de alunos para percorrer os bairros, clubes, sindicatos e escolas. Com a cooperação do grupo de teatro da Escola, agora em formação, e do «Teatro dos Jóvens» levaremos música e teatro aos pontos mais distantes do Rio, à nossa gente simples mas sedenta de arte".

PLANO

O trabalho de Liana à frente do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Belas Artes credenciou-se suficientemente para o cargo que ocupa: Presidenta do D.C.E. da U.B. Suavemente, Liana que é pequena e frágil mas cheia de energia, fala-nos de seus planos e das idéias que pretende concretizar dentro de suas novas responsabilidades.

"Estou convencida de que um dos maiores defeitos de nosso movimento estudantil é a falta de espírito universitário, a falta de uma maior ligação, intercâmbio e solidariedade entre as diferentes Faculdades que compõem uma Universidade. Esforçar-me-ei para corrigir essa falha lutando, de um lado, pela Construção da Cidade Universitária o que tornaria fisicamente umas Escolas mais próximas das outras e por outro promovendo programas culturais, esportivos, recreativos entre as Faculdades, o que as aproximará do ponto de vista espiritual e humano" explica-nos a nossa entrevistada, e conclui: tornar o D.C.E. conhecido dentro de cada escola através de um trabalho diário e permanente do ponto de vista assistencial (instalação de biblioteca, cooperativa gabinete dentário, etc.) edição de uma Revista informativa e de um boletim mensal com o mesmo caráter, etc. são outras tantas idéias que procurarei levar à prática como presidenta do D.C.E. da U.B."

CONGRESSO DA UNE

Como todos os estudantes do Brasil Liana, também prepara-se para participar do próximo Congresso da UNE a se realizar êste mês. E como estudante ela tem também suas opiniões. Pensa que o conclave deve ser uma grande demonstração de unidade do mundo estudantil brasileiro. Uma vibrante resposta aos divisionistas de todos os quilates ora em ação junto a certos Diretórios. Por outro lado julga que a UNE e a UME, como entidades de classe e como órgãos políticos, devem eleger homens e mulheres capazes de harmonizar uma boa direção política com uma dinâmica administração, fórmula simples para enraizá-las e prestigiá-las no seio dos estudantes.

SEM CONTRADIÇÕES

Ao fim de nossa entrevista, fizemos uma última pergunta. Liana, como você consegue ser simultâneamente uma boa aluna, uma ótima aluna e uma batalhadora incansável à frente das organizações que dirige? A resposta veio rápida, sem mistérios:

"Realizo um trabalho coletivo. Confio na atividade de meus colegas e companheiros de diretoria. Em nosso Diretório não há hierarquia: há, simplesmente, responsabilidades que devem ser cumpridas. O resto é o trabalho incansável de todos os que dirijo".

TRABALHADORES BRASILEIROS VÃO AO V CONGRESSO SINDICAL MUNDIAL

Dirigentes sindicais de vários Estados já deram início ao trabalho preparatório para envio da delegação de trabalhadores brasileiros ao V Congresso Sindical Mundial, que se realizará de 4 a 16 de dezembro do corrente ano, em Moscou, sob o patrocínio da Federação Sindical Mundial.

O líder sindical Armando Ziler, presidente da Federação dos Bancários de Minas e Goiás e 2º vice-presidente da Confederação dos Bancários do Brasil, participou, como convidado especial, da reunião do Bureaux Executivo da FSM, que se realizou em Praga, de 23 a 26 de junho último. A reunião tratou da realização do V Congresso Sindical Mundial. A propósito do assunto a reportagem de NR ouviu o líder sindical bancário, que declarou ter tido ótima impressão dos trabalhos preparatórios do conclave e do critério que está norteando os seus promotores.

UNIDADE

O líder bancário salientou, nesse sentido, que o Congresso Sindical Mundial está aberto a tôdas as organizações sindicais do mundo, inclusive às organizações internacionais como a CIOSL, ORIT, etc., que poderão se utilizar das tribunas do conclave para o debate livre, franco e democrático de tôdos os problemas que preocupam os trabalhadores de todos os países, e que exigem soluções adequadas, em conformidade com os interêsses das massas trabalhadoras.

DELEGAÇÕES

A FSM previu a participação de cêrca de 200 delegados da América Latina no Congresso Sindical Mundial. A representação brasileira será de aproximadamente 45 delegados.

Os líderes sindicais do Brasil começam a se movimentar para criar as condições necessárias ao envio da delegação a Moscou. Em São Paulo, no último dia 7, dirigentes de várias entidades sindicais reuniram-se e elegeram a Comissão Organizadora da Delegação ao V Congresso Sindical Mundial, da qual fazem parte os líderes Remo Forli, do Sindicato dos Metalúrgicos; José Chediak, do Sindicato dos Vidreiros; Artur Avaloni, do Sindicato dos Têxteis; Antônio Chamorro, da Federação dos Têxteis; Luiz Tenorio de Lima, da Federação de Alimentação; Floriano Dezem, e outros.

NA GUANABARA

Também no Estado da Guanabara os dirigentes sindicais reuniram-se no último dia 6, na sede do Sindicato dos Gráficos, quando decidiram constituir a Comissão Coordenadora das Eleições para a Delegação Carioca ao V Congresso Sindical Mundial. Da referida comissão fazem parte os dirigentes Benedito Cerqueira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos; Giovani Romita, do Sindicato dos Gráficos; Plínio Alves, dos Sapateiros; Antônio Pereira Filho, dos Bancários, além de representantes dos marítimos e dos empregados em transportes rodoviários e ferroviários.

Os cariocas, como os seus companheiros dos demais Estados, estão organizando as bases para o lançamento de uma grande campanha de finanças, tendo em vista a coleta de fundos destinados ao custeio da viagem dos seus representantes ao Congresso Sindical Mundial. A campanha de finanças será acompanhada de um amplo trabalho de esclarecimentos sôbre a importância do V Congresso Sindical Mundial.

Coletiva na CAP

Inaugurou-se dia 5 último, às 19 horas, na Casa do Artista Plástico, à rua Nestor Pestana, 115 (São Paulo), uma exposição coletiva de quadros dos pintores José Pancetti, Lasar Segall, Alberto Guignard, Alfredo Volpi, Quirino da Silva, Marysia Portinaria Greggio e Emidio de Souza. Os quadros foram cedidos por particulares. Na foto, Marysia ao lado de Alfredo Volpi.

Tópicos Típicos

— Pedro Severino

Telegrama da UPI informa que a Academia Francêsa, em sessão solene, resolveu alterar ligeiramente a definição da palavra castidade. Depois de cuidadoso exame, os idosos "imortais", reunidos em Paris, chegaram à conclusão de que castidade hoje não é mais como era antigamente.

• • •

A atriz Cláudia Cardinale, segundo revela o JORNAL DO BRASIL de sexta-feira última, tem contrato firmado em Via Veneto com uma grande companhia produtora cinematográfica. Nos têrmos de seu contrato, a jovem atriz está terminantemente proibida: 1) de casar, 2) de engordar, e 3) de cortar ou tingir os cabelos.

Sugerimos aos cautelosos produtores que incluam outra cláusula proibindo a Cardinale de ler os editoriais de O GLOBO, para evitar embolia.

• • •

No JORNAL DO BRASIL de domingo, o sr. Nilson Penna, fingindo comentar os espetáculos do ballet do teatro Stanislavski, aproveitou para fazer provocações anti-soviéticas semelhantes às daquele outro Penna, o Penna-Bôto. Disse, por exemplo, o Penna (Nilson) que "o rótulo soviético já está perdendo totalmente o cartaz", por causa do "péssimo mau gôsto", redundância que lembra o estilo dos panfletos do outro Penna (Bôto). Em seguida, conceituou os artistas soviéticos (que são bons por fôrça da "raça russo-eslava") a um esfôrço no sentido de "sair da estagnação em que se encontram e evoluir até nossa época, sobretudo sem usar a arte como propaganda política".

É uma gracinha, o Nilson. Chega a dar Penna.

• • •

O ideal seria que essa gente do padrão do Penna (Nilson) e do Penna (Bôto) se cobrisse realmente de penas e fôsse cacarejar em outra freguesia.

•

Outro que já está se tornando excessivo é o poetinha Walmir Ayala, autor do poema "Onde estão os Sapos?".

No BRASIL EM MARCHA de 3-6-61, êle atinge o mais elevado grau de avidez de espiritualidade a que um ser humano pode chegar. E pergunta, no seu diário: "Como pode um materialista falar em amor, se êle ama o que apodrece?".

O rapaz precisa casar e constituir família para serenar um pouco.

• • •

Aproveitando a voga em que se encontra o crítico húngaro Georg Lukács, vamos fechar a coluna com uma frase dêle digna de ser pensada com atenção: "Todo pensador é responsável perante a história pelo conteúdo objetivo da sua filosofia, independentemente dos desígnios subjetivos que a animam. Não existe ideologia inocente". (El Asalto a la Razón, Ed. Fondo de Cultura Económica, p. 4).

Lua nova sôbre o Caribe

No Salão Nacional de Arte Moderna, ora instalado no Museu Nacional de Belas-Artes, encontram-se expostos três trabalhos de autoria do pintor paulista Marques de Sá (agraciado em mostra anterior com o certificado de isenção de júri).

Tendo recentemente exposto na Petite Galerie uma vasta e brilhante produção, que mereceu ótima acolhida do público e da crítica, Marques de Sá apresenta-nos agora a procura de nova temática, sem perder, contudo, as características pessoais que o afirmaram como um dos mais importantes nomes da jovem geração de artistas plásticos.

Entre os três quadros expostos no Salão de Arte Moderna, encontra-se um (o último à direita, na foto) que representa uma homenagem do pintor à Revolução Cubana. Intitula-se [illegible] a *Cuba: Lua Nova sôbre o Caribe*. Na lua que paira sôbre o canavial, refletindo-se na água do mar, Marques de Sá colocou a alegoria de São Jorge e o dragão. "O santo é o povo cubano libertado; o dragão só pode ser o imperialismo norte-americano", nas palavras do autor.

Foi assim que, dentro de sua atividade, pôde Marques de Sá tornar públicas sua solidariedade à grande Revolução Cubana e sua simpatia ao bravo povo de Cuba. Nas côres equilibradas do quadro, no seu simbolismo ingênuo, na verdade de sua idéia repousa a concretização de um objetivo que só pode encontrar aplausos entre os que gostam de arte e os que estão ao lado de Cuba. E *Lua Nova Sôbre o Caribe* é também um exemplo.

Solidariedade a Lepera

A agressão sofrida pelo deputado Luciano Lepera, vítima de capangas dos latifundiários do açúcar na cidade de Araraquara, provocou intensa indignação em todo o Estado de São Paulo. No dia 24 de junho último, convocada por uma comissão de solidariedade integrada por representantes dos partidos políticos, dirigentes sindicais e estudantis, realizou-se na cidade de Ribeirão Prêto um comício de desagravo ao parlamentar petebista. Mais de 3 mil pessoas participaram da manifestação, durante a qual fizeram uso da palavra, entre outros, o vice-prefeito, dr. Orlando Jurca (na foto quando falava); o presidente do PL local e diretor do jornal *A Palavra*, dr. Divo Marino; o radialista J. B. Garcia; o médico Luís Carlos Raia; o dirigente comunista Antônio Carlos Girotto; o líder sindical José Sampaio, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação de Ribeirão Prêto; o líder camponês Nazareno Chiavatti, e o líder estudantil Nhilton Engracia Garcia. Uma delegação de lavradores e trabalhadores agrícolas da localidade de Pontal também compareceu à manifestação de solidariedade ao deputado Luciano Lepera.

OPERÁRIOS DA FNM NÃO RECEBERAM O AUMENTO PROMETIDO

Além de promover a dispensa em massa de antigos operários da Fábrica Nacional de Motores, a atual Diretoria daquela emprêsa de economia mista vem cometendo outras arbitrariedades, tornando maior a indignação dos trabalhadores.

Um dos fatos que estão determinando a justa reação dos operários da FNM é o relacionado com o pagamento do reajustamento salarial. O brigadeiro Benjamim Manoel do Amarante, diretor presidente da FNM, no boletim nº 108, de 7/6/61, comunicou aos trabalhadores que na primeira quinzena de julho próximo seriam pagas as diferenças resultantes do reajustamento *vigorante desde abril*.

Ocorre, entretanto, que em fins de junho o próprio brigadeiro enviou ofícios aos trabalhadores, dando-lhes conta de sua classificação na emprêsa e comunicando-lhes que os novos salários seriam pagos a partir do dia 15 de junho de 1961, conforme boletim publicado em 14/6/61. A Diretoria da FNM, que havia comunicado aos trabalhadores que os seus salários seriam reajustados a partir de abril, volta a comunicar agora que o referido reajustamento só será feito a partir de junho. Esse fato, aliado à ameaça de novas dispensas, vem determinando a mobilização dos trabalhadores para a defesa dos seus direitos.

"ANUM BRANCO" NAS LIVRARIAS

A Editorial *Vitória* acaba de entregar às livrarias o seu mais nôvo lançamento, o livro de contos "Anum Branco", de autoria do escritor sergipano Renato Mazze Lucas.

O livro, em bela apresentação gráfica ilustrada por Leonardo Alencar, é a primeira obra editada de Mazze Lucas e os contos nela incluídos revelam a preocupação do autor em exaltar sempre as qualidades positivas de seus personagens, enaltecer o espírito forte que distingue o homem brasileiro, o trabalhador brasileiro.

"Anum Branco" e os demais contos do livro retratam essas características através da descrição de personagens simples e das suas reações diante de acontecimentos com os quais se deparam.

Canto de Página

— Eneida

Os Parentes

Já estamos acostumados: qualquer pessoa que fique saliente no mundo, por isto ou por aquilo, aparece, imediatamente neste nosso amado país alguém que se intitula parente do cujo. — Prima da Lolobrigida; tio do dr. Salk e por aí vai. Nem Gagárin escapou.

Disse e repito: nem Gagárin escapou. "O Globo" jornal danado de reacionário é, quase sempre, o pai dos "descobrimentos". Aliás, quando esta cidade — que Lacerda está vivamente empenhado em liquidar —, obtém qualquer coisa, quando há um gesto melhor dos homens para os outros homens, é sempre «uma vitória de «O Globo», segundo êle informa e põe manchete.

Gagárin foi ao cosmos. "O Globo" ficou furioso. Isso devia ser feito pelos ianques e tudo que houver no mundo de bom, para o jornal dos Marinhos precisa, deve ser feito pelos ianques. Mas como era impossível negar Gagárin como o primeiro astronauta, então o que fez o jornal? Foi procurar imediatamente um parente (?) do grande herói.

Encontrou um velho com nome idêntico intitulando-se ou sendo intitulado cientista. Antes ninguém ouvira falar dêsse homem. Nem como «cientista» nem como homem. É príncipe, é nobre, declara, e é russo daqueles que fugiu da URSS quando o proletariado começou sua grande e magnífica e fabulosa revolução. Êsse senhor Gagárin, etnologista, naturalista (disem) está aparecendo em jornais e revistas, dando entrevistas e dizendo bobagens mil.

Dia seguinte ao grande feito de Gagárin veio êsse senhor, pelo "O Globo" dizendo-se parente do astronauta, mas muito envergonhado de sê-lo. Envergonhado, imaginem. Falou mal da URSS, disse horrores de Kruschiov, tudo isso com cara de palhaço sem roupa de palhaço. Papadas caindo sôbre a gola da camisa, pois também os príncipes envelhecem. Agora melhorou um pouco. Considera proibido se falar na presença dêle, cientista desconhecido, de Gagárin.

Não é de dar risadas? Mas Gagárin. Iuri, aquêle moço herói, aquêle jovem soviético, nada tem a ver com o homem do Brasil. Absolutamente nada. É camponês, filho de camponeses e, vocês que me lêem, então naturalmente como eu, acompanhando essa bela publicação que NOVOS RUMOS está fazendo: «Minha vida e meu vôo no cosmos» escrito por Iuri Gagárin e que nos é dado numa bela tradução de Rui Facó.

Não. Gagárin herói, Gagárin astronauta, o primeiro do mundo, Gagárin jovem soviético, Gagárin que voltando do cosmos só tinha um pensamento: o seu partido, nunca, jamais, em tempo algum é ou pode ser parente nem coisa alguma dêsse Gagárin berocochê, cientista com papada que ninguém conhecia, nem ouvira falar.

Mande um recado para êsse velhote: — Tenha vergonha na cara, homem. Deixe de mentiras bobas. Gagárin não é seu parente. Gagárin nunca teve parentes príncipes. Continui com seus insetos e com "O Globo", deixe de mentir. Seja pelo menos digno.

Barnabés em Convenção: Enquadramento Imediato e Volta ao Horário Unico

A mesa que presidiu os trabalhos

Com o auditório do IAPC superlotado, encerrou-se vitoriosamente, na noite do dia 10, a I Convenção Nacional dos Servidores Públicos Federais, Autárquicos, Estaduais e Municipais. O conclave, que selou a unidade de tôdas as organizações de servidores públicos que dêle participaram, lançou as bases para a campanha nacional visando a conquista do direito de sindicalização para o funcionalismo.

Ao ato de encerramento da Convenção estiveram presentes os representantes do presidente da República, dos governadores dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, de prefeitos de vários municípios, os deputados federais Lycio Hauer, Paiva Muniz, Aarão Steinbruch, Benjamim Farah e José Gomes Talarico, os representantes das Federações Nacionais dos Estivadores, Ferroviários, Portuários, além dos dirigentes da Comissão Permanente das Organizações Sindicais da Guanabara e de várias organizações dos trabalhadores cariocas e de outros Estados.

REPRESENTAÇÃO

A Convenção realizou-se de 7 a 10 do corrente, com a participação de 556 delegados oriundos de 17 Estados diferentes, representando 103 associações diversas do funcionalismo federal, autárquico, estadual e municipal. Os funcionários de São Paulo estiveram representados por uma delegação de 29 membros, credenciados por 9 entidades. A delegação da Guanabara, a mais numerosa, era composta de 335 membros, representantes de 33 associações e de 20 seções da UNSP. Minas Gerais enviou 44 delegados de 16 entidades de servidores. O Rio Grande do Sul participou com uma delegação de 21 membros, representando 14 entidades. Os demais Estados estiveram representados pelas suas respectivas Federações de Servidores.

UNIDADE

Contando com a participação de delegações tão expressivas, representantes de servidores de diversas categorias, pôde a Convenção, através de um vasto programa de reivindicações debatido e aprovado, construir as bases para a unidade orgânica de tôdas essas entidades que outrora lutavam isoladamente pelos interêsses do funcionalismo. Nesse sentido, as entidades representadas na Convenção assinaram a seguinte declaração:

"As Associações dos Servidores Públicos Federais, Estaduais e Municipais e as Federações Estaduais que as congregam, representadas por seus dirigentes abaixo assinados, convidadas pela UNSP a participarem da I Convenção Nacional dos Servidores Públicos, considerando a necessidade de unir o funcionalismo em defesa dos seus interêsses profissionais e do aperfeiçoamento do Serviço Público, sob a égide da Confederação Nacional dos Servidores Públicos do Brasil, deliberam, em perfeita concordância, o seguinte:

1) considerar a Primeira Convenção Nacional dos Servidores Públicos como manifestação de âmbito nacional da classe, assumindo conseqüentemente sua direção;

2) encaminhar as resoluções adotadas pela Convenção à Confederação Nacional dos Servidores, através do seu Conselho de Representantes, para o fim específico de coordenar a ação do funcionalismo na luta pela sua concretização;

3) conclamar as entidades representativas da classe em todo o país à luta em defesa dos princípios aprovados na Convenção."

REIVINDICAÇÕES

Além de reclamarem a ultimação do enquadramento dos servidores no Plano de Classificação, a fim de que possa ser executada a Lei da Paridade, os convencionais debateram e aprovaram a inclusão, dentre outras, das seguintes reivindicações no seu programa de lutas: 1) intensificar a campanha junto ao Congresso Nacional, visando a rápida aprovação do projeto que restabelece o regime de trabalho de seis horas corridas; 2) igualdade de vencimentos para todos os funcionários que recebem do Tesouro Nacional; 3) igualdade de vencimentos para tôdas as professôras primárias federais, estaduais e municipais do país; 4) extensão do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares aos servidores civis dos ministérios; 5) aposentadoria aos 30 anos de serviço para os homens e aos 25 anos para as mulheres; 6) extensão do Plano de Classificação de Cargos a todos os servidores estaduais e municipais.

ANISTIA

Reportando-se aos exemplos dos portuários da Guanabara e dos implicados na chamada revolta de Jacareacanga, que foram anistiados pelo presidente Kubitschek, os convencionais aprovaram moção encaminhando ao presidente da República e ao Congresso Nacional uma proposição de anistia geral a todos os que, em qualquer circunstância e em qualquer época, tenham tido seus direitos civis e políticos cassados, por participarem de lutas reivindicatórias da classe.

SINDICALIZAÇÃO

Os convencionais concluíram que as reivindicações do funcionalismo só serão atendidas à medida em que a classe conseguir unir sua fôrça, através de uma organização capacitada a defender os seus direitos. Nesse sentido foram resolvidas duas questões das mais importantes: 1) a campanha pelo direito de sindicalização do funcionalismo; 2) a unificação das entidades dos servidores em tôrno da sua Confederação Nacional.

No que se refere a sindicalização, ficou deliberado que o assunto, dada a sua complexidade, fôsse debatido em um conclave específico, que deverá ser realizado no primeiro trimestre de 1962, em Belo Horizonte. O conclave será convocado pelo Conselho de Representantes da Confederação, com a finalidade exclusiva de debater os diversos aspectos da sindicalização do funcionalismo.

BASES DA UNIDADE

Além de reconhecerem a Confederação Nacional dos Servidores Públicos do Brasil como entidade máxima do funcionalismo no âmbito nacional, e as Federações Estaduais igualmente no âmbito regional, os convencionais decidiram ainda o seguinte:

1) reconhecer que as Associações ou Uniões de âmbito nacional, atualmente existente, sejam consideradas como representativas, nacionalmente de suas categorias, mas recomendando, sob o princípio de maior unidade, a sua filiação à Confederação Nacional;

2) recomendar, pelos mesmos motivos do item anterior, que as Associações locais sob qualquer denominação existente ou que venham a existir em todo o território nacional promovam a sua inscrição às Federações Estaduais;

3) recomendar sejam feitos todos os esforços no sentido de que a Confederação seja prestigiada e ajudada a fim de que possa funcionar normalmente, cumprindo a finalidade para que foi criada;

4) recomendar que se envide o máximo de esforços a fim de que a Confederação e as Federações sejam reconhecidas pelo Congresso Nacional como entidades representativas da classe, bem como os Clubes, Uniões, Ligas, etc.

5) que os Podêres Executivo e Legislativo da República criem uma lei que autorize o desconto anualmente da importância relativa a um dia de ordenado de todo o servidor público federal de tôdas as categorias, inclusive autárquicos e paraestatais, para a constituição de um fundo especial de ajuda às entidades do funcionalismo, com a seguinte distribuição: 15% para a Confederação Nacional dos Servidores; 30% para as entidades estaduais filiadas à Confederação; 40% para as filiadas às Federações; 5% destinados às despesas do Govêrno. Igual medida será pleiteada dos govêrnos estaduais e municipais.

Funcionários Cariocas Querem Paridade e Aumento

Incluídos os transferidos da União, o Estado da Guanabara conta com cêrca de 17.000 funcionários. E a grande maioria dêsses servidores está agrupada em 28 organizações dos mais diversos tipos, beneficentes, culturais, recreativas, etc., que se uniram, formando a Coligação dos Funcionários Estaduais, em defesa dos direitos de seus associados.

Uma das vitórias de que muito se orgulham os funcionários do Estado da Guanabara é a de participarem da Comissão de enquadramento para a elaboração das normas de aplicação da Lei n.º 14/60. E elegeram para representá-los o dr. Colbert de Santana Rocha. O representante do funcionalismo, apesar de exercer, normalmente, as suas funções de funcionário, desdobra-se para atender o pesado encargo de membro daquela Comissão, pois foi esta a determinação injusta, impedindo-o de assinar o ponto e dedicar-se apenas aos trabalhos da Comissão, que recebeu das autoridades administrativas, que não levam em consideração a honrosa delegação que o dr. Colbert recebeu de seus colegas. Mas o que é a Lei 14/60?

ENQUADRAMENTO RÁPIDO

Na ordem das reivindicações por que vem lutando, unitàriamente, o funcionalismo estadual, em primeiro lugar está o Plano de Classificação votado de acôrdo com a Lei n.º 14/60, em outubro do ano passado, o que ainda não está sendo aplicado.

Apesar de baixadas tôdas as normas para o enquadramento dos servidores, com exceção das que dizem respeito à parte denominada artesanal, a aplicação depende, ainda, do trabalho de Comissões especiais, criadas para cada setor. E isso porque o govêrno não toma providências. Os membros dessas Comissões exercem normalmente as suas funções de rotina e só trabalham no enquadramento nas horas vagas. Desde fevereiro dêste ano, por exemplo, estão concluídas as normas referentes ao magistério primário, que, até hoje, não foi enquadrado. Só a nomeação de comissões especiais, cujos membros estejam desobrigados de quaisquer outras responsabilidades, poderia apressar a aplicação do Plano de Classificação.

Em que pesem algumas o funcionalismo estadual terá com a aplicação da Lei 14/60, o objetivo, hoje, é mais a definição das funções de cada um, readaptação e a disciplina dos serviços do Estado, considerando que as tabelas correspondentes aos vários níveis foram elaboradas em 1959, estando, pois, absolutamente superadas.

Apesar de tôdas essas dificuldades, graças à vigilância dos interessados e ao trabalho de seu representante, podemos informar, em primeira mão, que o enquadramento das professôras primárias, letras *G* e *J* deverá sair até o dia 15 do corrente.

PARIDADE + 20%

Dos têrços do funcionalismo estadual ganham, apenas, o salário-mínimo. E 1/3 u'a média de Cr$ 16.000,00. Não pode, pois, cruzar os braços ou esperar compreensão. É verdade que há um dispositivo na Constituição Estadual que não permite aumento de vencimentos antes de decorrido um ano de sua promulgação.

Mas o argumento maior entre o funcionalismo, e que se pode chamar de argumento moral, é de que o governador do Estado teve os seus vencimentos aumentados, por cima de tôdas as leis, para Cr$ 200.000,00. E, por isso, pleiteia a paridade com os servidores federais e mais um aumento de 20%, porque, também, a tabela da "paridade" já não está correspondendo às exigências elementares do custo de vida. Para solucionar a situação em que se encontram colocam, como etapa imediata, a conquista de um abono de Cr$ 5.000,00, até que em 1962 conquistem o aumento (paridade + 20%). Não se conformam os servidores com a fórmula conciliatória de um abono em novembro e outro em dezembro.

PROFESSÔRAS E DIRETORAS

Durante essa batalha que trava o funcionalismo estadual pela aplicação da Lei 14/60, por um abono imediato e por um justo aumento a partir do próximo ano, professôras e diretoras reclamam os seus direitos atingidos por portaria do govêrno. E vêm se reunindo no Clube Municipal, lideradas pela União das Professôras Primárias.

As diretoras de escola que ainda há pouco ganhavam alguns cruzeiros mais que os serventes e menos que muitas professôras, e que vinham exercendo o cargo efetivamente, foram chamadas para tomar posse (que posse se já eram efetivas?) como diretoras em comissão. São senhoras que trabalham há 20 anos, 30 e até 40 anos, a maioria com um ordenado de Cr$ 17.000,00, e que, de repente, são lançadas na incerteza. Algumas já se encontram com a saúde abalada e duas foram vítimas de enfarte, devido às ameaças e injustiças do govêrno.

Queixam-se, também, as professôras mais antigas que às mais novas foram atribuídos melhores vencimentos. Grande descontentamento reina entre o magistério primário. Centenas de processos de aposentadoria estão sendo informados nas seções competentes.

DERROTA DO GOVERNADOR

Em que pesem os sobressaltos e as ameaças, o funcionalismo estadual não se amedronta e nem recua. Apesar da nota provocativa, através da qual o governador negou o abono do ponto aos que comparecessem à I CONVENÇÃO NACIONAL DOS SERVIDORES PÚBLICOS, dela os servidores participaram como representantes de suas entidades de classe, em numerosa delegação.

É da representação dos funcionários da Guanabara o estudo sôbre a sindicalização do funcionalismo, assim como da autoria da representação dêsses servidores é a carta de princípios proposta àquela Convenção, em cujo primeiro item dão uma lição de democracia, coragem e civismo ao governador: "Os funcionários públicos são servidores do povo e não devem estar a serviço do partido ou grupo político dominante". Foi derrotado o governador do Estado da Guanabara.

CARRIS: TOMOU POSSE A NOVA DIRETORIA

Realizou-se, dia primeiro, a posse da diretoria eleita para o biênio 1961-1963 do Sindicato dos Trabalhadores em Emprêsas de Carris Urbanos da Guanabara, em cerimônia celebrada em sua sede, à rua Mata Machado, 170. Os novos dirigentes da entidade são os srs. Antônio Joaquim Crespo de Vasconcelos, Augusto José dos Santos, Max Torres Pimentel, Onofaro Corrêa Picanço, Arthur Braga, Severino Menezes de Souza e Floresvaldo Conceição de Oliveira.

Em festas o subúrbio de Campo Grande

Depois de batalharem por mais de 2 anos, os dirigentes do Campo Grande A. C. viram coroados de êxito seus esforços na noite de quinta-feira última, quando foi aceita pela Assembléia, reunida extraordinàriamente, da Federação Carioca de Futebol, seu pedido para disputar, a partir de 1962, na divisão extra de profissionais.

Foi dos maiores o movimento na Federação, onde os corredores se achavam intransitáveis, dado ao grande número de pessoas que ali acorreu para acompanhar de perto todo o desenrolar da Assembléia, que ditaria a sorte do grêmio suburbano.

Embora aceito condicionalmente, pois até o fim do ano terá que apresentar seu estádio completamente pronto e quando de sua participação nos jogos, dar prova de sua capacidade técnica e financeira, acreditam seus dirigentes não ser isso problema, visto já terem dinheiro suficiente para completar seu estádio e reforçar seu quadro de futebol.

Logo depois de anunciada a inclusão do Campo Grande A. C. na divisão de profissionais da F.C.F., os moradores do simpático subúrbio que leva o mesmo nome, quebraram o silêncio da noite com verdadeiro foguetório, tendo à frente um dos seus mais ardorosos sócios, sr. Ildefonso dos Santos.

Na foto, o Presidente João Elis Filho e os diretores Ormar Magalhães, Lírio Suarez da Silva, Humberto La Banca e Laerte Chaves, quando aguardavam o pronunciamento da Federação sôbre a inclusão do Campo Grande.

(Notas de Henrique Cordeiro Filho)

A Cidade

Ana Montenegro

Má orientação

O juiz Alberto Gusmão, preocupado com o problema da infância e da juventude, numa entrevista concedida ao "Diário de Notícias", diz que os pais abandonam os filhos e, por isso, devem ser chamados à responsabilidade. O mais justo seria dizer que a sociedade abandona as famílias, abandona os pais. Ninguém pode realizar o milagre de dar o que não possui. Entre as famílias ricas ou da camada média, de algumas posses, realmente, há uma forma de vida que leva à liberdade mal usada, pelas facilidades econômicas. Mas, entre a maioria da população o que há, mesmo, é a falta de meios para dar às crianças, para dar aos jovens uma educação adequada, uma educação que desperte o interêsse e o amor pelas coisas belas e úteis da humanidade. O menino ou menina da camada média (não precisa ser rico), vê na televisão a tarde inteira e parte da noite as fitas americanas de bandidos. As histórias do rádio são de gôsto duvidoso. As músicas, em grande número, quando não são importadas, não têm melodia. Não há uma criança, hoje, que saiba uma cantiga de roda. Ou uma história daquelas de môças que tinham um vestido da côr do céu, bordado com tôdas as estrêlas. Mas, sabem o nome de todos os "heróis" americanos. Por que não proibem essas histórias, êsses filmes, na televisão, no rádio, nas revistas? Não são os pais os donos das emprêsas que os divulgam. Fora do reduzido expediente escolar, mais reduzido, agora, nas escolas públicas para fabricar vagas, não há um lugar onde as crianças possam ir. Não há uma escolinha de arte, por exemplo, em tôda a zona norte da cidade. Qual é o pai que pode instalar um centro recreativo ou cultural, para evitar que os filhos vivam pelas esquinas? A maioria das mulheres trabalha, e não há creches, nem escolas maternais, nem jardins de infância. E caberá aos pais a responsabilidade de instalá-los? Há leis nesse sentido que nunca foram regulamentadas. Êsses são problemas do govêrno, da sociedade. Quando saímos dessa camada média, que paga caro o apartamento em que mora, o que vamos encontrar é a miséria. Diz o coordenador das favelas cariocas em relatório apresentado ao Chefe de Polícia. Cêrca de 600 mil crianças habitam as 194 favelas do Rio de Janeiro, vivendo na mais perigosa promiscuidade, com marginais de tôda a espécie, morando em barracos de menos de 50 centímetros de largura". Por acaso é da responsabilidade dos pais, que moram nas favelas, essa injustiça social? Podem os trabalhadores alugar um apartamento na Avenida Atlântica, matricular os filhos em cursos de desenho, de música, de línguas? E sabe o Dr. Juiz Alberto Gusmão qual a solução apresentada para salvar as seiscentas mil crianças favela-das? Nos 12 itens contendo sugestões, para encaminhamento do problema, 7 dizem respeito a medidas policiais. A alegria, a necessidade de conhecimentos, a higiene, a segurança, o pão de cada dia, a vida de cada criança favelada transformou-se num caso de polícia. E os outros itens que falam de urbanização e educação já são velhos conhecidos nossos: são as mesmas palavras da Fundação Luão XIII e da Cruzada São Sebastião. Só palavras.

Não são os pais que dão má orientação aos filhos. A sociedade em que vivemos é que é mal orientada. Tão mal orientada, tão desigual, tão injusta, que, paradoxalmente, riqueza e miséria criam as condições para que existam crianças e jovens às margens das leis dessa mesma sociedade.

Brocoió em Foco

Zé Vicente

Uma das últimas do governador: investiu contra os cegos, que pleiteiam o direito de trabalhar. No caso das armadilhas dos bicheiros Lacerda demonstrou que enxerga demais. Agora entra na fila dos piores cegos, que são os que não querem ver. Além disso, é surdo ao clamor público, fazendo ouvidos de mercador sempre que se trata de prejudicar o povo para servir à Light. Lacerda propõe uma elevação de 450 para 900 cruzeiros da taxa dos telefones, ao mesmo tempo que considera o serviço telefônico não essencial, a fim de fugir ao que determina a Constituição do Estado, quanto às obrigações da emprêsa perante o público.

Cego num caso e surdo noutro, o sr. Lacerda, quando se trata do Polvo Canadense, apresenta virtudes sobrenaturais. Segundo denúncia do sr. Roland Corbisier, o governador, acostumado a advinhar os pensamentos da Light, concede aquilo que ela vinha pleiteando há muito tempo: o autofinanciamento dos telefones. Eis a situação privilegiada que o governador arranja para o Polvo: exploração de uma concessão, aumento de 450 para 900 cruzeiros e, como se isso não bastasse, financiamento, pelo próprio assinante, do telefone que a Light utiliza como verdadeira galinha dos ovos de ouro.

Cineclubismo

Manuel

Cinema Cubano II

Voltamos hoje a falar um pouco sôbre o que se está fazendo para a criação de uma indústria cinematográfica em Cuba. Na semana passada abordamos o setor de produção de filmes, onde coexistem nomes consagrados como Joris Ivens e Cesare Zavatinni ao lado de jovens idealistas entusiastas da 7a. Arte. Agora pretendemos divulgar o que se passa no mercado de exibições do país, partindo de um levantamento estatístico efetuado pelo Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica, ICAIC, entidade oficial do Govêrno Revolucionário responsável pelo Cinema.

As exibições estavam distribuídas da seguinte forma: filmes de procedência norte-americana 54,95%; mexicanos 16,32%; inglêses 9,09%; italianos 5,17%; franceses ..... 4,96%; espanhóis 9,93% e demais procedências 5,58%. Como se pode observar havia uma enorme predominância do cinema americano, fato aliás idêntico ao que ocorre em diversos países inclusive no Brasil. O mais grave, no entretanto, era o gênero dos filmes exibidos, onde predominava com cêrca de 75% as películas policiais, «westerns», de «horror», dramas psicológicos e outros temas semelhantes, não raro se conduzindo por uma constante que é a apologia da violência — especialmente as produções de Hollywood (até nos desenhos animados como da série Tom & Jerry, onde a tônica das situações para fazer rir reside sempre no esfolamento de um personagem pelo outro). Partindo dêsse estudo o ICAIC optou por uma completa renovação e seleção dos filmes a serem exibidos, procurando diversificar ao máximo a procedência e as tendências artísticas de realizadores já clássicos como de outros que se estão iniciando honestamente nessa tão poderosa Arte que é o Cinema.

Para enfrentar essa situação o govêrno cubano, através do ICAIC, criou a Distribuidora Cubana de Películas, que importará e exibirá todos os filmes para o mercado do país. Será intensificado ao máximo o ritmo de apresentação de fitas produzidas no mundo inteiro, sem predominância de nenhum país, considerando-se apenas os valores culturais, artísticos e cinematográficos de suas produções. Especial atenção será dado ao cinema de realizadores consagrados como Eisenstin, De Sica, Chaplin, Visconti, Renoir, Flaherty, Clair, Abel Gance, Pudovkin, De Santis, Buñuel, Rosselini, Fellini e os novos, Truffault, Resnais, Malle, e tantos outros clássicos e contemporâneos, capazes de transmitir algo de autêntico em matéria de cultura e arte cinematográfica. Grande importância está sendo dado aos cineclubes que deverão sair de seus pequenos grupos a fim de colaborar na transformação do grande público, através de cursos, palestras, debates, apresentação de filmes, e tantos outros meios possíveis de transformar êsse grande público normalmente passivo em espectador ativo e polêmico, apto a discernir tudo aquilo que lhe é dado assistir, estando em condições de exigir sempre o melhor e mais positivo.

Além da nacionalização dos grandes circuitos exibidores, o Govêrno Revolucionário está construindo grande número de novas salas exibidoras, particularmente para atender a demanda de mais de três milhões de camponeses, agora em condições de participar de atividades outrora acessíveis apenas aos habitantes das cidades.

RONDA DOS CINECLUBES: Será inaugurado no próximo Domingo, dia 16, às 17 horas, o CINECLUBE LARSO, entidade ligada à Instituição Filantrópica «Casa da Vovó Santos», do Jardim Sulacap em Marechal Hermes. O nôvo cineclube apresentará programas para crianças e para adultos, para os primeiros aos Domingos, e para os segundos aos sábados. De maneira que então de parabéns os moradores de Marechal Hermes, especialmente do Jardim Sulacap, que contarão agora com mais um centro de atividades culturais. A sessão inaugural será realizada com filmes de curta-metragem americanos, canadenses, franceses e tchecoslovacos (bonecos [illegible]). Estão convidados todos os interessados para a exibições de sábado no Clube do Jardim Sulacap.

Círculo Vicioso

Beatriz Bandeira

O Teatro do Rio estreou a comédia em 3 atos, de Somerset Maugham, "O Círculo", em tradução de Elsie e Ivan Lessa. A ação se passa na Inglaterra, época atual. Os cenários são de Bella Paes Leme. Direção de Ziembinsky. No elenco estão Maria Sampaio, Isabel Teresa e Thelma Reston nos papéis femininos. Ivan de Albuquerque, Rubens Corrêa Sady Cabral, Ziembinsky e Ney Mandarino nos masculinos. O "Círculo Vicioso", que no original é simplesmente "O Círculo" é, em realidade, meramente um círculo ou uma cadeia de acontecimentos que se repetem de maneira inevitável, como que por um determinismo digamos assim. No caso, predestinação dos cavaleiros de determinada família rica da austera Inglaterra, em serem abandonadas pelas respectivas consortes. Logo no primeiro áto entramos em contato com o jovem casal Champion-Cheney e seus amigos Edward Luton e Senhora Shenstone (da qual não se tem maiores informações em tôda a peça. Personagem que aparece e some sem quê nem para quê). Estão todos muito afobados com a próxima chegada do casal Lady e Lord Porteous, ou sejam a sra. genitora do dono da casa e seu atual marido, melhor amigo de seu ex-marido, com o qual fugira, quando o filho tinha apenas 5 anos de idade. O filho teme o encontro com a mãe, recrimina a espôsa por tê-los convidado, não imagina como se poderão tratar depois de tão longa ausência. Tranquiliza-os apenas a convicção de que o velho pai do rapaz, em viagem, não tomará conhecimento do inesperado reatamento de relações entre mãe e filho. Eis, entretanto, que chega o dito sr. de maneira inesperada. E ao contrário do que se espera e promete, em vez de se conservar afastado, no chalé em que reside, resolve confraternizar com a ex-espôsa e o ex-amigo. Situações desagradáveis surgem. Atritos entre o lord e a mulher provocados pelo velho senhor, empenhado em demonstrar com fatos à jovem nora, cujo amor pelo burguês e prático negociante Edward adivinhou, que fuga não compensa e não vale a pena mudar. Fracassando em seu intento, interfere junto ao filho, aconselhando-o a uma atitude de generosidade e compreensão, no sentido de despertar na nora remorsos antecipados, obrigando-a a permanecer. Também a ex-espôsa e seu atual marido são chamados a cooperar e demonstrar com seu exemplo pessoal que amor à margem das convenções não traz felicidade. Parece estar tudo perdido para o jovem apaixonado. A jovem sra. Cheney manda chamá-lo para pô-lo a par de sua última resolução, isto é: ficar junto ao marido, mesmo sem amor. Mas a "dialética" do rapaz é mais forte e, em "happy-end", o nôvo casal e o velho casal de "fora da lei" convencional se lançam nos braços um do outro e tudo termina bem.

Em seu livro "Confissões", muito citado, S. Maugham dedica inúmeras páginas a considerações sôbre a arte de escrever para o teatro. Além das que constam do programa anotamos esta: "Parece que defeitos de uma ou outra sorte são inerentes à arte do teatro. Para conseguir um efeito é preciso sacrificar outro, de modo que escrever uma peça perfeita em todos os seus detalhes, no interêsse e significação de seu tema, na sutileza e originalidade dos seus caracteres, na plausibilidade de seu enrêdo e na beleza de seu diálogo, é impossível".

Foi a impressão que nos ficou da peça e do espetáculo.

AUGUSTO TEIXEIRA DE SOUZA

Rodeado dos carinhos de seus familiares e amigos, que ressaltaram suas grandes qualidades de exemplar dedicação à família e às causas do povo, faleceu dia 21 de junho, após longa e pertinaz enfermidade, o militante comunista Augusto Teixeira de Souza. Natural de Pernambuco, participou ativamente das lutas pela libertação do nosso povo, desde 1935 na ANL. Seu corpo foi sepultado no cemitério de Inhaúma, no Estado da Guanabara.

AJUDA A NOVOS RUMOS

Recebemos de leitores de NOVOS RUMOS no Estado da Guanabara:

	Cr$
Sul	3 000,00
Metalúrgicos	1 000,00
Carris	4 000,00
Elias	1 000,00
C. Civil	1 000,00
Bancários	350,00
Tijuca	2 000,00
Madureira	300,00
Leopoldina	2 000,00

LÍBANO HOMENAGEIA FARAJALLAH HELU: HERÓI ASSASSINADO

Dezenas de milhares de operários, camponeses, intelectuais, jovens e estudantes libaneses, vindos de tôdas as regiões do país, compareceram nos dias 1, 2 e 3 de junho à casa do herói nacional, Farajallah Helu, o secretário do CC do Partido Comunista Libanês, para exprimir mais uma vez sua dor e sua profunda indignação contra o vil assassínio nas prisões da RAU do grande dirigente dos trabalhadores libaneses e árabes.

Também foi ao local render homenagens ao mártir grande número de ministros, deputados, personalidades políticas e sociais, assim como membros do corpo diplomático acreditado em Beirute.

Os trabalhadores libaneses enviaram seus representantes, dirigentes dos sindicatos dos operários em construção, dos marceneiros, dos gráficos, dos empregados na indústria hoteleira, pintores, sapateiros, e outras corporações. A imprensa foi representada por membros do sindicato dos jornalistas.

CERIMÔNIA EMOCIONANTE

No domingo, dia 4, realizou-se uma grandiosa e comovente cerimônia em Hasrayel, aldeia onde nasceu Farajallah Helu. Mais de vinte mil pessoas de todos os recantos do Líbano compareceram ao réquiem celebrado pela igreja e ouviram os diversos oradores que falaram homenageando o dirigente comunista assassinado.

Um dos oradores, o deputado Eber, saudou o herói morto a serviço da causa dos povos libanês e árabe, de quem o Líbano sempre se orgulhará pelo que êle representava de coragem e abnegação.

Todos que fizeram uso da palavra referiram-se à luta do homem infatigável que era Farajallah Helu, seu amor ao povo e a todos os povos, sua atividade inteiramente dedicada aos interêsses da paz, da democracia e do socialismo.

NA IMPRENSA

Tôda a imprensa libanesa dedicou espaço ao dirigente morto, exaltando a integridade de sua vida de combatente popular.

O jornal "Al-Dunia — Al-Jadida» publicou um editorial assinado por seu diretor e proprietário, onde, entre outras coisas, pode-se ler: «O vil assassínio de Farajallah Helu revolta nossa consciência... era um grande e valoroso cidadão libanês. Um militante que serviu o Líbano e todos os países árabes através de sua luta contra a ocupação e o imperialismo...»

O diário «Al-Chaab», publicou na primeira página um artigo do conhecido escritor Raif Khoury, que relatou em palavras ardentes a luta que durante trinta anos Farajallah Helu desenvolveu contra o domínio francês, contra o imperialismo e a ditadura, pela independência e a soberania do Líbano e todos os países árabes.

«An-nida», em vários editoriais e artigos, ressalta o aspecto político dêsse crime, ligando-o à aproximação que se nota já há algum tempo entre Nasser e Hussein e os imperialistas norte-americanos e inglêses.

A «Revista do Líbano», de grande tiragem, editada em francês, dedicou-lhe duas páginas ilustradas, onde se pode ler o artigo «O fim trágico do líder comunista libanês, Farajallah Helu, escritor e jornalista de talento». O artigo descreve a vida e as lutas do grande dirigente libanês, as torturas selvagens que lhe foram infligidas nas prisões, sua coragem e seu heroismo. «Sim — diz o artigo — é um mártir. Pois preferiu agüentar até morrer a renegar suas convicções. Sua lembrança não desaparecerá, sua memória se perpetuará. Viverá muito mais tempo que o nome dos que tingiram as mãos com seu sangue e que carregam sua morte na consciência...»

Carlos Scliar na Petite Galerie

Carlos Scliar está expondo trabalhos seus na **Petite Galerie**, em Ipanema. Artista de enorme sensibilidade, de verdadeiro talento, Scliar destaca-se na moderna geração de pintores brasileiros pela incessante busca de novas formas e conteúdos novos. E' dos mais diversificados o seu caminho nas artes plásticas, indo desde as tendências abstracionistas até as realistas, com uma constante — o domínio da técnica, o aperfeiçoamento.

Detentor, desde jovem, de prêmios de viagem conquistados nos salões a que concorreu, Scliar não se fiou ùnicamente no talento inegável que todos lhe reconheciam: procurou estudar durante sua permanência na Europa de 1947 a 1950. Já então possuía uma valiosa experiência da vida, com sua participação na Fôrça Expedicionária Brasileira que estêve na Itália. Ao talento uniram-se a experiência e o estudo sistemático.

Seus trabalhos de gravura, elaborados no Rio Grande do Sul, depois do regresso da Europa, constituem uma das fases renovadoras do artista: seu período de realismo, seguindo a grande escola de gravuristas mexicanos e chineses.

Nos últimos anos temos um nôvo Scliar, em pleno amadurecimento, do qual se conheciam alguns trabalhos em exposições coletivas. Agora, na **Petite Galerie** pode-se ter uma visão ampla desta nova fase do pintor, numa mostra individual que dá idéia completa da evolução do artista. Seus trabalhos são obras de arte, dignas de admiração não sòmente pelos especialistas como pelos leigos. Pode-se dizer: E' bom, está perfeito. E pode-se dizer: Gostei muito; não sei explicar porque, mas agrada-me.

Libertar a Antropologia da Influência Imperialista

— Apresentamos à V Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em fins do mês passado em Belo Horizonte, uma proposição no sentido de que a SUDENE promova a elaboração de um programa de pesquisas de caráter sócio-antropológico cujos resultados poderão oferecer subsídios ao Planejamento Econômico que se pretende levar a efeito no Nordeste — declarou à reportagem o prof. Francisco de Alencar, que representou o Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará no conclave, em entrevista concedida a NOVOS RUMOS.

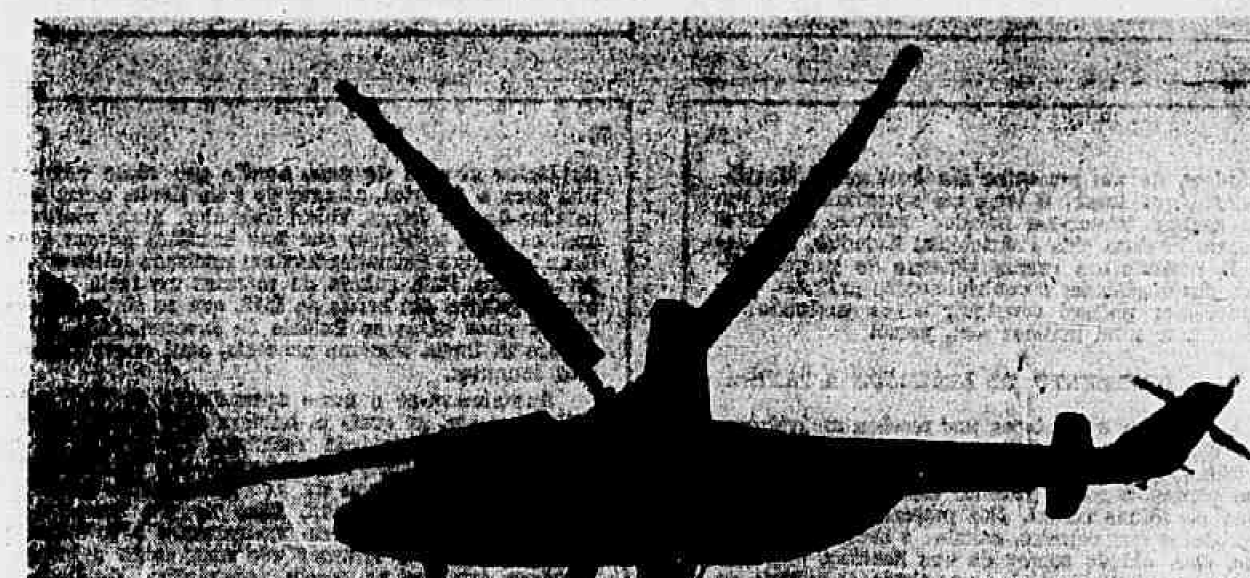
Analisando os resultados do certame, do qual participou grande número de antropólogos e especialistas, além de representantes de diversas Universidades e instituições científicas, acentuou o professor que o mesmo constituiu uma demonstração da mudança de atitude dos cientistas sociais do país no que se refere a uma maior aproximação da realidade brasileira, o que poderá determinar uma formulação mais objetiva dos trabalhos realizados no campo da antropologia e da sociologia no país.

Destacou ainda a comunicação enviada pelo professor Edson Carneiro, diretor executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, demonstrando a necessidade de um trabalho conjunto em âmbito nacional com a participação de antropólogos e folcloristas com relação ao que pretende desenvolver a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

Em sua comunicação, o professor Edson Carneiro criticou de forma veemente os que ainda permanecem na época "da ciência social a serviço do imperialismo e do colonialismo internacionais", alertando aos antropólogos e cientistas sociais do perigo da Antropologia e da Sociologia serem transformadas em meios de penetração imperialista nos países subdesenvolvidos.

Em sua entrevista, o professor Francisco de Alencar acentuou a necessidade de uma imediata reformulação da política indigenista, principalmente em virtude do fato de que as populações nativas do Brasil, muitas vêzes se encontram submetidas à exploração desmedida das Missões Religiosas, que não permitem aos índios direitos já garantidos pela própria Constituição Federal.

Finalizou acentuando que os choques que se têm verificado entre missões católicas e evangélicas, servem para confirmar as denúncias formuladas nesse sentido.



ORIENTE desfila no ar

A cosmonave que levou Iuri Gagarin em seu maravilhoso vôo sideral em tôrno da Terra, desfilou também nas comemorações do Dia da Aviação Soviética, comemorado domingo em Moscou com uma grande parada aérea que foi assistida por milhares de pessoas, dirigentes do govêrno da URSS e do PCUS e por todo o Corpo Diplomático representado no país socialista.

A parada, segundo os próprios observadores militares dos países ocidentais, foi sensacional. Numerosos modelos de novos caças e bombardeiros super-sônicos da armada aérea soviética foram vistos no desfile e alguns dêles, entre os quais um moderno bombardeiro de velocidade várias vêzes superior à do som, caças portadores de foguetes terra e ar, e um helicóptero a jacto que levou em seu bôjo uma casa de diversas acomodações. Na foto, o ORIENTE quando desfilava.

República Dominicana: EUA Manobram Para Impedir Restauração da Democracia

A República Dominicana, aparentemente, ensaia os primeiros passos no caminho da democracia. Os últimos acontecimentos ocorridos em Ciudad Trujillo, entretanto, mostram os perigos que se apresentam para o povo dominicano e já revelam as primeiras manobras no sentido de se impedir o exercício pleno das liberdades durante tantos anos afogadas naquela terra do Caribe pela tirania criminosa do Generalíssimo. As primeiras manifestações de trabalhadores e estudantes, comandadas pelo Movimento Popular Dominicano, foram reprimidas violentamente pela polícia e já se delineiam provocações contra as fôrças populares visando afastá-las da batalha de redemocratização do país.

Alguns partidos da oposição, principalmente os constituídos por grupos de exilados que viveram nos Estados Unidos e que durante todo o período da luta contra o ditador Trujillo sabotaram a unidade de tôdas as fôrças democráticas e patrióticas da República Dominicana que se batiam pela libertação do país, procuraram agora a conciliação com os representantes da ditadura que ainda permanecem no poder e construir uma democracia de fachada, da qual não participam tôdas as fôrças da oposição.

OS ACONTECIMENTOS RECENTES

A situação que agora se esboça na República Dominicana está estreitamente ligada à ação do imperialismo norte-americano, que objetiva fundamentalmente manter o país sob o seu contrôle político e econômico. Para isso, procura utilizar grupos, entre os quais os próprios remanescentes da ditadura, que estruturem no país uma organização política que se apresente como democrática, mas que esteja subordinada inteiramente à sua orientação. A preocupação para impedir o florescimento no Caribe de outro govêrno que realmente consulte aos interêsses do povo tem sido uma constante nas recentes manobras do Departamento de Estado em relação à República Dominicana e, segundo tudo indica, os responsáveis pela política latino-americana da repartição exterior norte-americana manobram para evitar qualquer ação que resulte na destruição das bases da ditadura. Washington deixou claro que será perigoso destruir a máquina de repressão montada por Trujillo, pois tal fato poderá levar a uma revolução do tipo [illegible] e levando alguns grupos de oposição de tendência conservadora e reacionária a negociarem com o [illegible] presidente Joaquim Balaguer e, até mesmo, se fôr necessário, com o filho do tirano assassinado.

Êsse quadro é que está determinando o desenvolvimento da situação política na República Dominicana, enquanto as fôrças realmente populares, os trabalhadores e estudantes exigem uma reforma profunda nas instituições do país, tendo como base a eliminação dos quadros do poder dos elementos que serviram sob as ordens de Trujillo, os exilados que já se encontram em território dominicano, e que representam o Partido Revolucionário Dominicano, estão negociando com os representantes da ditadura que ainda detêm o poder e ainda procuram, utilizando provocações anticomunistas, dividir o movimento democrático e patriótico e as fôrças populares que exigem a liqüidação completa dos remanescentes da ditadura, a instauração da verdadeira democracia e a satisfação dos objetivos nacionais e das reivindicações dos trabalhadores, camponeses e estudantes dominicanos.

ALMIR MATOS E RENATO LUCAS: NA SÃO JOSÉ

Almir Matos estará dia 21, sexta-feira, a partir das 17 horas, autografando exemplares de seu livro **Cuba: a revolução na América**, na Livraria São José. Será lançada, na ocasião, a segunda edição da obra, pois a primeira esgotou-se em poucos dias. Juntamente com Almir Matos estará na São José o contista sergipano Renato Mazze Lucas, cujo livro de estréia, Amor Branco **e outros** contos, é a mais recente edição da Vitória.

"ASPECTOS ECONÔMICOS DA PUBLICIDADE"

O publicitário Pedro Mourão, da AD[illegible]B, pronunciará terça-feira, dia 18, às [illegible] hs, no 8º andar da ABI, uma conferência sôbre o tema "Aspectos econômicos da publicidade e a realidade brasileira". A conferência faz parte do ciclo de palestras sôbre problemas nacionais patrocinado pelo Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional.

Agências Norte-Americanas Continuam a Mandar na ABP

Através da utilização de uma série de meios escusos, tais com a instalação da própria secretaria executiva da Associação Brasileira de Propaganda para fazer cabala de votos, a sonegação dos nomes dos [illegible] o retardamento das inscrições, a pressão econômica das agências americanas J. Walter Thompson e McCann Erickson, a promessa de empregos e vantagens, a inscrição à toque de caixa de novos sócios que em troca da votação ganharam um feriado no dia 6, e outros, venceu as eleições na ABP a chapa encabeçada por Caio Domingues, que se propõe continuar o programa de Sylvio Behring, isto é, servir aos interêsses das agências norte-americanas, contra as pequenas agências nacionais.

Os situacionistas chegaram mesmo a promover intensa campanha de calúnias e difamações contra os líderes do grupo oposicionista e renovador, que, tendo à frente Pedro Mourão, apresentava em sua plataforma, entre outros pontos, a criação de uma cooperativa dos associados, o estudo de uma técnica brasileira de propaganda capaz de melhor servir aos interêsses do desenvolvimento do país, a concessão de bôlsas de estudo para o aprimoramento dos profissionais, a formação de equipes técnicas compostas de redatores, planejadores, desenhistas e produ- [illegible] órgãos de classe, etc., numa utilização correta da propaganda.

Atentado Contra a Soberania Dos Países Latino-Americanos

Luiz Gazzaneo

As "novas fronteiras" do presidente Kennedy se revelaram, em curto prazo, tão velhas como as fórmulas dullesianas em matéria de política internacional que marcaram a participação dos Estados Unidos nesse terreno nos anos agudos da guerra fria.

Guindado ao poder sob a inspiração das concepções rooseveltianas tanto no que se refere à política interna como externa, o jovem presidente foi depositário da confiança daquelas fôrças mais realistas que vinham e vêm lutando no mundo ocidental para promover o alívio da tensão internacional e o estabelecimento da verdadeira competição pacífica entre os sistemas capitalista e socialista.

Entretanto, as esperanças depositadas no senhor Kennedy começavam a se desvanecer aos primeiros contactos do nôvo ocupante da Casa Branca com os problemas internacionais em pauta e às soluções que o mesmo pretendeu e pretende aplicar para resolvê-los. A agressão contra Cuba, a intervenção no Laos e a sabotagem praticada com o objetivo de impedir o sucesso da conferência de Genebra encarregada de encontrar uma saída pacífica para a guerra civil no pequeno reino do sudeste asiático, foram os primeiros choques com a realidade. A conceituação e os objetivos da "Aliança Para o Progresso", vieram determinar de uma vez por tôdas a verdadeira natureza das "novas fronteiras" e definiram a orientação que o govêrno dos Estados Unidos pretende imprimir à sua política para com os países coloniais e subdesenvolvidos.

Muitas vozes nos Estados Unidos reclamavam uma política que fôsse verdadeiramente de "novas fronteiras", principalmente em relação ao tratamento que os anteriores governos norte-americanos vinham dando às nações subdesenvolvidas, salientando a necessidade de colaborar efetivamente para o seu desenvolvimento, sem solicitar em troca, quaisquer compromissos de ordem política e, o que é mais importante, esquivando-se de procurar intervir nas questões internas dessas nações.

Personalidades como o jornalista Walter Lipmann, um dos que mais colaboraram para a eleição do senhor Kennedy, o senador Wayne Morse e o deputado Herbert Humphrey, ambos democratas, defendem uma política internacional calcada nesses princípios e por isso mesmo vem fazendo oposição a alguns aspectos da "Aliança Para o Progresso". Essa oposição se manifesta com mais acerbamento no que se refere ao aspecto da "ajuda militar" a ser proporcionada pelos Estados Unidos aos países subdesenvolvidos da América Latina, da Ásia e da África, calcada nas velhas concepções de submissão total dos "auxiliados" aos ditames do Departamento de Estado.

A "Aliança Para o Progresso" êles pretendem aplicar na América Latina, em todos os seus itens. Aqueles econômicos serão temas de discussão na conferência de Montevidéu. Os militares ainda estão sendo debatidos em Washington e só serão "oferecidos" aos governos latino-americanos, depois que o Congresso norte-americano decidir a quantidade e a forma pelo qual êle será distribuído e como deverá ser utilizado.

A "ajuda militar" aos países latino-americanos já vem sendo distribuída pelos norte-americanos. Não é coisa nova, portanto. Os objetivos primordiais dessa "ajuda" são conhecidos também: os Estados Unidos através de Acôrdos Militares assinados com diversos países do sul do Continente, todos êles baseados na Lei de Segurança Mútua, aprovada pelo Congresso ianque em 1948 e por um adendo a essa Lei aprovado em 1952, atrelaram os governos dêsses países à sua política guerreira e agressiva, passaram a controlar efetivamente a preparação militar dos exércitos e abriram as portas "legais" para controlar efetivamente a produção dos recursos básicos e minerais estratégicos das nações da América Latina de acôrdo com os interêsses da sua política bélica. O Brasil é signatário de um acôrdo dessa natureza.

A "Aliança Para o Progresso" do senhor Kennedy, no capítulo militar, procura ampliar a dominação americana que já existe nesse terreno e legalizar a intervenção direta dos Estados Unidos nos assuntos internos dos países latino-americanos.

O presidente Kennedy, apresentando os objetivos políticos da "Aliança Para o Progresso", definiu as "formas de luta que os Estados Unidos deverão utilizar para enfrentar a ameaça comunista no mundo". Disse que existe um "grande campo de batalha onde se defrontam as fôrças do totalitarismo e as da liberdade". Êsse campo de batalha são os países coloniais e subdesenvolvidos. As armas que o presidente norte-americano pretende utilizar para "enfrentar os comunistas" nesse terreno, é que constituem "o nôvo" na política ianque, o que os ideólogos da Casa Branca estão definindo como "novas fronteiras".

Kennedy anunciou que promoveria a reorganização do exército norte-americano, para dotá-lo de grupos especiais capaz de intervir a qualquer momento, em qualquer país, contra qualquer tipo de agressão, externa ou interna. As «novas fronteiras», levando-se em conta essa afirmativa do jovem presidente, devem significar que os Estados Unidos resolveram ampliar definitivamente as suas fronteiras, e que, por isso mesmo, suas fôrças armadas se arrogarão o direito de intervir em qualquer país cujo govêrno submisso aos interêsses norte-americanos se veja ameaçado pelo descontentamento popular e pela [illegible] das massas oprimidas e famintas.

Nesse sentido, destaca-se também em relação à América Latina, a proposta do presidente Kennedy, tendo em vista possibilitar aos governos latino-americanos que o necessitem, a utilização das armas e equipamentos fornecidos pelos Estados Unidos, com o objetivo de esmagar o movimento popular, as lutas dos trabalhadores e estudantes e dos camponeses por suas reivindicações. Procura-se assim fortalecer a reação interna nos países latino-americanos, os grupos mais reacionários no poder que governam sob o guante de Washington.

A formulação dessa "nova" política de "ajuda militar" ianque, cujos objetivos foram plenamente configurados no relatório apresentado pelo caixeiro-viajante Stevenson, depois da viagem que realizou a diversos países latino-americanos (o sr. Stevenson, argumentou com a necessidade "inadiável" de se fortalecer os governos de diversos países latino-americanos ameaçados de "cubanização"), está sendo combatida nos próprios Estados Unidos. Alguns senadores e deputados democratas e republicanos já declararam no Congresso que se oporão às solicitações do presidente Kennedy, denunciando que assim o govêrno norte-americano estará colaborando para manter no poder governos impopulares e ditaduras sangüinárias. Asseveram também os parlamentares norte-americanos que combatem êsses aspectos da orientação do govêrno ianque, o perigo que representam para o prestígio já baixo dos Estados Unidos nos países da América Latina e advertem de que não podem a Casa Branca e o Departamento de Estado, preconizarem uma política de intervenção direta nos assuntos internos dêsses países, onde o sentimento de defesa da autodeterminação está profundamente arraigado.

A política das "novas fronteiras" está sendo desmascarada pelos próprios norte-americanos. Denunciando claramente os seus pontos de atrito com o presidente Kennedy e sua clique do Pentágono, alertam os povos da América Latina da verdade de um plano que Washington tenta apresentar como de progresso e liberdade, mas cujo objetivo real é conseguir o [illegible] no sul do Continente e a manutenção de governos corruptos e de traição nacional.

ROMANCE

Iuri Gagárin

MINHA VIDA E MEU VÔO AO COSMO

Tradução de Rui FACÓ
Ilustrações de MAX

46

Em todo o país realizavam-se grandes obras de construção. Meus camaradas seguiam ou para Magnitogorsk, ou para o Donbass, ou para o Extremo Oriente — e cada um se arranjava. Eu tinha feito muitas amizades, estava habituado à residência coletiva, jamais tinha tido meu próprio quarto.

Meus camaradas partiram, e nem assim me decidi a partir: possuia já profundas raízes na terra do aeródromo de Saratov. Agora, embora ainda voasse pouco, não poderia abandonar o que começara. E quando disseram no aeroclube que dai a dias nós, alunos, seriamos mandados ao acampamento, eu concordei.

Nos acampamentos vizinhos ao aeródromo, cobertos de relva rasteira, já tinham levantado tendas destinadas a nós. E iniciou-se um verão quente e interressante. Dmitri Pávlovitch começou a conduzir o nosso grupo por círculos, em zonas. Voávamos num IAK-18, bom aparelho de treinamento, que nos parecia um caça. Era um avião de manobras de direção fácil.

Martiánov, não obstante a nossa juventude, era rigoroso e exigente para conosco.

— Em assunto de vôo — dizia êle — é inadmissível o menor êrro. Cada equivoco praticado nos ares pode custar-nos a cabeça.

Minuciosamente em pequenas doses, êle nos incutia as bases da cultura aeronáutica das quais não pode prescindir um aviador contemporâneo. Exigia que cada conhecimento fôsse pôsto à prova com a máxima precisão. Deveríamos manter a velocidade desde o quilômetro a uma determinada altura do vôo, até o metro, numa dada direção, até o meio grau. Para alguns, pareceria excessiva tamanha exigência por parte do instrutor. Mas êle, naturalmente, estava absolutamente certo: a aeronáutica se baseia em cálculos matemáticos, não admite menosprêzo pelos "detalhes", distrações em vôo.

47

— E' preciso voar bonito — gostava de repetir Dmitri Pávlovitch, chamando a atenção dos alunos para o menor desvio das instruções.

Martiánov era um bom aviador instrutor. Mas êle não tinha feito a guerra. E a nós interessava conhecer como devia conduzir-se o aviador em batalha. Já tínhamos lido os livros de Alexandre Pokrichkina e Ivan Kojedub sôbre seus combates aéreos, e não queríamos ser simplesmente aviadores mas aviadores militares e, obrigatòriamente aviadores de caça. Nós sabíamos que o homem se conhece na luta com os obstáculos, e o nosso respeito aos nossos primeiros preceptores em assuntos aeronáuticos dividiram-se entre Martiánov e o comandante de esquadrilha Serguei Ivánovitch Safrónov, Herói da União Soviética. Nos dias da guerra êle havia combatido nos céus de Stalingrado, participado em notáveis batalhas aéreas no Cuban, abatido vários "Junkers" e "Messerchmidts" no arco de Cursk. Sendo capitão em 1943, recebeu a condecoração da Estrêla de Ouro. Com o exemplo de sua tão interessante biografia, êle desejava mostrar-nos, a nós futuros pilotos, como se forma o homem soviético e um autêntico aviador. Nós sempre o ouvíamos com atenção: pois tínhamos diante de nós um ás soviético, portador das gloriosas tradições de nossa aviação militar. Êle trabalhou muito conosco e, como Martiánov transmitiu-nos com minúcias os ensinamentos aeronáuticos.

Sempre que nos reuníamos à sombra das árvores esparsas, ao sussurro sedoso da folhagem, Serguei Ivánovitch dizia:

— A fôrça de vontade não é uma qualidade inata ao homem: pode-se e deve-se adquiri-la.

De tudo quanto nos disse o Herói da União Soviética naquele dia, como de suas conversas anteriores, tirávamos a seguinte conclusão: a vontade é o esfôrço, a tensão de tôdas as fôrças morais e físicas do homem, a mobilização de energias e tenacidade para a consecução do fim almejado.

48

O encarregado de nosso aeroclube, Grigori Kirillovitch Denissenko, também era Herói da União Soviética. E isto, é claro, refletia-se em nossa educação.

Falando certa vez numa reunião do Comsomol, êle por sua vez nos explicou que também a vontade é antes de tudo, a arte de orientar seu comportamento, controlar suas ações, a capacidade de superar quaisquer dificuldades e com a menor perda de esfôrços cumprir as tarefas dadas.

Lembro-me que no dia dessa reunião o tempo era horrível, a chuva escorria pelas vidraças, a sala estava mergulhada em semiescuridão, e nós ouvíamos como num encantamento:

— O homem de vontade forte distingue-se pela sua elevada capacidade de organização e sua disciplina, sabendo aproveitar eficazmente cada hora, — assim concluiu o chefe do aeroclube. Cometer uma falta ou receber uma observação de pessoas tão dignas como Serguei Ivánovitch Safronov ou Grigori Kirillovitch Denissenko era simplesmente impossível. Assim, por exemplo, aconteceu comigo e fiquei verdadeiramente amargurado, pois, além de todo eu pertencia à organização da Juventude Comunista do aeroclube e do grupo superior. Procurávamos imitá-los por todos os meios, até mesmo na maneira de comportar-se. As estrêlas de ouro que brilhavam em suas túnicas eram o sonho de cada um de nós. Mas, não falávamos disso em voz alta; elas eram para nós tão distantes como as estrêlas autênticas.

Muitos alunos educavam sua fôrça de vontade, renunciando ao fumo, alimentando-se espartanamente, fazendo seu diário, pois esta exigência cotidiana exige fôrça de vontade.

Chegara o mês de julho. Os dias eram ardentes, as noites sufocantes. Num dia assim, Dmitri Pávlovitch não tomou o avião conosco, como fazia habitualmente. Permanecendo em terra disse-nos:

49

— Vão sòzinhos. Façam vôos circulares...

E embora de há muito eu esperasse estas palavras, meu coração acelerou. Muitas vêzes, nos últimos tempos, eu próprio tinha levantado vôo e aterrissado. Mas às minhas costas estava sempre o homem que, com sua intervenção, podia corrigir os erros. Agora, eu deveria confiar em mim mesmo.

— Não se preocupem — acrescentou Dmitri Pávlovitch — ponham a cabeça para pensar...

Coloquei o avião na linha de partida, acelerei o motor, levantei a cauda do aparelho e êste suavemente desprendeu-se da terra. Seria difícil para mim dizer do entusiasmo que senti. Voava! Eu próprio voava! Sòmente o aviador sabe o que significa o instante do seu primeiro vôo autônomo. E' verdade que antes eu dirigira o avião, mas jamais tivera confiança de que poderia dirigi-la sòzinho, de que não me ajudaria o instrutor. Eu me fundia com o avião como, certamente, o ginete com o cavalo numa corrida de obstáculos. Tôdas as suas partes estavam submetidas à minha vontade, a máquina submetia-se aos meus desejos e eu fazia o que queria.

Fiz uma volta sôbre o aeródromo, calculei a descida e aterrissei em frente ao sinal correspondente. A aterrissagem foi precisa. Sentia-me em bom estado de ânimo. Tôda a minha alma cantava. Mas, não tinha dado na vista, como supunha; era como se nada de particular tivesse acontecido. Desci da cabina, apresentei-me a Dmitri Pávlovitch: tarefa cumprida.

— Formidável — disse o instrutor —, meus cumprimentos.

No dia seguinte os camaradas me disseram:

— Sabes, escreveram a teu respeito nos jornais...

50

51

Mas não encontrei o jornal no aeródromo; só o consegui uma semana depois na cidade. Eram algumas linhas sôbre o meu vôo, davam meu nome e sobrenome, juntamente com uma fotografia: da cabina do avião, eu levantava a mão, pedindo permissão para decolar. Quando foi feita esta fotografia, quem escreveu a nota, não sei. É claro que tudo fôra organizado por Dmitri Pávlovitch. Significava que êle tinha confiança em mim, sabia que eu não o decepcionaria.

Aurora da Juventude, chamava-se o jornal dos jovens comunistas de Saratov que tão inesperadamente havia escrito a meu respeito. Um primeiro elogio na imprensa significa muito na vida de um homem. Para mim era bastante agradável ver o próprio nome impresso em letra de fôrma, porém ao mesmo tempo era um tanto chocante: por que, entre todos os camaradas, tinham escrito precisamente a meu respeito? Mas, assim mesmo enviei um exemplar da Aurora da Juventude para casa, em Gjatsk. Minha mãe, em carta, respondia:

— Nós nos orgulhamos, meu filho... Mas, olha, não te envaideças...

Os vôos nos campos tornaram-se cada vez mais interessantes. Martiánov nos enviava agora, a mim e outros alunos, a realizar exercícios autônomos nas zonas de pilotagem e nos itinerários. Aprendemos a efetuar reviravoltas, caídas sôbre as asas, parafusos e nós de Niésterov, "tonéis", etc. Tudo corria normalmente. A cada dia nossas ações nos ares nos incutiam mais confiança, provocando a aprovação do instrutor e do comandante da esquadrilha. Era agradável reconhecer que gradativamente nos tornávamos donos de nossas asas. Aprendi a voar num IAK-18, mas reconhecia que, oh!, estava muito longe de um Safrónov, de um Denissenko, de todos aquêles aviadores de que legitimamente o país podia orgulhar-se.

52

Mas os aviões militares me atraíram a atenção. Liamos coisas sôbre a barreira do som, sôbre aviões de velocidade super-sônica, de máquinas com aperfeiçoados instrumentos de rádio-localização. Sem falar a ninguém a respeito, até mesmo aos mais próximos amigos, eu sonhava em tornar-me aviador militar. Até então havia realizado todos os meus desejos. E êste sonho seria realizável?

Nesse tempo, num intervalo de vôos entre os alunos do nosso grupo iniciamos uma conversa a propósito de uns escritos do pilôto de provas norte-americano Jimmy Collins. O livro andava de mão em mão, despertando julgamentos contraditórios: uns se admiravam das teses incríveis abraçadas pelo autor. Outros afirmavam: êle exagera, demonstra paixão.

Que dizia o instrutor?

Rodeamos Martiánov. Um ventinho que varria o aeródomo refrescava os nossos rostos afogueados. Eu também lera êsses escritos e não pudera conter meu entusiasmo em alguns capítulos. Mas, ao mesmo tempo, conhecendo já, embora não muito, as instruções de provas aéreas, provocara o livro em mim sentimentos estranhos. E quando Dmitri Pávlovitch, procurando-me com os olhos, perguntou minha opinião, eu a expus aos camaradas:

— Perseguia a Collins — disse eu — uma irremediável solidão... O essencial é que seu objetivo era o dinheiro. Qualquer que fôsse o preço, mas ganhar dólares...

— Iuri está certo — interveio Dmitri Pávlovitch. — A realidade capitalista criou para o autor do livro precisamente aquela situação de jôgo de azar em que se expõe até à morte, quando na corrida das companhias de aviação por obter lucros a vida do aviador pode ser sacrificada em qualquer vôo.

Pode ser a mesma coisa em nosso país, onde o mais importante é o desvêlo pelo homem?, pergun-

53

távamo-nos a nós mesmos. Compreendíamos muito bem que, em qualquer caso, ainda mesmo relacionado com experimentos técnicos quaisquer, de foguetes, de aviação, marítimos ou terrestres, haveria sempre riscos. Mas, de que solidão poderia cogitar-se, tratando-se de um aviador soviético, quando a seu lado se encontram fôrças como o Partido, como o trabalho criador de todo o nosso povo? E eu o sentia ainda mais nitidamente quando, alguns anos depois, iniciei os preparativos para o vôo ao cosmos e, em seguida, o realizei a bordo da nave cósmica VOSTOK (Oriente). Mas a respeito disso, de minhas sensações durante o vôo, das impressões ao entrar em órbita em tôrno da Terra, tratarei mais tarde. Naquele tempo, é claro, no aeroclube, eu nem sequer pensava em tal vôo. O meu principal objetivo então era manobrar da melhor forma possível um IAK-18.

O outono chegara insensivelmente. Pelo aeródromo ainda passavam os ares do veranico, mas à noite, nos aposentos, era mais frio. Chegara a época dos exames. Novamente, quantos exames! Mas agora eu os vencia fàcilmente: avião IAK-18: distinção; motor: distinção; vôo individual: distinção; aerodinâmica: distinção; conjunto de notas atribuídas pela comissão examinadora: também distinção. Êste resultado eu o obtinha graças a um trabalho intenso, em que éramos orientados por Dmitri Pávlovitch, Martiánov e todos os demais especialistas do aeroclube.

Depois dos exames, todos nós que voávamos no "sexteto amarelo" dirigimo-nos ao aparelho. Queríamos uma vez mais, como despedida, sentar-nos à cabina, tocar em suas asas, revisar seus instrumentos. Quem saberia em que outros aviões teríamos a oportunidade de voar! E êste velho e tão conhecido IAK-18 tornara-se um aparelho amado por todos nós.

54

Alguns dos alunos de nosso aeroclube passaram para a aviação civil. Eram atraídos pelos longos reides pelo país natal, os vôos ao estrangeiro, uma vez que as linhas da Frota Aérea Soviética se prolongam a muitos países do mundo. Outros foram para a aviação de serviços especiais, junto à agricultura, à medicina, à geologia. Mas eu preferi permanecer como aviador militar de caça. Por quê? Talvez porque não conseguia esquecer os aviadores que tivera a oportunidade de ver sobrevoarem durante a guerra a minha aldeia natal. É provável que então êles houvessem plantado em meu espírito o amor pela aviação militar. Agradava-me a disciplina militar, o uniforme de militar. Queria tornar-me um defensor de minha Pátria. O Artigo 132 da Constituição de nosso Estado, onde se diz que o serviço militar constitui uma obrigação de honra do cidadão da União Soviética havia-me trazido às fileiras de nossas Fôrças Armadas.

Fui destacado para a escola aeronáutica de Orenburg, para onde segui, não sòzinho, mas juntamente com outros camaradas. Eram todos rapazes bons, corajosos, capazes de ações decididas. Todos se haviam devotado abnegadamente à causa da aviação.

Acompanhava-nos Martiánov. Enquanto esperávamos o trem, passávamos pela gare e falávamos sôbre o futuro. Dmitri Pávlovitch, homem sempre apaixonado pela aviação, predizia que a cada ano ela se aperfeiçoaria, que os aviões teriam cada vez maior raio de ação, seriam mais velozes e atingiriam maiores alturas.

— O futuro pertence à vossa geração — dizia-nos ao despedir-se de nós, ao apertar-nos a mão; — ainda voareis em aparelhos que nós nem sonhamos...

Foi triste a nossa separação de Saratov, do Volga, do antigo sonho de nos tornarmos engenheiros

55

mecânicos, de um preceptor tão bom como Martiánov. Mas, que fazer? O trem me aproximava de um nôvo sonho: tornar-me aviador militar. Aviadores militares haviam sido Pokrichkin, Kojedub, Mariéssev. E, fazendo um exame rigoroso do próprio caráter, das qualidades e conhecimentos próprios, perguntava-me: poderei conseguir o que pretendo? E respondia a mim mesmo: sim, posso!

4. — JURAMENTO DE LEALDADE À PÁTRIA

A Orenburg das estepes nos recebeu amàvelmente. A cidade tinha a fisionomia de que nos falara Martiánov, que aqui havia cursado a Escola Suvórov. Ruas planas e retas, grandes edifícios, jardins cobertos de fôlhas caídas. Nos mercados, abundância de produtos dos colcoses, cavalos e camêlos. Em resumo, uma cidade menor do que Saratov, mas com o seu severo colorido típico dos Urais. O edifício da escola militar, para o qual nós fomos, ficava na alta margem do rio Ural, fundiase com a paisagem, integrava-se no espaço imenso. Da janela descortinava-se uma vista belíssima sôbre a floresta uraliana, o azul sem fim e as paragens longínquas da estepe. Chegavam daí os ruídos dos motores da aviação. Ali, no aeródomo, a vida transbordava, a vida que tanto almejávamos.

Nas paredes do edifício principal, cercado de fôlhas de carvalho e fitas escuro-alaranjadas, viam-se retratos de notáveis aviadores que haviam cursado a escola: Mikail Grómov, Andrei Iumachev, Anatoli Sierov... Mais de 130 fotografias de heróis da União Soviética que haviam aprendido a voar nos campos do aeródromo de Orenburg. Nós olhávamos atentamente suas fisionomias tão diversas mas com a mesma expressão de masculinidade, e compreendíamos quem havia glorificado a Pátria. Ali estava aquêle que tinha feito os primeiros vôos de longas

56

distâncias através do país, aquêle que abriu caminho para a América, através do Pólo Norte, o maior aviador de seu tempo, Valeri Tchkálov. Eram muitos aqui os ases soviéticos que nas batalhas aéreas da Grande Guerra Patriótica haviam realizado feitos sem precedentes. Esta galeria de retratos me fazia lembrar a galeria dos heróis de 1812, que eu tinha visto alguns anos atrás no Palácio de Inverno. Mas, enquanto lá havia sòmente generais, aqui encontrávamos tenentes.

Aproximava-se o nosso aprendizado de vôo em aviões a jacto, os quais já haviam sido sòlidamente incorporados à atividade cotidiana da aviação soviética. E para todos, naturalmente, era interessante saber que o pioneiro da aviação a jacto, Grigori Iákovlevitch Baktchivándji, filho de um serralheiro mecânico e êle próprio ex-operário, o primeiro, ainda, em 1942, a levantar vôo num avião a jacto, estudara também na escola aeronáutica de Orenburg. Sob seu retrato havia uma inscrição acêrca dêste feito, lendo-se aí sôbre o alegre encontro dos operários da fábrica de aviões que construira êsse primeiro aparelho a jacto com o aviador de provas. Êles o levantavam, jogavam-no para os ares, abraçavam-no, apertavam-lhe as mãos. Tudo isto víamos num quadro no qual estava inscrito: "Saudação do capitão Baktchvándji, o primeiro aviador a realizar um vôo de nôvo estilo". Sôbre tais vôos, sôbre a era dos aviões a jacto, sonhara e clarividente Tsiolkóvski. E ela já se tornara uma realidade, a nova era, e nós, futuros alunos, estávamos destinados a continuar e desenvolver a grandiosa causa, iniciada ainda nos anos da guerra por um valoroso aviador soviético. E ao olharmos sua fisionomia jovem, imberbe, cada um de nós, involuntàriamente, se propunha a ser um "camarada" dêsse maravilhoso pilôto.

— Já fizeram tudo antes de nós, rapaziada —

57

disse algum do nosso grupo —, e a guerra foi vencida, e a nova era da aviação foi descoberta...

Eu nada respondi, mas acreditei sempre que no País soviético há e haverá sempre lugar para novos feitos. Nem era necessário buscar exemplos distantes. Bastava pegar qualquer número de Pravda para se convencer de que literalmente cada dia nosso povo leva a cabo feitos no trabalho, conquista novos e novos êxitos na construção socialista. Naqueles dias, entrara em funcionamento a primeira seção da refinaria de petróleo de Omsk, os trabalhadores agrícolas da região de Stalingrado haviam entregue ao Estado duas vêzes mais trigo do que o previsto no plano, fôra construída uma usina elétrica no rio Narva, as primeiras turbinas da usina hidrelétrica de Kakovka tinham começado a gerar energia, havia sido concedida a Ordem da Bandeira Vermelha à cidade de Sebastopol, a equipe do escavador Mikail Evets, na construção da usina hidrelétrica de Kúibichev havia removido 1 milhão e 800 mil metros cúbicos de terra, saíra à luz um livro de autoria de um prático agrícola, Terent Máltsev — Questões da Agricultura —, Vladimir Kuts estabelecera um nôvo recorde mundial em corrida de 5 mil metros. Cada dia trazia algo de nôvo, algo significativo, empolgante, que fazia pensar. Naqueles dias mesmo eu lera em Pravda uma palestra do acadêmico Sedov intitulada — SÔBRE OS VÔOS AO ESPAÇO CÓSMICO, e a havia guardado.

Na escola iniciaram-se os exames. Eu não os prestei, uma vez que possuía diploma de conclusão de curso técnico com distinção e o aeroclube também me dera um bom atestado. Mas permaneci constantemente com a rapaziada, ajudando-os em física e matemática. As exigências eram rígidas, e mais da metade dos recém-chegados não passou, ou ainda no exame médico ou por falta de conhecimentos nas disciplinas teóricas. Embora êles voltassem

58

de Orenburg não muito a gôsto, desejávamos de todo o coração que êles ficassem na escola, para um estudo frutífero e bons vôos.

— No próximo ano voltaremos à escola — diziam alguns —; vamos alcançar vocês...

E realmente, passado um ano, quando já havíamos começado a voar nos MIG, um dêsses rapazes, numa demonstração de invejável persistência, conseguiu voltar e entrou para o curso. A tenacidade na consecução do objetivo visado é uma das características de nossa juventude. Aquêles que aspiram apaixonadamente tornar-se aviadores, conseguem-no infalìvelmente.

Assim teve início minha vida militar. E todos nós, como novatos, passamos pela máquina zero do cabeleireiro e recebemos nosso equipamento: túnica, culote azul, capote, botas. Em nossos ombros traziamos os distintivos de alunos, adornados com asas. E eu, como os outros de vez em quando, olhava-os e, orgulhoso, alegrava-me por ter-me incorporado à grande família do Exército Soviético. A escola vivia a radiante vida da juventude, de pessoas sadias que aspiravam a um objetivo.

Dividiram-nos por esquadrilhas, grupos, equipagens. Fui designado para uma esquadrilha comandada pelo tenente-coronel Govórun, grupo do major Ovssiánikov, tripulação do primeiro-tenente Koléssinikov. Foram êles os nossos primeiros comandantes. Dirigíamo-nos a êles não como estávamos todos habituados, tratando-os pelo nome e o patronímico, mas pelo nome militar e quando falávamos a respeito dêles era preciso citar igualmente nome e sobrenome. *

Nos primeiros tempos, isto nos parecia estranho, mas ràpidamente nos habituamos a esta norma mi-

* Os russos, no tratamento comum, não se designam pelo sobrenome, mas pelo nome e o patronímico. (N. do T.)

59

60

litar. Tudo agora marcharia segundo os estatutos: por falta, punição; por diligência, estímulo; por bravura, condecoração.

Nosso contato com a aviação militar iniciou-se com aulas segundo o programa do jovem combatente. O comandante de nossa seção era naquele tempo o capitão Boris Fiódorov, homem exigente e rigoroso. Êle se propunha, segundo a sua própria expressão, limpar de nós a "poeira civil", ensinar-nos a disciplina. O comêço era mais difícil para aquêles alunos que tinham vindo para a escola diretamente do curso de dez classes. Para mim era muito mais fácil do que para êles, pois durante tôda a minha juventude tinha vivido em casa coletiva, onde tudo se fazia, ainda que não fôsse de acôrdo com a ordem militar, mas segundo uma determinada ordem cotidiana.

Não tinha que me habituar aos sapatos pesados e às botas, ao capote e à túnica. Na caserna havia sempre limpeza, ordem e boa temperatura, tudo brilhava — desde o vaso com água até os tamboretes.

Desde a infância eu gostava do exército. O soldado soviético libertador tornara-se querido, herói quase legendário dos povos da Europa e Ásia. Eu me lembro de uns versos sôbre os nossos soldados:

Sim, não sem motivo, junto à metralhadora
Êle não pregou olhos duas noites,
Não sem motivo no meio do pântano
Êle sob o canhoneio repousou:
Voltando à cidade ao amanhecer
— Terminada a longa batalha —
Êle viu lágrimas de alegria
Nos olhos da mulher estranha.
Venceu rios sôbre vigas
Venceu charcos sob o fogo
E a lama refulge em raios
— à glória do soldado —
Como ouro sôbre êle derramado!

(Continua no próximo número)

SUPLEMENTO NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

NOVOS RUMOS

Ano III — Rio, Semana de 14 a 20 de julho de 1961 — Nº 123

Cuba: Vanguarda e Farol da América

DE COLÔNIA A SEMICOLÔNIA

Cuba era, até fins do século passado, uma colônia espanhola. Após muitos anos de sangrenta luta, consegue o povo cubano libertar-se do domínio colonial. Nos últimos instantes da luta os Estados Unidos declaram guerra à Espanha e intervêm em Cuba com as suas tropas. A partir dêsse momento, o govêrno e os monopólios norte-americanos estabelecem a sua dominação econômica e política sôbre Cuba, transformada em semicolônia dos Estados Unidos. A Emenda Platt, introduzida na primeira Constituição da república cubana em 1902, por imposição do govêrno norte-americano, concedia aos Estados Unidos o direito de intervir em Cuba, sempre que isso fôsse considerado necessário.

Desde então, e até o dia 1º de janeiro de 1959, Cuba não passou de uma semicolônia dos Estados Unidos. Os imperialistas norte-americanos fizeram grandes inversões de capital na lavoura e na indústria do açúcar e monopolizaram quase totalmente o comércio exterior de Cuba. Isso levou a uma completa deformação da economia do país: produzia apenas açúcar e dependia exclusivamente dos Estados Unidos para comprar e vender.

Os monopólios e o govêrno imperialista dos Estados Unidos apoiavam-se, para manter a sua dominação, na minoria de latifundiários cubanos e numa parte da burguesia associada aos trustes ianques.

Salvo raros intervalos, a orientação política imposta ao país pelas classes dominantes sempre foi profundamente antinacional e antipopular. O povo cubano sofreu a opressão de sucessivos governos entreguistas e reacionários. As violências atingiam sobretudo a classe operária, os camponeses e os patriotas das demais camadas sociais que lutavam contra a dominação estrangeira, o atraso do país e a enorme miséria em que viviam as massas.

A LUTA CONTRA BATISTA

A última dessas ditaduras foi a de Fulgêncio Batista, que a revolução derrubou do poder no dia 1º de janeiro de 1959.

O triunfo da revolução foi o coroamento de uma longa e difícil luta do povo cubano pela sua libertação. Duas datas marcantes no processo dessa luta: o ano de 1925, quando foi fundado o Partido Comunista de Cuba, e o dia 26 de julho de 1953, quando se iniciou a luta armada contra a tirania de Batista.

A 26 de julho de 1953 um grupo de jovens, liderados por Fidel Castro, levanta-se contra a ditadura, assaltando o Quartel Moncada, na província de Oriente. Não era um golpe, uma quartelada. Seu objetivo era criar um foco insurrecional, que servisse de base para a revolução de todo o povo. Foram cruelmente esmagados. Mas já era impossível conter a revolução. Em 1956 inicia-se a guerra de guerrilhas, enquanto nas cidades a classe operária e tôdas as fôrças patrióticas e democráticas mantinham-se também em luta. As façanhas heróicas de Fidel Castro e seus companheiros — Raúl, Guevara, Cienfuegos, e tantos outros — empolgavam cada vez mais o povo cubano, despertando-lhe uma renovada confiança em suas próprias fôrças. Na medida em que os rebeldes conheciam melhor os terríveis problemas do povo e do país, reforçava-se a unidade entre tôdas as fôrças revolucionárias. As divergências dos primeiros anos foram substituídas por um entendimento e uma unidade cada vez mais sólidos. O programa de Moncada, constante do discurso pronunciado por Fidel Castro diante do Tribunal em outubro de 1953, converteu-se na plataforma de todo o povo cubano. Nêle estão expostos os objetivos da primeira etapa da revolução — a revolução antifeudal e antiimperialista.

O POVO NO PODER

Com o triunfo da revolução o poder passou para as mãos do povo. A Embaixada norte-americana em Cuba, seguindo as ordens do Departamento de Estado, procurou ainda manobrar no sentido de impedir essa vitória: o embaixador dos Estados Unidos queria que Batista renunciasse, passando o poder a um outro testa-de-ferro menos comprometido, a fim de evitar que o govêrno ficasse com Fidel Castro e o Exército Rebelde. Não conseguindo, tentou outra manobra: o golpe do general Cantillo, em Havana, na madrugada de 1º de janeiro. O golpe foi derrotado graças à greve geral dos operários e à entrada do Exército Rebelde em Havana.

Com a derrota de Batista, os reacionários e os conciliadores tentaram empolgar o poder, confinando o Exército Rebelde nos quartéis. Não pretendiam pôr em prática nenhuma medida revolucionária, mas fazer um govêrno que não "desagradasse" aos monopólios norte-americanos. Os trabalhadores e todos os verdadeiros revolucionários, porém, repeliram essas tentativas. Fidel Castro colocou-se, com decisão, à frente das fôrças realmente revolucionárias. Os direitistas foram derrotados. E a revolução continuou a marchar com passo firme.

MEDIDAS FUNDAMENTAIS

O Govêrno Revolucionário com o apoio maciço do povo cubano, empreendeu o caminho que levou à efetiva independência do país e está acabando para sempre com o atraso, a pobreza e ignorância.

A Reforma Agrária (maio de 1959) liquidou o latifúndio em Cuba. Só as emprêsas norte-americanas eram proprietárias de mais de um milhão e quinhentos mil hectares. A terra foi entregue aos camponeses, sendo proibida tôda forma de arrendamento. Em pouco tempo multiplicaram-se as cooperativas e as fazendas estatais (Granjas do Povo), diversificando-se e aumentando enormemente a produção. Antes, sendo um país monocultor, Cuba era obrigada a importar quase todos os gêneros necessários à alimentação do povo assim como matérias-primas industriais: arroz, feijão, frutas, algodão, até legumes e verduras. Hoje, grande parte dessa produção já é obtida no próprio país, que dentro de poucos anos será auto-suficiente.

O florescimento da agricultura, conseqüência da reforma agrária, reduziu drásticamente o desemprêgo no campo e elevou sensivelmente o padrão de vida dos GUAJIROS, que pela primeira vez têm boas residências, encontram assistência médica e hospitalar e aprendem a ler.

Através da nacionalização das grandes emprêsas industriais e comerciais, do comércio exterior, do sistema bancário, dos serviços públicos pôde o Govêrno Revolucionário dar início à industrialização do país. Já algumas fábricas foram instaladas, enquanto muitas outras estão sendo construídas. Em 1962 terá início o plano quadrienal de industrialização, que prevê inclusive a instalação das indústrias siderúrgicas, automobilística e de maquinaria pesada. Em 1962 deverá estar totalmente eliminado o desemprêgo.

Outra medida básica da revolução foi a Reforma Urbana. Além de cêrca de 20 mil novas moradias já construídas, 800 mil casas que eram antes alugadas passaram para a propriedade de seus ocupantes, que pagam aos antigos proprietários, durante algum tempo, uma prestação mensal. Findo êsse prazo, os que eram inquilinos passam a ter a sua casa.

ALIANÇA DO IMPERIALISMO COM A REAÇÃO

Desde o momento em que o Govêrno Revolucionário começou a pôr em prática medidas de acôrdo com os interêsses da nação e do povo, os monopólios e o govêrno dos Estados Unidos investiram furiosamente contra Cuba. Ameaças, difamações, incêndios nos canaviais, boicote econômico, pressão diplomática, financiamento dos terroristas, e, por fim, a invasão — tudo foi tentado pelos imperialistas com o objetivo de esmagar a revolução cubana. As fôrças reacionárias internas, que haviam sido desalojadas do poder, associaram-se ao imperialismo numa vergonhosa traição à Pátria. Mas o poder popular, com Fidel Castro à frente, não cedeu a nenhuma ameaça ou agressão. Ao contrário: o campo revolucionário cada vez mais se fortalecia, sôbre a base da sólida unidade de todos os sinceros patriotas. O Govêrno entregou as armas ao povo e organizou as Milícias que, ao lado do Exército Rebelde, defendem triunfalmente a revolução. Internamente, as fôrças contra-revolucionárias estão isoladas, sendo repudiadas pelas grandes massas do povo. O completo fracasso da invasão, armada e dirigida pelo govêrno ianque, mostra o apoio unânime do povo cubano à sua revolução e ao Govêrno Revolucionário.

AJUDA DOS PAÍSES SOCIALISTAS

Enquanto os Estados Unidos imperialistas procuram por todos os meios restaurar em Cuba um govêrno de traição nacional, tirânico e corrupto, os países socialistas, particularmente a União Soviética, dão ao povo cubano tôda a ajuda possível a fim de que êle possa consolidar o seu nôvo poder e construir, no mais breve prazo, a vida independente, livre, próspera e culta a que sempre aspirou. A solidariedade dos países socialistas foi e é decisiva para o triunfo final da revolução: não permitiu que o boicote econômico decretado pelos Estados Unidos condenasse à fome o povo cubano; não permitiu que as agressões armadas ficassem sem a devida resposta; e ajudou e ajuda os cubanos a aumentar e diversificar sua produção agrícola, a industrializar o país, e elevar o seu nível técnico e científico, a ser, enfim, dono de seus destinos.

CONSTRUÇÃO SOCIALISTA

Atualmente, cumpridas as tarefas da primeira etapa da revolução, Cuba toma o caminho da construção socialista: os meios de produção fundamentais pertencem ao povo e a preocupação básica do Govêrno Revolucionário é satisfazer, em escala crescente, as exigências materiais e culturais do povo cubano. A exploração do homem pelo homem e todos os preconceitos obscurantistas — especialmente o preconceito contra os negros, criado por influência da burguesia norte-americana — vão desaparecendo ràpidamente.

A classe operária, estreitamente unida às massas camponesas, é a fôrça dirigente da revolução. Com a revolução estão todos os verdadeiros patriotas e democratas, constituindo a imensa maioria da população cubana.

ENSINAMENTOS DA REVOLUÇÃO

A revolução cubana contém preciosos ensinamentos, sobretudo para os povos latino-americanos. Ela está mostrando que é possível derrotar o imperialismo e o latifúndio. E mais: que isso é necessário para que as grandes massas possam alcançar, definitivamente, a liberdade e o bem-estar numa pátria independente. Ela mostra, também, que essa vitória — quaisquer que sejam os meios que tornem possível a sua conquista — terá de ser alcançada através da luta e da firmeza inabalável diante do inimigo. Mostra, ainda, que para isso é indispensável a unidade de tôdas as fôrças realmente nacionais, democráticas e progressistas. Como mostra, além disso, que as atuais condições do mundo, quando o imperialismo é cada dia mais fraco e o socialismo é cada dia mais forte, tornam mais fácil e mais segura essa vitória.

Cuba é, hoje, a vanguarda e o farol para os povos latino-americanos.

26 DE JULIO

Os trabalhadores e o povo de Cuba — e, juntamente com êles, os povos livres de todo o mundo — comemoram no dia 26 de julho o começo do movimento revolucionário que, seis anos mais tarde, iria conquistar a vitória, derrubando a sanguinária ditadura de Batista e libertando o país da espoliação a que estava condenado pelos trustes norte-americanos e a minoria de «senhores da terra».

No dia 26 de julho de 1953 um destemido grupo de jovens liderados por Fidel Castro levantou-se em armas, investindo contra o Quartel Moncada, na província de Oriente. Estudantes na sua maioria, muitos ainda imberbes, desafiavam de peito aberto a tirania de Batista, assaltando a segunda fortaleza militar do país. Uma invencível fôrça os estimulava: o amor ao seu povo e a decisão de libertar a Pátria da opressão que sôbre ela recaía. Uma idéia fundamental os orientava: despertar o povo cubano para uma luta sem quartel contra a tirania. Não pretendiam tomar o Poder através de uma quartelada, mas dar início a um movimento revolucionário que se espraiasse por todo o país e levasse até à derrota de Batista, seus sócios cubanos e seus patrões ianques.

O tirano foi implacável: esmagou cruelmente o heróico levante, fuzilando a maioria dos patriotas que nêle tomaram parte e submetendo os sobreviventes às mais selvagens torturas. Pretendia com isso afogar em sangue os anseios de liberdade do povo cubano. Mas, em vão. O assalto ao Quartel Moncada era, na verdade, a semente de um movimento popular e revolucionário cujos frutos seriam colhidos pouco tempo depois: no dia 1º de janeiro de 1959, ao entrarem os rebeldes em Havana e aí instalarem o novo Poder — o Poder do povo.

Neste 26 de julho o povo cubano e os seus irmãos da América e do mundo inteiro festejam dois anos e meio de vitória da revolução. Seriam necessárias muitas páginas para que se pudesse fazer um balanço de tudo o que ocorreu nesse período em Cuba: a alegria do povo triunfante, as tentativas da reação de barrar o avanço revolucionário, as infames agressões do imperialismo norte-americano, as imensas conquistas alcançadas pelos trabalhadores e o povo de Cuba em todos os terrenos, a fibra indomável dos operários e camponeses, dos jovens, das mulheres, e até dos velhos e das crianças na defesa dessas conquistas, as derrotas infligidas aos imperialistas em desespêro, e as casas, as escolas, as fábricas, as cooperativas, os hospitais, as academias, os centros de esporte, o orgulho nacional, a fraterna amizade com os outros povos, a férrea e tranquila confiança surgindo da terra e se multiplicando pelas montanhas e pelas cidades como se tudo fôsse um milagre.

Para os povos latino-americanos, particularmente, a Revolução Cubana é um acontecimento dos mais importantes de nossa época, constituindo-se, ao mesmo tempo, numa fonte de inspiração e num exemplo. Cuba ocupa, hoje, a vanguarda dos povos da América. Os inimigos que o povo cubano derrotou — o imperialismo norte-americano e os latifundiários — são os inimigos de todos os demais povos da América, os principais responsáveis pela miséria, o atraso e a ignorância em que se encontram. Cuba mostrou que é possível derrotá-los, que é possível também em nosso Continente vencer e consolidar-se um Poder do povo, que é possível aos nossos povos acabar com a fome e a opressão e conquistar o bem-estar e a liberdade. Podem variar os caminhos, de acôrdo com as condições particulares de cada país, mas a direção é a mesma: a luta contra o imperialismo e seus agentes contra o latifúndio e os traidores nacionais. O fim será também o mesmo: a Vitória do povo.

CUBA E O SOCIALISMO

«O caminho para a instauração da sociedade socialista no nosso país não é fácil. Os imperialistas e os contra-revolucionários de todos os naipes se alinham contra a revolução, envidam todos os esforços para derrotá-la, recorrem a todos os meios, inclusive os mais ignóbeis, a todos os crimes e a tôdas as traições para esmagá-la, para detê-la, para impedi-la de progredir, para barrar o caminho do socialismo no nosso país. Todos aquêles que amam a pátria, todos aquêles que querem viver num país soberano, todos os progressistas, todos os revolucionários e todos aquêles que acreditam na necessidade do socialismo unem-se na ação, no sacrifício e na luta para defender a revolução e fazê-la avançar.

É necessário combater as fôrças imperialistas e contra-revolucionárias em todos os terrenos, ideológico, da propaganda e da agitação, da organização da produção, da luta política, para unir cada vez mais estreitamente tôdas as fôrças revolucionárias operárias e populares. É necessário combater no terreno da ação armada, quando imperialistas e contra-revolucionários agridem a revolução, até derrotá-los completamente, sejam quais forem os sacrifícios e as dificuldades que tivermos de enfrentar, seja quanto fôr o sangue que tivermos de derramar. Devemos ter o firme propósito de não permitir que a revolução seja derrotada e obrigada a retroceder. Só esta é a garantia do presente e do futuro da nossa pátria. O desenvolvimento e o progresso da revolução criam as melhores condições para que Cuba possa se encaminhar, quando o povo julgar indispensável, na estrada do socialismo.

O socialismo não é uma utopia irrealizável no nosso país. Com as condições de desenvolvimento de Cuba, com a fertilidade prodigiosa do seu solo, com os progressos que a Revolução de janeiro fêz realizar, com a inteligência, a vivacidade o espírito empreendedor e fraternal dos cubanos, a realização dos princípios socialistas produzirá milagres transformando esta terra, em poucos anos, no paraíso do mundo.»

BLAS ROCA

Reforma Agrária Libertou Milhões

No dia 17 de maio de 1959, no acampamento La Plata, na Sierra Maestra, o primeiro-ministro Fidel Castro promulgava a Lei da Reforma Agrária. A Revolução cumpria assim a sua primeira grande promessa ao povo e abria a estrada da nova Cuba. O latifúndio deixou de existir e milhares de camponeses puderam ter acesso à terra que a opressão dos grandes senhores do campo e do imperialismo lhes negaram durante centenas de anos.

A Lei aprovada por Fidel, que começou a ser aplicada com a desapropriação e a entrega aos camponeses das terras dos grandes latifundiários que sustentavam a tirania de Batista, foi ampliada durante o resto do ano de 1959 e em 1960 com o confisco de tôdas as grandes propriedades existentes na ilha, principalmente aquelas que estavam em mãos das emprêsas açucareiras norte-americanas, que representavam 1.500.000 hectares. Uma entidade, o Instituto Nacional da Reforma Agrária, criado pela Lei, passou a comandar a revolução econômica no campo e já nos primeiros meses depois de aprovada a Reforma, distribuia mais de 30 mil títulos de propriedades.

OS CAMINHOS DA REFORMA

A aprovação da Lei de Reforma Agrária foi seguida da execução de uma política completamente nova no que se refere aos problemas do campo em Cuba. O INRA, a quem cabia aplicar a lei revolucionária, estendeu suas atividades aos mais diversos setores. Na medida em que as condições reais o permitiam, favorecia a criação de cooperativas e granjas do povo. Primeiramente, na lavoura canavieira, onde elas surgiram em grande quantidade (620 em fins de 1960, agrupando 119.149 cooperativistas). O sistema logo abrangeu outros setores da produção agrícola e começou a se estimular a formação de entidades semelhantes junto aos pequenos proprietários. Hoje, essa política, que atendia às exigências da realidade cubana, está plenamente vitoriosa e milhares de cooperativas e granjas estão espalhadas ao longo de tôda a ilha.

Ao INRA competiu também, paralelamente à execução da Reforma Agrária, travar a batalha para dar aos lavradores e trabalhadores do campo tôda a assistência material, necessária ao desenvolvimento da produção no país. O INRA abriu estradas, construiu milhares de casas, hospitais, escolas, armazéns no campo. Estimulou e continua a estimular e orientar os lavradores, promovendo a diversificação da produção agrícola capaz de tornar o país auto-suficiente no que se refere ao abastecimento de produtos alimentares, que antes eram importados.

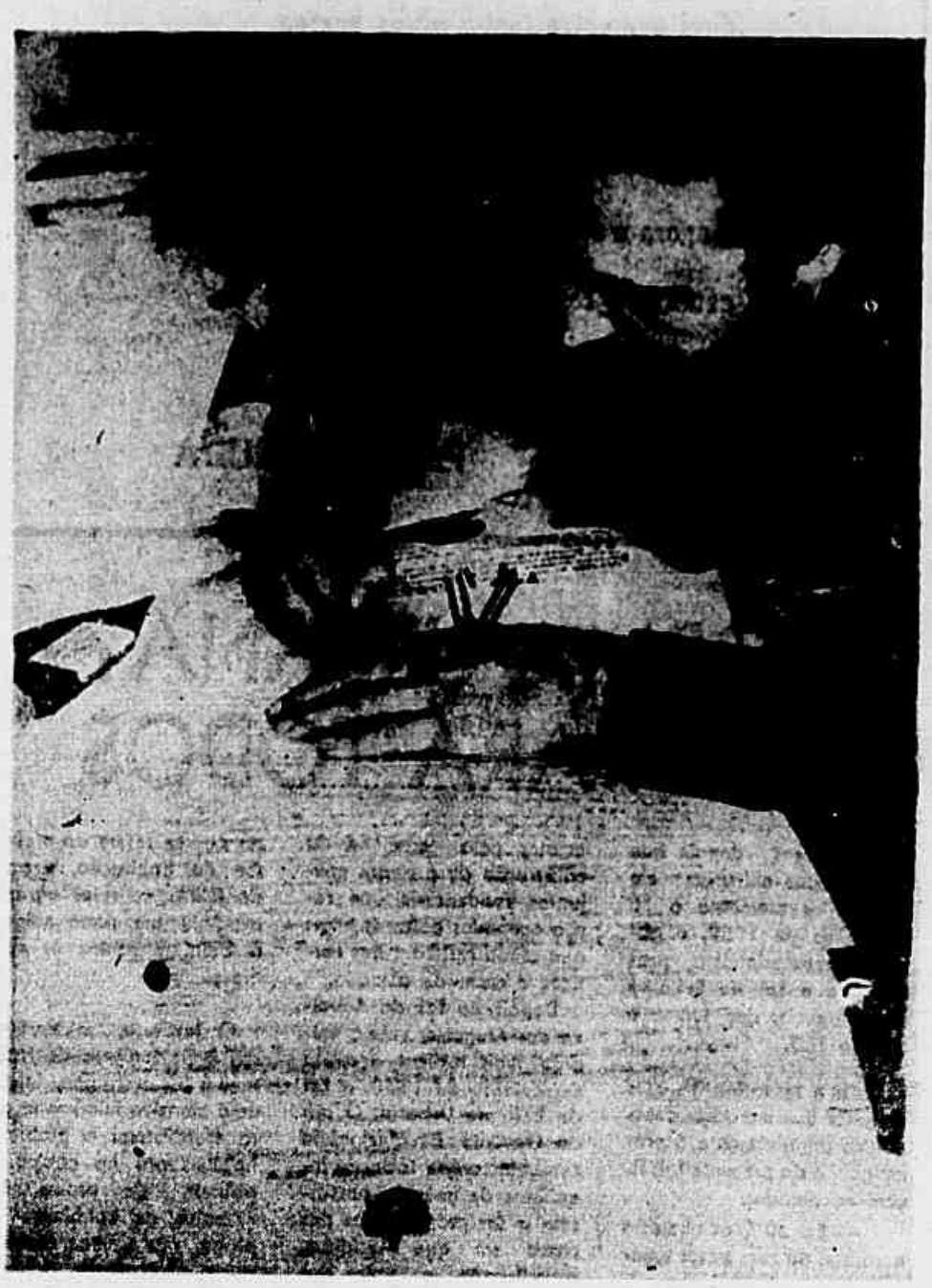
AS GRANJAS DO POVO

Se a organização das cooperativas açucareiras permitiu manter a produção nos níveis anteriores e até elevá-los (em 1960, com a produção de mais de 7 000 000 de toneladas de açúcar, Cuba bateu todos os recordes), possibilitando um rápido esfôrço de modernização dos métodos de produção e da maquinaria das usinas, o estímulo à criação das Granjas do Povo constituiu um passo formidável no sentido de garantir o auto-abastecimento do país.

As Granjas do Povo, organizadas em áreas que constituíam grandes latifúndios antes da Revolução, representam a forma mais avançada de propriedade no campo cubano: são emprêsas estatais, isto é, propriedades de todo o povo.

A criação da cooperativa e das Granjas do Povo provocou um imediato aumento na produção agropecuária (10% em 1959 e 9% em 1960) e o seu desenvolvimento prevê para poucos anos a satisfação total da demanda do país no que se refere aos gêneros por elas produzidos. Constituíram também uma das maneiras de enfrentar o bloqueio norte-americano, que ameaçou deixar o país sem alguns gêneros de primeira necessidade.

O quadro abaixo revela a sua importância na agricultura nacional cubana:



Produção de alguns gêneros (em milhares de quintais)

Produtos	1958	1959	1960	1961
Algodão	—	94	473	1.115
Arroz	5.400	6.050	7.014	8.845
Carne de boi	3.960	4.590	4.725	4.950
Carne de porco	360	474	600	2.000
Batata	1.534	2.164	2.200	3.108
Feijão	220	300	1.540	1.840

Pelo que se verifica, a instituição da reforma agrária e o progressivo aperfeiçoamento das formas de organização agrícola no campo, estão permitindo à nação cubana um rápido desenvolvimento em todos os setores da produção agro-pecuária e o índice de crescimento revela que os objetivos de autoabastecimento dos gêneros essenciais serão em pouco tempo atingidos, mormente se se levar em conta os ritmos verdadeiramente alucinantes que se verificam nos diversos setores de atividades em Cuba.

UMA NOVA AGRICULTURA

A revolução alterou radicalmente a agricultura cubana. Onde antes existia a mais revoltante exploração semifeudal e capitalista, existem hoje três novas formas de propriedade, três tipos de relações de produção: a propriedade individual, dos camponeses que tiveram acesso à terra com a reforma agrária (120.000, mais ou menos); as cooperativas, propriedade de grupos, principalmente no setor canavieiro (620); e a propriedade estatal, as Granjas do Povo (algumas centenas).

Quando se sabe que antes da Revolução mais de 3 milhões de hectares de terras eram de propriedade de pouco mais de 900 famílias e que um milhão e meio estavam nas mãos dos grandes trustes norte-americanos que operavam em Cuba, compreende-se o verdadeiro significado da reforma agrária na ilha.

Abrindo novas e largas perspectivas aos camponeses e aos assalariados agrícolas, a Reforma Agrária abriu uma nova estrada para o povo cubano. O florescimento econômico no campo já está se refletindo na cidade, onde o processo de industrialização se realiza mais ràpidamente e em bases mais sólidas.

A Reforma Agrária, que deu a terra aos camponeses e criou as cooperativas e as Granjas do Povo, está possibilitando também o surgimento no campo de condições de vida jamais vistas.

Com a liqüidação do latifúndio desapareceu a renda da terra. Cêrca de 120 mil antigos colonos, arrendatários, parceiros e posseiros passaram a ser proprietários, recebendo gratuitamente 26,8 hectares cada um e podendo adquirir, com facilidades asseguradas pelo Estado, até um limite de 67 hectares. Desapareceram do campo as figuras sinistras do agiota e do atravessador. O Estado fornece créditos aos camponeses e paga preços mais altos pela produção, e pontualmente. As Tendas do Povo, criadas e controladas pelo INRA (mais de 3.000) estão fornecendo a preço de custo os alimentos e os artigos essenciais aos lavradores, tendo sido eliminados, dessa forma, os especuladores que vendiam os mesmos produtos aos camponeses por preços extorsivos. Milhares de novas escolas levam a instrução aos camponeses e aos seus filhos, e um impressionante plano de assistência médica e hospitalar está sendo levado a prática pelo govêrno em tôda a zona rural de Cuba. Vários povoados estão sendo edificados. São magníficas unidades populacionais, onde se reunem casas, cinema, teatro, hospital, etc.

Isso tudo, e mais a certeza de que tudo lhes pertence, casas, máquinas, as riquezas, a terra e o próprio futuro do país, dão ao homem cubano a convicção de que vale a pena lutar pela sua Revolução e pela Reforma Agrária que êles conquistaram depois de mais de meio século de exploração imperialista.

Falando das tórridas palmeiras
que o mar das Caraíbas beija e estremece
direi que entre tantos olhos negros
os de Martí foram os mais valentes.
Aquêle homem viu longe e viu perto
e agora o seu olhar resplandece
como se o tempo não o sossegasse:
são os olhos de Cuba que florescem.

PABLO NERUDA

REFORMA URBANA: CASA PARA TODOS

Dois meses depois que os barbudos entraram em Havana, exatamente a 10 de março de 1959, o govêrno revolucionário promulgava a Lei de Rebaixa dos Aluguéis, que tomou o número 135.

Dizia o eu artigo 1º: «Os aluguéis das moradias construídas anteriormente à promulgação da presente Lei, ficam rebaixados:

1 — Em 50% os que não excedam de cem pesos mensais; 2 — em 40%, os acima de cem pesos e que não excedam duzentos pesos mensais; 3 — em 30% os acima de duzentos pesos mensais».

Começava a Revolução a cumprir outra das suas grandes promessas e a travar a batalha da habitação. Antes da vitória dos guerrilheiros da Sierra Maestra, os trabalhadores das cidades viviam em casas e casebres nas piores condições e, por êsse «direito», pagavam até 60% dos seus salários. Fidel, no seu famoso discurso «A história me absolverá», descrevia da seguinte maneira o problema da moradia em Cuba: «Tão grave ou pior é a tragédia da habitação. Existem em Cuba 200 mil «bohios» e choças; quatrocentos mil famílias do campo e da cidade vivem confinados em barracos, casas de cômodos e cortiços sem os mais elementares condições de higiene e saúde; dois milhões e duzentos mil pessoas de nossa população urbana pagam aluguéis qe absorvem entre um quinto e um têrço de seus salários...».

A Lei 135 foi o começo da reforma urbana revolucionária que se propõe, resolver definitivamente o problema da habitação em Cuba. A guerra aos «bohios» foi declarada no campo; nas cidades, enveredou o govêrno, inicialmente, pelo caminho da construção de grandes conjuntos residenciais que serão ocupados pelas famílias que ainda residiam nos cortiços e casas de cômodo.

Depois da Lei da Rebaixa dos Aluguéis, veio a medida mais radical, tomada em outubro de 1960: a Lei da Reforma Urbana. O ato do Govêrno Revolucionário estabeleceu que todos os inquilinos de imóveis passassem a ser proprietários das casas em que residiam, amortizando o valor das mesmas em 5 ou 20 anos, conforme o caso. A Reforma avocou para o Estado o direito de construir e alugar casas, provocando a liqüidação definitiva da especulação imobiliária e munindo-se dos instrumentos para realizar o grande programa de habitações a que o Govêrno Revolucionário se propõe. A lei da Reforma Urbana, que atingiu fundamentalmente os privilégios dos grandes proprietários de imóveis, proverá o Estado de recursos financeiros para executar o seu programa, já que prevê a arrecadação pelo Estado de uma parte da importância das amortizações pagas pelos novos proprietários aos antigos locadores (um antigo proprietário de imóveis recebe, mensalmente, como amortização, o máximo de 600 pesos, a diferença vai para o fundo de construção de moradias).

A Lei de Reforma Urbana, assim, trouxe uma nova segurança às famílias cubanas, aliviadas do peso dos aluguéis excessivos e transformadas em proprietáriar das casas onde moram.

A BATALHA DA HABITAÇÃO

Se a Reforma Urbana resolveu na prática a situação de centenas de milhares de cubanos e alicerçou as bases da política governamental no que se refere ao problema da habitação, a ação do INRA, no setor agrário, imprimiu um ritmo notável à batalha contra os «bohios».

O Instituto, através do seu Departamento de Habitações Camponesas, iniciou uma ofensiva fulminante para transformar o problema habitacional no campo. A palavra de ordem foi: «Abaixo os «bohios». O plano, que muitos consideraram mirabolante, determinava a construção, no mais breve prazo, de 400 mil novas habitações para os camponeses e assalariados agrícolas.

Em fins de 1960 se havia conseguido o primeiro «milagre»: 25.000 novas moradias foram entregues aos homens do campo, a maioria delas de 2 e 3 cômodos, dotadas de banheiro completo, água encanada e luz elétrica. E, mobiliadas também.

A batalha da habitação, neste 1961, se desenvolve em ritmo acelerado. Em tôda a ilha, milhares de novas moradias estão surgindo. Nas cooperativas, os trabalhadores agrícolas e camponeses, nas horas de lazer, ajudam os operários em construção a edificar os conjuntos populacionais. Vilas se erguem do dia para a noite, onde antes não havia nada: as casas, o hospital, a escola, o cinema e teatro, a sede da associação. Nas cidades, os velhos pardieiros e as favelas são derrubados e em seu lugar estão sendo erguidos conjuntos residenciais para abrigar 300, 400 e 500 famílias.

Cuba é um viveiro de atividade, sua fisionomia muda a cada dia. À medida que a Revolução avança, surgem novas cidades e vilas. A ilha inteira é uma cidade em construção.

Saúde: Revolução Comanda Batalha Contra a Mortalidade Infantil

Um inquérito levado a cabo em 1957 apresentava o seguinte quadro: Cuba, com uma extensão territorial de 114 000 quilômetros quadrados e uma população de 6 637 000 habitantes, oferecia um quadro sanitário dantesco. Mais de 60% das habitações da população camponesa era de madeira, com tetos de «guano» (mistura de palha, lama e esterco) e piso de terra. 64% dessas choças não dispunham de qualquer instalação sanitária, 83% não possuíam banheiro nem duchas e apenas 7% contavam com instalações elétricas. A promiscuidade reinava principalmente nas famílias camponesas. Os dados revelaram que, com uma média de 6 pessoas por família, 42% das famílias dormiam em um único cômodo e 44% em dois cômodos.

Por outro lado, as escassas rendas determinavam um baixo nível alimentar para a quase totalidade da população camponesa. O inquérito de 1957 estimou em 1 000 calorias diárias o deficit na alimentação dos trabalhadores agrícolas. A péssima alimentação, aliada às terríveis condições higiênicas das habitações e à quase inexistente asistência médica determinavam uma alta percentagem de enfermidades e o índice de mortalidade infantil atingia a percentagens altíssimas.

Nas cidades, inclusive em Havana, o fenômeno era o mesmo: uma grande parte da população vivia em habitações anti-higiênicas e uma têrça parte da população de Havana vivia em «solares», conjunto com serviços sanitários comuns e de uma promiscuidade total.

A REVOLUÇÃO

O quadro encontrado pelos barbudos foi êsse. A Revolução vitoriosa competia fazer uma nova revolução: para extirpar os «bohios» (choupanas) e criar novas condições de vida para o povo. E a tarefa começou a ser cumprida no dia 2 de janeiro de 1959.

Para compreender com exatidão o que a Revolução já realizou no terreno da assistência sanitária ao povo cubano e pela erradicação definitiva das epidemias e das enfermidades, baste assinalar que o orçamento da saúde pública, que em 1959 era de 23 086 512 pesos, em 1960 ascendeu a ..... 59 328 184 pesos. Para o ano de 1961, êle foi previsto em mais de 70 milhões de pesos, o que corresponde a um aumento de 300% em relação às verbas destinadas em 1958 para os mesmos fins.

O Govêrno Revolucionário, nos seus primeiros dois anos de administração, estendeu a ação no campo da assistência sanitária a todo o país. O que não se fizera em 57 anos a Revolução fêz em 20 meses.

Nêsse período, foram criados 3 546 novos postos para médicos, dentistas, farmacêuticos, etc. O número de médicos funcionários do Ministério da Saúde Pública, foi elevado de 749 em 1958, para 1 349 em 1960.

No terreno da assistência hospitalar, o que se verificava em Cuba antes da Revolução eram a anarquia e o abandono. Depois da queda de Batista, o govêrno se lançou na batalha de recuperação dos serviços tendo obtido notáveis êxitos. De janeiro de 1959 a junho de 1960 os hospitais foram aparelhados de 7 000 novos leitos e com a construção de novas unidades hospitalares, dez delas apenas nas regiões de Escambray e de Sierra Maestra, o número de leitos aumentara em mais alguns milhares.

SERVIÇO RURAL

O plano do govêrno, no que se refere à assistência sanitária, alcançou enormes proporções no setor rural.

Com a criação de unidades de Serviço Social Rural, a assistência se estendeu a todo o território. Centenas de médicos foram colocados à disposição do Serviço e enviados para postos nas zonas agrícolas, onde atendem a cêrca de 75 casos diàriamente. Hospitais foram criados na zona rural. São casos-modêlo, com capacidade de 28 leitos e dispondo de serviços completos para atender a crianças e à maternidade. Em apenas 20 meses o Govêrno Revolucionário construiu 26 dêsses estabelecimentos, espalhados nas províncias de Escambray, Las Villas, Oriente, etc. Em tôrno dêsses hospitais foram instalados também dispensários, cujo número flutua de acôrdo com a densidade demográfica da área, com médicos e enfermeiros dispondo de meios para atender a casos de urgência e funcionando como pôsto de vacinação.

Na batalha sanitária, o Govêrno Revolucionário utiliza todos os recursos de que dispõe, criando novas condições para atender ao povo cubano eficientemente e para erradicar em definitivo as moléstias e a situação que colocava o país entre os que maior índice de mortalidade infantil acusavam na América.

A Revolução, hoje, com o grandioso plano de construção, marcha ràpidamente para dotar o povo cubano de uma assistência médica e sanitária modêlos.

Isto, Sim, é Democracia!

«Democracia é esta, em que as maiorias governam. Democracia é esta, em que os interêsses da maioria são defendidos. Democracia é esta, que assegura ao homem não apenas o direito de pensar livremente, mas o direito de saber pensar, o direito de saber escrever o que pensa e saber ler o que pensam os demais. É o direito ao pão, o direito ao trabalho, o direito à cultura, o direito a participar da sociedade. Democracia é esta, a da Revolução Cubana.

Democracia é esta, em que tu, camponês, és levado em conta e recebes a terra que recuperamos das mãos estrangeiras que a exploravam. Democracia é esta, em que tu, operário agrícola açucareiro, recebes 80 mil caballerias de terra, para que não tenham que viver em choças. Democracia é esta, em que tu, trabalhador, tens o teu direito ao trabalho, sem que te possam lançar na rua para passares fome. Democracia é esta, em que tu, estudante pobre, tens a oportunidade de obter um título universitário, desde que sejas inteligente, embora não sejas rico. Democracia é esta, em que tu, filho de operário, ou filho de camponês, ou filho de qualquer família humilde tens uma professôra e uma escola para te educares. Democracia é esta, em que tu, ancião, terás assegurado o teu sustento quando já não possas viver por teu próprio esfôrço. Democracia é esta, em que tu, cubano negro, tens o direito ao trabalho, que já não pode ser arrebatado por estúpidos preconceitos. Democracia é esta, onde tu, mulher, adquires a plena igualdade com todos os demais cidadãos e tens o direito até de empunhar uma arma para defender a tua pátria ao lado dos homens. Democracia é esta, em que um govêrno converte as fortalezas em escolas e tem como objetivo dar uma casa a cada família. Democracia é esta, que quer assegurar a cada enfêrmo o médico que o atenda. Democracia é esta, que não recruta um camponês para fazê-lo soldado, corrompê-lo e convertê-lo em inimigo do operário ou de seu próprio irmão camponês, mas que converte o soldado, não em um defensor dos privilégios, mas um defensor dos direitos de seus irmãos, os camponeses e os operários... Democracia é esta, em que um govêrno se apóia nas fôrças do povo e as une. Democracia é esta, que torna forte o povo, porque o unifica. Democracia é esta, que entrega os fuzis aos camponeses, aos operários, aos estudantes, às mulheres, aos negros, aos pobres, a todo cidadão que esteja disposto a defender uma causa justa. Democracia é esta, em que não sòmente valem os direitos da maioria, mas que entrega as armas a essa maioria. E isto só pode ser feito por um govêrno realmente democrático, onde as maiorias governem!»

FIDEL CASTRO

Analfabetismo Tem as Horas Contadas

As barcaças realizaram com êxito o desembarque dos contigentes. Nos céus, centenas de aviões realizavam a cobertura da operação e lançam, de pára-quedas centenas de toneladas de equipamentos. Verificava-se no dia 17 de junho de 1961, dois meses depois da fracassada tentativa de invasão dos mercenários, uma nova operação tendo como cenário as praias de Girón.

Desta vez, porém, a invasão daquela parte do territorio cubano tinha outros objetivos: as "tropas" que participaram da operação eram constituidas de rapazes e môças, e suas armas eram cadernos, lápis, livros, mapas e réguas. O equipamento lançado em pára-quedas pelos aviões que sobrevoavam a zona de operações, era da mesma espécie e todos lançaram-se decididamente para derrotar um inimigo terrivel do povo cubano: o analfabetismo, que deve ser exterminado definitivamente no dia 31 de dezembro de 1961.

A operação levada a cabo por milhares de jovens educadores revolucionários simboliza uma das grandes tarefas da Revolução. A ela, desde os primeiros dias que sucederam à queda do ditador Batista, o govêrno cubano se lançou com tôdas as fôrças.

Fidel, quando o govêrno peruano rompia relações com a jovem Cuba revolucionária, lançava um desafio: "que os governos latino-americanos façam como nós, e em apenas três anos acabem o analfabetismo em seus países". Em Cuba será assim: no dia 1º de janeiro de 1962, será afixado nos aeroportos da ilha o seguinte aviso: "Neste país todos sabem ler e escrever".

O QUE ERA

Cuba, como todos os países atrasados e submetidos à espoliação colocianista e imperialista, antes do dia 1º de janeiro de 1959 era um país onde uma grande parcela da população não sabia ler nem escrever. Em 1958, aproximadamente três milhões de seus seis milhões e meio de habitantes eram analfabetos. Existiam no país, regiões onde o índice variava entre 80% e 100%. Mais de 300 000 crianças em idade escolar não tinham professôres nem salas de aula. Essa situação se manteve no país desde o dia em que foi expulso o colonizador espanhol até o dia em que o último titere do imperialismo teve que abandonar às pressas a capital diante da onda revolucionária que se espraiara de Sierra Maestra pelas cidades e aldeias cubanas. Durante mais de meio século, quase metade da população da ilha viveu na ignorância e no analfabetismo, situação sustentada pelos exploradores do povo, pelos reis do açúcar e pelos patrões imperialistas norte-americanos como elemento para mais fàcilmente dominar o povo.

O QUE É

A vitória da Revolução entregou a Fidel e seus companheiros de govêrno, a tarefa de enfrentar e resolver definitivamente o problema do analfabetismo em Cuba. Os quartéis serão transformados em escolas, o problema começou a ser enfrentado politicamente. Doze das grandiosas edificações que abrigavam em tôda a ilha os homens e as armas que sustentavam o domínio imperialista sôbre o povo cubano, foram imediatamente, transformadas em escolas por decreto do govêrno revolucionário. O campo Colúmbia, o maior centro militar de Cuba, que abrigava a nata do exército de Batista, foi transformado numa cidade escolar e passou a se chamar Campo da Liberdade. Ali está instalado o ministério da Educação e numerosos estabelecimentos de ensino de nível primário e profissional. Milhares de crianças ocupam os salões e galpões onde antes se localizavam soldados e armamentos. O quartel de Moncada, que viu nascer a luta armada do povo cubano contra o tirano Batista, também foi transformado em centro de ensino, o mesmo ocorrendo com as outras casernas.

Em setembro de 1959, depois de nove meses de ação, o govêrno revolucionário aprova a Lei 561 que determina a construção de 10 000 salas de aulas para atender às necessidades mínimas da população infantil em idade escolar, na época estimada em 1 600 000 crianças.

A Lei 561, pode-se dizer, constituiu o primeiro passo em grande escala para a solução do problema. Depois do início da sua aplicação, o govêrno se lançou decididamente à campanha e, já em fins de 1960, Cuba apresentava como resultados práticos da batalha contra o analfabetismo os seguintes números: 16 000 escolas, 15 grandes centros escolares e 12 quartéis transformados em estabelecimentos de ensino. Nesse período, milhares de professôres foram enviados para o campo a fim de ocupar as milhares de vagas que surgiram com a edificação das novas escolas, e cartilhas e livros foram impressos aos milhões.

O govêrno vencera espetacularmente o primeiro embate travado contra o analfabetismo; lançara-se também decididamente no campo da instrução profissional, média e superior com a criação de novos e a ampliação de novas e velhas escolas, e se preparava para entrar no ano de 1961 com munição suficiente para decidir a "guerra" antes de 1962.

O QUE SERÁ

Tecnicos da UNESCO que trabalharam com os especialistas do govêrno revolucionário cubano na reforma do ensino, afirmaram que o analfabetismo na ilha só seria extinguido em 10 anos. Mas, a Revolução está mostrando que sua fôrça é capaz de vencer o tempo. Três anos só bastarão para vencer o inimigo: o povo cubano verá o analfabetismo desaparecer do seu país sete anos antes do prazo previsto.

A batalha final está sendo travada por tôda a população. Milhares de môças e rapazes, estudantes das grandes cidades, estão se deslocando para o campo a fim de participar da luta. Nas escolas construidas e que estão em vias de acabamento aprenderão aquêles que couberem. Quando não fôr possivel ao analfabeto, homem ou mulher ir à escola, a escola irá a êle. Assim está ocorrendo em todos os recantos da ilha. Os jovens que desembarcaram em Girón se aprofundaram pelo territorio a dentro à caça do inimigo: no lar onde houver um analfabeto haverá um professor. Isso ocorre hoje em Cuba, e numa escala tão grandiosa que milhares de estudantes se transformaram em professôres para atender ao apêlo do govêrno revolucionário.

CULTURA PARA TODOS

Se no campo das primeiras letras o panorama se apresenta da forma acima descrita, diferente não é a situação em outros setores do ensino. Compreendendo a necessidade de formar cada vez mais técnicos, especialistas, médicos, engenheiros, arquitetos, agrônomos, etc. indispensáveis à edificação do progresso do país, o govêrno cubano dedica a êsse setor da educação uma atenção destacada. Foram criadas dezenas de escolas para a formação de técnicos agrícolas e industriais. As universidades tiveram suas portas abertas ao povo. Já em janeiro de 1961, para se ter idéia de como o govêrno revolucionário ampliou as possibilidades de estudo de nível médio, profissional e superior para os filhos dos camponeses e trabalhadores, Fidel Castro anunciava que o número de bôlsas concedidas era maior que o de candidatos.

A NOVA EDUCAÇÃO

Uma das grandes conquistas da revolução cubana no terreno da educação, é a reforma do ensino que se processou em Cuba. A sua primeira característica é a democratização. Hoje, o govêrno cubano orienta sua política educacional no sentido de proporcionar a escola para todos; conseguindo isso através da construção de milhares de estabelecimentos e centros de ensino e do fornecimento de meios capazes de assegurar aos jovens trabalhadores e camponeses a possibilidade real de completarem efetivamente os cursos fundamentais e se especializarem, depois, nos diversos setores.

Outra, é o sentido nôvo que foi dado à educação, libertando-a dos velhos e ultrapassados padrões que predominavam no país, principalmente no que se refere aos cursos médios, profissionais e de nível universitário. Hoje, a educação está profundamente ligada à vida em Cuba.

O que se poderia chamar de base para a nova educação, é o Centro Escolar "Camilo Cienfuegos", edificado na Sierra Maestra, que deverá abrigar 20 000 crianças. O número está ligado às 20 000 vítimas da tirania de Batista, e alguns milhares dessas crianças que já estudam na Sierra são filhos ou irmãos daqueles que tombaram sob o guante do tirano. No centro escolar "Camilo Cienfuegos", hoje escola primária, que mais tarde abrangerá cursos de nível mais elevado, o sistema de ensino é completamente diferente e sua experiência servirá de base para a criação de novos estabelecimento semelhantes. Além disso, o govêrno Fidel Castro acelera o programa de formação de técnicos e especialistas nos mais diversos setores, através de cursos de orientação pedagógica completamente nova, que os capacitará ràpidamente a exercerem, ao mesmo tempo que concluem outros cursos de aperfeiçoamento, atividades na indústria e na agricultura.

A batalha da educação à qual se liga a da difusão da cultura, já está vencida em tôda a sua primeira etapa. A liquidação do analfabetismo e a ampliação das possibilidades escolares para todos são uma realidade. A recente nacionalização dos estabelecimentos de ensino particular que ainda subsistiam em Cuba, vieram permitir ao govêrno abrir novas escolas para todo o povo.

Cuba, a partir do dia 1º de janeiro de 1962, será o primeiro país da América Latina sem analfabetos; será aquêle em que o ensino é verdadeiramente democrático porque o povo a êle terá fácil acesso. As universidades que já existem e as que estão sendo edificadas serão os centros que formarão uma nova juventude com uma nova mentalidade: voltada inteiramente para a construção pacífica do socialismo e para criar o bem-estar para os milhões de trabalhadores e camponeses que até ontem eram explorados e humilhados pelo imperialismo.

Mundo Socialista Ajuda Revolução

Repressão do petróleo, bloqueio econômico, corte das quotas de açúcar, suspensão do intercâmbio comercial — o imperialismo norte-americano atingido pelas reformas realizadas em Cuba depois da vitória da Revolução, ferido principalmente pela reforma agrária que desapropriou os grandes latifúndios de propriedade de firmas ianques, iniciou a guerra econômica contra o vizinho país, depois do primeiro semestre de 1959.

O govêrno de Fidel Castro e o povo cubano tinham diante de si um inimigo perigoso que começava a batalha para reassumir o domínio que vinha perdendo paulatinamente, através da adoção de sanções econômicas. Pretendia-se, com isso, vergar os revolucionários e o povo valente pela fome e pela falta de recursos.

Se a época fôsse outra, é possível que os norte-americanos tivessem vencido a batalha, mas a verdade é que desde o primeiro momento o povo cubano e o seu govêrno contaram com a ajuda decisiva dos países do campo socialista que lhes permitiu enfrentar e derrotar o "colosso ianque" na primeira grande batalha em defesa da Revolução.

A «GUERRA ECONÔMICA»

Cuba, como todos os outros países latino-americanos, viveu desde o dia em que o colonialista espanhol foi expulso da ilha, sob o guante político e econômico dos Estados Unidos. Os imperialistas ianques substituíram os antigos patrões espanhóis e instalaram-se no país como os novos donos, realizando durante quase 60 anos uma política de opressão e espoliação. Cuba, nesse período, viveu na total dependência do vizinho do norte. Só podia produzir açúcar, algumas frutas e explorar certas matérias-primas para exportação (note-se que grande parte da produção estava nas mãos dos ianques). O resto, importava dos Estados Unidos. A maior parte do que se consumia em Cuba, até há bem pouco tempo, tinha a marca "made in USA". Trigo, petróleo arroz, tomate, artigos da indústria leve como geladeiras, rádios e até móveis vinham das costas da Flórida.

Dispondo dessa arma poderosa, os Estados Unidos deram início à guerra econômica contra Cuba. As batalhas mais importantes e decisivas se travaram nas frentes do açúcar e do petróleo. A reforma agrária e a desapropriação dos latifúndios de propriedade das grandes emprêsas açucareiras norte-americanas que operavam em Cuba, os Estados Unidos responderam com a diminuição progressiva das quotas. Acreditavam esmagar a Revolução sob as toneladas de açúcar que não seriam mais exportadas depois da decisão do govêrno norte-americano. Logo depois, quando Cuba resolveu ampliar seu comércio mundial e adquiriu a preços mais vantajosos petróleo da URSS, os ianques investiram contra o govêrno revolucionário impedindo que as refinarias da Standard Oil e de outros trustes petrolíferos refinassem o petróleo soviético. À intervenção do Govêrno Revolucionário nas companhias petrolíferas, seguiu-se a suspensão pelos ianques, de todo o fornecimento de óleo cru e derivados para a ilha.

Naquele momento a balança da vitória pendia, aparentemente, para o lado do imperialismo. Os homens do Departamento de Estado e de Wall Street anteviam satisfeitos a "próxima queda do filo-comunista Fidel Castro". Na sua opinião, sem dinheiro para negociar e sem petróleo para movimentar o país a Revolução estancaria e a situação se agravaria de tal maneira que o próprio povo iria obrigar o govêrno a ceder ao imperialismo.

A SEGUNDA FRENTE

Mas, os cálculos falharam. Os imperialistas não contavam com uma segunda frente a favor dos revolucionários. A primeira cabeça-de-ponte foi estabelecida em fevereiro de 1960. Precisamente no dia 4 dêsse mês, descia no aeroporto de Havana um dirigente soviético, Anastás Mikoyan. Iniciava-se assim a reação contra a agressão econômica do imperialismo, com os países socialistas participando decisivamente da batalha que já se desenhava vitoriosa.

O primeiro acôrdo comercial entre Cuba e um país socialista, a URSS, foi celebrado durante a estada de Mikoyan na ilha. Por êle, o govêrno soviético concedia um crédito de 100 milhões de dólares a Cuba, cobrando juros de 2,5% ao ano; adquiria imediatamente 425.000 toneladas de açúcar que os ianques haviam deixado de comprar e se comprometia a adquirir, nos 4 anos seguintes, um milhão de toneladas do produto anualmente. Era a primeira derrota dos agressores.

A batalha do petróleo começou no dia 17 de abril de 1960, data em que aportou no cais de Havana o petroleiro soviético "Andrei Vichinski", trazendo em seu bojo 80.630 barris de óleo cru, primeira remessa das 900 mil toneladas adquiridas pelo govêrno cubano na União Soviética. À chegada do barco soviético seguiram-se a reação dos trustes, a intervenção e a suspensão do fornecimento pelas emprêsas imperialistas.

A resposta veio com a verdadeira ponte estabelecida entre a URSS e Cuba. De abril a agôsto de 1960, os barcos petroleiros soviéticos transportaram para a ilha 4.363.528 toneladas de petróleo, eliminando assim a ameaça de paralisação dos serviços essenciais, surgida depois da represália imperialista.

Derrotado nas duas frentes principais, graças à ação dos países socialistas, Washington prosseguiu na guerra econômica suspendendo progressivamente todo o intercâmbio com a ilha. Procurava-se, agora, não mais derrotar a Revolução a curto prazo, mas criar um ambiente de insatisfação entre o povo, privado de gêneros essenciais à sua vida, que culminaria com uma rebelião contra Fidel.

A RESPOSTA DEFINITIVA

Cuba enfrentou a nova ameaça decididamente. O Govêrno Revolucionário, com as armas das reformas já iniciadas, travou a batalha da produção interna e procurou novamente suprir-se do que lhes era negado pelos norte-americanos nos países socialistas. As missões começaram a viajar pelos países socialistas e assinar acôrdos econômicos. Durante o segundo semestre de 1960, quatro foram as delegações comerciais cubanas que visitaram a Polônia, Tchecoslováquia, República Democrática Alemã, Bulgária, Romênia, URSS, China e Hungria. Em todos êsses países foram assinados tratados de ajuda econômica e colaboração, culminando as negociações com a viagem do ministro Ernesto "Che" Guevara, que assentou definitivamente as bases da participação dos países socialistas na batalha da produção e da industrialização independentes de Cuba.

O QUE FAZEM OS PAÍSES SOCIALISTAS

A colaboração dos países socialistas para o desenvolvimento da ilha se faz em escala grandiosa. A China assinou um Tratado Comercial com o govêrno de Havana, através do qual concede um crédito de 60 milhões de dólares sem cobrar um vintém de juros. Além disso, o govêrno chinês se comprometeu a importar 1 milhão de toneladas de açúcar cubano anualmente.

A Polônia, a República Democrática Alemã e a Tchecoslováquia instalarão no país, neste ano e em 1962, 57 estabelecimentos industriais, desde usinas siderúrgicas até fábricas de artigos plásticos. Os acôrdos assinados com êsses países prevêm também a instalação de usinas hidro e termo-elétricas. Sòmente a Alemanha Democrática e a Tchecoslováquia instalarão em Cuba, nesse período, 11 emprêsas que produzirão artigos de consumo popular, entre as quais uma fábrica de refrigerantes com capacidade inicial de produção de 40 mil unidades anuais.

Êsses acôrdos, além de proporcionar ao Govêrno Revolucionário Cubano o incremento da produção de diversos cultivos agrícolas que serão exportados para os países socialistas, da exploração industrial das reservas minerais do país e garantir uma mercado amplo (mais de 1 bilhão de sêres humanos) para a sua produção de açúcar, estão permitindo a eliminação definitiva das condições de desemprêgo total e de subemprêgo existentes na ilha durante os anos em que estêve sob a dominação imperialista.

A ajuda econômica dos países socialistas e o intercâmbio comercial iniciado em 1960, frustraram definitivamente a agressão econômica praticada pelo imperialismo contra Cuba e se constituíram em poderoso instrumento para acelerar a industrialização do país. Os créditos concedidos, vultosos e em condições vantajosas, e a construção de mais de uma centena de emprêsas industriais em Cuba pelos países socialistas, sòmente em 1961 e 1962, aliados à intensificação do comércio e ao fornecimento de técnicos para orientar as novas gerações de especialistas que se formam na ilha, são a base da revolução nesse terreno.

A OUTRA AJUDA

A solidariedade do campo socialista à Revolução e ao povo cubano não se fêz e se faz apenas no terreno econômico. Ela se verifica também no campo político. Antes, durante e depois da fracassada tentativa de invasão dos mercenários a serviço de Washington, os países socialistas, a União Soviética à frente, declararam seu inteiro apoio ao povo cubano contra qualquer agressão militar que se verificasse contra a ilha, partisse de onde partisse.

"... Sendo necessário — declarava Kruschiov em 9 de julho de 1960 — os artilheiros soviéticos podem apoiar o povo cubano com os seus foguetes, se as fôrças agressivas do Pentágono se atreverem a lançar uma intervenção contra Cuba".

Durante a invasão contra-revolucionária da ilha, os países socialistas se colocaram imediatamente ao lado do povo cubano e exigiram e impediram que os norte-americanos levassem mais longe a trágica aventura que terminou 72 horas depois dos primeiros desembarques de mercenários. Muitas das armas com as quais os milicianos de Fidel exterminaram o invasor mercenário tinham as marcas de fábricas tchecoslovacas e soviéticas. A ilha ameaçada foi amparada naturalmente, pelos países socialistas, também no terreno da ajuda militar que possibilita ao seu povo os meios para enfrentar adequadamente aqêles que pretendem destruir a Revolução que já é socialista.

A pequena ilha a 90 milhas da costa da Flórida está construindo a felicidade do seu povo com as obras da Revolução e a solidariedade e a ajuda fraterna da comunidade dos povos socialistas, bem como dos povos de todo o mundo.